

UNIVERSIDADE DO VALE DOS SINOS – UNISINOS
Programa de Pós-Graduação em História

FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA
NA ÓTICA DE ÉRICO VERÍSSIMO E VIANNA MOOG.

Enildo de Moura Carvalho

São Leopoldo.
Março de 2006.

Enildo de Moura Carvalho

FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA
NA ÓTICA DE ÉRICO VERÍSSIMO E VIANNA MOOG.

Dissertação apresentada como requisito parcial e final a obtenção do título de Mestre em História do Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Professor Dr. Flávio Madureira Heinz.

São Leopoldo.

Março de 2006.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

C331f Carvalho, Enildo de Moura
Formação cultural brasileira e a norte-americana na ótica de
Érico Veríssimo e Vianna Moog / por Enildo de Moura Carvalho .
– 2006.
135 f. : 30cm.
Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2006.
“Orientação: Prof. Dr. Flávio Madureira Heinz, Ciências
Humanas”.
1. Formação cultural – Brasil – Estados Unidos. I. Título.

Catlogação na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

Aos meus pais:
Adão Lopes Carvalho e
Noemi L. Moura Carvalho

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho contou com o apoio e ajuda de muitas pessoas, às quais devo meus agradecimentos.

Inicialmente, agradeço o acolhimento e dedicação que me foi dispensado pelos professores do PPGH, em particular àqueles com quem mantive contato no decorrer desse curso. Suas sugestões e discussões em sala de aula ou extra-aula, foram significativas para a construção de idéias e pesquisas.

Agradeço, em especial, ao professor Flávio Heinz, pelas sugestões e pela orientação que muito contribuíram para o melhor desenrolar desta pesquisa. Sou grato por sua paciência, experiência e amizade.

Ao professor Mozart Linhares pelo auxílio na construção dessa problemática e pelo incentivo. Da mesma forma, agradeço ao Éder Silveira pelas valiosas sugestões acerca do projeto de pesquisa.

Contribuíram as discussões com os colegas Miguel, Bartel, Márcio, Eliane, Aline, Cabrera, Manuel, Cinara, Rudinei e Deuza.

Agradeço ao pessoal da secretaria do departamento, em especial, a Janaína pela sempre solícita atenção e eficiência.

À CAPES que custeou os gastos com disciplinas e pesquisa.

Agradeço aos meus familiares pela confiança e apoio, especialmente à minha mãe, minha primeira professora.

À minha esposa, Rosângela, pelo espírito de compreensão acerca da diversidade do conhecimento e do pensamento humano.

Enfim àqueles que colaboraram com a elaboração desse trabalho que porventura não estejam aqui elencados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. VIANNA MOOG E ÉRICO VERÍSSIMO NA GERAÇÃO DE 1930-40.....	12
1.1. Autores e obras.....	14
1.2. Estados Unidos: uma mudança de trajetória.....	19
1.3. Entre iberismo e modernidade.....	26
1.4. Construção reflexiva por meio do estilo ensaístico.....	32
1.5. A história revisita o ensaio.....	35
1.6. A metáfora como recurso discursivo.....	38
2. FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA SOB A ÉTICA RELIGIOSA	43
2.1. Calvinistas de um lado e católicos de outro.....	47
2.2. A comparação hierarquizada a relação entre modernos e tradicionais.....	53
2.3. Formações sociais, nacionalismo e utilitarismo.....	59
2.4. Formação desajustada de brasileiros e de norte-americanos.....	64
2.5. Frente ao espelho.....	77
3. OLHAR COMPARATIVO POR MEIO DE METÁFORAS E IMAGENS	82
3.1. O estranhamento diante do inusitado – o diferente.....	83
3.2. A harmonia em seus demônios internos.....	88
3.3. Como não dizer “não” e como não dizer “sim”.....	92
3.4. Despindo-se de conceitos ao vestir a extravagância.....	99
3.5. Duas histórias, dois destinos.....	103
3.6. Seriam tristes o brasileiro e o norte-americano?.....	107
3.7. O simbolismo de Lincoln e Aleijadinho entre brasileiros e norte-americanos....	114
3.8. No Brasil a cultura se faz no ócio e na arte.....	118
3.9. As lições e exemplos de Aleijadinho e Lincoln.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130

RESUMO

O presente trabalho analisa a formação cultural brasileira em comparação com a norte-americana, conforme as obras *Gato preto em campo de neve* e *A volta do gato preto* de Érico Veríssimo e *Bandeirantes e pioneiros* de Vianna Moog. Contemporâneos da geração que marcou as décadas de 1930 – 40, Veríssimo e Moog foram convidados a residir nos Estados Unidos para fins de intercâmbio cultural, o que lhes permitiu construir as obras citadas. Algumas temáticas predominavam na discussão dos autores, como a comparação dos níveis de desenvolvimento e modernização entre Brasil e Estados Unidos. No entanto, a maior atenção de Moog e Veríssimo parece apontar para o reconhecimento do Brasil em suas peculiaridades culturais, em sua brasilidade. Para isto, os autores se valem do discurso que transita ora no campo da narrativa literária, ora no campo das ciências sociais. Diante disto, esta dissertação está organizada em três capítulos.

Palavras chaves: formação cultural, Brasil, Estados Unidos, comparação, Veríssimo, Moog.

ABSTRACT

This thesis analyzes the formation of Brazil's culture as compared to the North American culture according to the view of two Brazilian authors: Érico Veríssimo, in his books *Gato preto em campo de neve* and *A volta do gato preto*, and Vianna Moog, in his book *Bandeirantes e pioneiros*. Both authors belonged to the epoch-making generation of Brazilian authors who began to write in the thirties and forties of the 20th century. Both had the opportunity to live in the United States as participants of a cultural exchange program, which made it possible for them to create the mentioned books. Some topics were predominant in the authors' discussion, such as the comparison between the level of development and modernization in Brazil and in the States. However, both Veríssimo and Moog seem to focus their attention on the recognition of Brazil in its cultural peculiarities, in its idiosyncratic character. To do this, both authors used the discourse of literary narrative and the discourse of social science. This is why the thesis is organized in three chapters.

Key words: culture formation, Brazil, United States, comparison, Veríssimo, Moog.

FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA NA ÓTICA DE ÉRICO VERÍSSIMO E VIANNA MOOG.

Introdução

A periodização proposta neste trabalho – 1930-54¹ – destaca uma geração de intelectuais cuja ambição central foi a de compreender a cultura brasileira. Em razão disso, diversos debates, ações e discursos se realizaram a fim de visualizar a fundação do Brasil nos limites da “tradição ibérica”², ou da aproximação aos indicativos da “modernidade”³, o que permitia questionar a formação das identidades culturais brasileiras, sobretudo uma identidade nacional, cujas sementes a Semana de Arte Moderna faria germinar desde 1922. Assim,

¹ Alfredo Bosi afirma que não é fácil separar os momentos internos do período que vem de 1930 até nossos dias. Entretanto, o autor utiliza algumas periodizações visando melhor compreender os novos rumos que foram se delineando na intelectualidade brasileira da época. “Estão aí as obras que de 30 a 40 e a 50 mostram à sociedade que novas angústias e novos projetos informavam o artista e o obrigavam a definir-se na trama do mundo contemporâneo.” No período de 30 a 40, o autor observa o destaque do ensaísmo social, da ficção regionalista e o romance introspectivo. De 1940-50, salienta-se a discussão acerca do desenvolvimento, tema central em Vianna Moog. BOSI, 1984, p. 438. Assim, utilizarei a categoria “geração de 1930-40”, embora Moog tenha publicado *Bandeirantes e pioneiros* em 1954.

² Lúcia Lippi de Oliveira diz que “atrasado e subdesenvolvimento tem sido a forma de classificar o Brasil em comparação com os países adiantados do mundo capitalista, ou seja, a expressão da posição subalterna do Brasil no concerto das nações. Para muitos intelectuais e pensadores, o atraso é consequência da persistência histórica do mundo ibérico, incapaz de possibilitar a criação dos fundamentos da razão moderna. A herança ibérica seria assim uma espécie de determinação estrutural, a matriz de uma gramática, que regularia a marcha da história”. OLIVEIRA, 2000, p. 47.

³ José Carlos Reis diz tratar-se de uma revolução cultural ocorrida na criação das futuras nações – as comunidades imaginadas – como descritas por Benedict Anderson, a cujos fatores relevantes (expansões intercontinentais, encorajamento do capitalismo e das comunicações) somam-se outros, como o nascimento do indivíduo, a Reforma religiosa (o tempo profano desafiava o sagrado com a promessa da secularização); o humanismo surgia com a elevação do homem ao centro do universo, além da racionalidade iluminista, à qual o Estado burocrático, recém criado, seria tributário. Modernidade pode aparecer ainda em termos correlatos como modernismo e modernização. REIS, 2003, p. 22. Ver também ANDERSON, 1993, p. 62.

inúmeras perguntas eram lançadas: “Quem somos nós? Como chegamos a ser deste jeito? Existe futuro, num mundo civilizado, para um povo racialmente miscigenado?”⁴

Como parte dessa geração e dessa discussão, surgem os romancistas Érico Veríssimo e Vianna Moog, dispostos a redescobrir uma nova “brasilidade”⁵ – alusão aos cem anos da independência comemorada na década anterior. Entre a construção literária e a produção ensaística, Veríssimo e Moog projetam suas criações artísticas e intelectuais, em especial a publicação de ensaios comparativos, visando a compreender o Brasil tendo por referência os Estados Unidos, país onde ambos residiram no decorrer da década de 1940. Dessa maneira, a formação norte-americana se projetou ao olhar destes autores como um espelho em que o Brasil poderia se ver ao discutir sua formação cultural e realidade social.

Projetar uma nova brasilidade significava retomar aspectos da realidade brasileira, a exemplo do que Veríssimo e Moog fazem ao analisar os níveis de modernização e desenvolvimento do Brasil, contrastando a tradição ibérica brasileira e a modernidade predominante entre os norte-americanos, à qual os autores haviam tido acesso por meio de estudos e observações.

Ainda pelo enfoque da modernidade e do iberismo, Veríssimo e Moog se permitem reconhecer o Brasil, notadamente em sua afirmação religiosa, na constituição de simbologias, imagens e heróis que animou ou fundamentou sua realidade social. Por esse prisma visualizam também a possibilidade humanística do brasileiro frente à racionalidade predominante na formação norte-americana. Racionalidade, esta fiadora da ética do trabalho, da ordem protestante calvinista dos Estados Unidos. No Brasil, constatariam os autores, prevaleceria o ócio em detrimento da razão espontânea do trabalho.

O discurso comparativo dos autores entre Brasil e Estados Unidos está posto especialmente em três obras, as quais constituem o objeto fundamental na elaboração deste trabalho. Duas dessas obras foram escritas por Érico Veríssimo, *Gato preto em campo de*

⁴ SKIDMORE, 1994, p. 71.

⁵ Marcos Napolitano diz que brasilidade é uma tentativa de responder sobre o enigma: “o que é o Brasil, o que são os brasileiros? [...] alguns dos momentos mais fecundos das artes e da reflexão intelectual em nosso país foram aqueles que se debruçaram sobre esse problema e, antes de expressá-lo objetivamente, tentaram equacioná-lo.” NAPOLITANO, 2003, p. 306.

*neve*⁶ e *A volta do gato preto*⁷, e a terceira, *Bandeirantes e pioneiros*⁸, foi escrita por Vianna Moog.

Além de aproximar o discurso literário às ciências sociais, tais obras se utilizam de um enfoque de tipo comparativo. A este respeito, Tzvetan Todorov assinala que “o conhecimento dos outros não é simplesmente um caminho possível para o conhecimento de si mesmo: é o único. Nenhuma civilização pode se pensar a si mesma se não dispõe de outras para servir de termo de comparação.”⁹

A escolha do tema nasce do desejo de retomar o discurso de Érico Veríssimo e Vianna Moog, dois autores marcantes na intelectualidade brasileira, notadamente na geração de 1930-40, época da inserção no círculo dos intérpretes da formação brasileira¹⁰. É neste período que se dá a publicação das obras acima citadas de Veríssimo. Embora pertença a esta geração, Moog publicou *Bandeirantes e pioneiros* na década de 1950.

Retomar esses atores e obras justifica-se, ainda, pela possibilidade de construir o discurso histórico na aproximação a outros modos discursivos, como a narrativa literária e o ensaísmo.

Objetiva-se, portanto, analisar os discursos de Vianna Moog e Érico Veríssimo, especialmente os discursos que, a um só tempo, referem-se à formação cultural brasileira comparada com os Estados Unidos e que reproduzem as idiosincrasias de uma geração de intelectuais contemporâneos. Com esta intenção, organizei o trabalho em três capítulos.

No primeiro, analiso a trajetória de Érico Veríssimo e Vianna Moog nas décadas de 1930-40. Para tanto, procuro mostrar a inserção dos autores no cenário intelectual da época por meio da produção literária e do ensaísmo, o que não lhes garantia, todavia, a chancela da produção universitária em ascensão na época.

⁶ VERÍSSIMO, Érico. *Gato preto em campo de neve*. 23. ed. São Paulo: Globo, 1998b. A primeira publicação desta obra ocorreu em 1941.

⁷ VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. 18. ed. São Paulo: Globo, 1998a. Em 1947, circulou a primeira edição desta obra.

⁸ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. A primeira edição deste livro é de 1954.

⁹ TODOROV, 1993, p. 98.

¹⁰ A respeito de *Bandeirantes e pioneiros*, Skidmore diz que “não é de se surpreender que o livro de Moog tenha tido enorme sucesso no Brasil e que tenha sido continuamente reeditado desde a sua publicação 1955”. SKIDMORE, 1994, p. 45.

Mesmo assim, os autores utilizam suas obras, em geral romances e ensaios, para discutir a formação da sociedade brasileira tendo por referência comparativa a imagem norte-americana. Diante disso, a pergunta que orienta este capítulo é esta: Qual foi a postura intelectual predominante assumida pelos autores perante temáticas e estratégias elaboradas ou herdadas pela geração de 1930, como iberismo, modernidade, ensaísmo, aproximação da literatura com as ciências sociais, utilização de figuras de linguagem, e que permitiu a ambos, a um só tempo, compreender a realidade histórica brasileira e alavancar suas carreiras enquanto intérpretes reconhecidos no âmbito nacional e internacional?

O segundo capítulo busca compreender, a partir de Moog, o papel do catolicismo na formação da cultura brasileira e do protestantismo na cultura americana. Da mesma forma, Érico Veríssimo trata em suas memórias da ética religiosa, ao discutir sua importância na formação das linhas mestras da cultura norte-americana e brasileira. Em função disso, o capítulo questiona: Como eles, na condição de brasileiros que residiram e trabalharam nos Estados Unidos, reconheciam a cultura do Brasil e suas possibilidades de desenvolvimento diante do referencial norte-americano?

O terceiro capítulo toma por referência a construção de metáforas, imagens e passagens episódicas das obras em destaque, uma vez que esse recurso literário é utilizado pelos dois autores em suas obras, em especial as narrativas identitárias de brasileiros e anglo-americanos. Neste sentido, a perspectiva que orienta o capítulo é a de compreender a formação de simbologias e heróis que são tomados como representantes da sociedade brasileira, casos do jabuti, Pedro Malazartes, mazombo, o malandro, Aleijadinho e Abraão Lincoln no alinhamento com algumas metáforas e imagens que serão utilizadas pelos autores.

1. VIANNA MOOG E ÉRICO VERÍSSIMO NA GERAÇÃO DE 1930-40

O início da trajetória literária de Érico Veríssimo e de Vianna Moog remonta à década de 1930, o que os situa em uma geração de intelectuais, escritores e obras cujo argumento central sinalizava para a construção de uma nova consciência brasileira. José Carlos Reis fala de uma consciência que abordava o Brasil em suas peculiaridades formadoras, que defendia a inclusão dos marginalizados da sociedade oligárquica, como negros e índios, que podia redescobrir e reconstruir o Brasil pela via da ação social, política, literária, pela música e pelas artes plásticas, ao contrário do projeto excludente efetivado pelos conquistadores do passado¹¹.

Ao falar desse período, Alfredo Bosi indica entre os principais autores da época os expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Prado, Cândido Mota Filho, Menotti del Picchia, Sérgio Millet e outros que os seguiram já nos anos de 1930, como Drummond, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, o próprio Érico Veríssimo, Vianna Moog e Caio Prado Junior, além dos que os precederam, como Euclides da Cunha, Graça Aranha e Monteiro Lobato. Todos eles se encontravam imbuídos em pensar ou repensar o país, fosse em atendimento às novas exigências sociais brasileiras ou em atenção às seduções da cultura ocidental, diz o autor¹².

As novas exigências sociais brasileiras, como sugere Bosi, sinalizavam para o sentimento de engajamento que estaria em pauta entre os romancistas das décadas seguintes.

¹¹ REIS, 2001, p. 118.

¹² BOSI, 1984, p. 344 e 345.

Para eles, segundo o autor, valia a frase de Camus: “O romance é, em primeiro lugar, um exercício da inteligência a serviço de uma sensibilidade nostálgica ou revoltada.”¹³

Quanto aos efeitos da cultura ocidental, Alfredo Bosi diz que estes se refletiram, inicialmente, no pensamento influenciado pelas leis positivistas da raça e do clima, daí a conseqüente negatividade atribuída à mestiçagem e à formação tropical brasileira. Essas temáticas cediam espaços para a nova reflexão que se projetava acerca da formação cultural a partir da geração de 1930¹⁴. Todavia, tanto o pensamento positivista quanto o olhar cultural se mostravam alinhados aos atrativos internacionais, perfazendo um movimento de aproximações e deslocamentos face aos referenciais originários da Europa ou dos Estados Unidos, conforme Mirian Jorge Warde¹⁵.

O olhar da elite intelectual brasileira no espelho internacional fazia parte de um projeto de construção da identidade e unidade nacional brasileira posto em andamento desde a independência do país em 1822. Neste sentido, diz Warde, a imagem refletida pelo Novo Mundo sinalizado pelos Estados Unidos ganhava dimensão no imaginário brasileiro em detrimento da tradição européia, considerada envelhecida e conflituosa – notadamente no período posterior a Primeira Guerra Mundial.

A respeito da imagem projetada pelos Estados Unidos, Lúcia Lippi de Oliveira diz:

O século XX foi, certamente o século americano. Nada mais natural que seu início tenha sido marcado por uma literatura que discutia e questionava a presença dos Estados Unidos no mundo e na América do Sul em particular. Fins de século propiciam balanços e avaliações do que fomos, propostas do que queremos vir a ser. O confronto entre monarquia e república era, então, além de tema recorrente, um divisor de águas no campo das elites políticas e culturais.¹⁶

¹³ Citado por BOSI, *ibid.*, p. 439. Ver também em Maria da Glória Bordini: “Essa tendência secular de representar o que se passa no país na literatura, para conferir-lhe uma feição própria, se radicaliza na Geração de 30, que lhe atribui uma função não apenas identificadora, mas formativa: o romance deve expressar o modo de ser das sociedades mais ou menos reacionárias do Brasil, para, denunciando-as, conscientizar o povo a reagir contra elas. Ao nacionalismo tradicional, reúne-se, em 30 (na verdade, desde 22), um projeto de modernização que lê o Brasil conforme a malha ideológica de cada grupo. Todos continuam buscando uma identidade, que varia segundo o ideário adotado e as formas de luta nele implicadas.” BORDINI, 1995, p. 56.

¹⁴ VENTURA, 1991, p. 38 e 41.

¹⁵ WARDE, 2000, p. 38.

¹⁶ OLIVEIRA, 2001, p. 136.

O pensamento literário de Veríssimo e Moog surge, portanto, no interior de uma nova perspectiva, cuja projeção se mantém focada no parâmetro externo, ao mesmo tempo em que adere, no caso da literatura, a um romance empenhado no reconhecimento social, o que a conduziu a uma maior aproximação às ciências sociais, especialmente à sociologia, à antropologia, ao ensaio e à História, cujas reflexões assumiam caráter acadêmico com a recém fundada Universidade de São Paulo¹⁷.

1.1. Autores e obras

As trajetórias intelectuais de Vianna Moog e Érico Veríssimo se deram por vias diferentes, embora ambos pertencessem à mesma geração de romancistas e ensaístas que se lançaram às letras no decorrer da década de 1930.

Sérgio Miceli¹⁸ conta que, antes de se projetar como romancista, Érico Veríssimo passou por sucessivos percalços de ordem familiar, escolar e financeira durante sua infância e adolescência. Pertencente a uma família atravessada por crises de ordem relacional e pela separação de seus pais, Érico viu-se forçado a dividir o tempo do estudo com o trabalho, face à necessidade de gerir seu próprio sustento em sua cidade natal, Cruz Alta, interior do Rio Grande do Sul. Em decorrência disso, o jovem Érico não chegou a concluir o curso ginásial, embora tenha estudado por três anos em colégio interno de Porto Alegre, ocasião em que se transferiu para a capital.

Segundo Miceli, a difícil relação de Veríssimo com os estudos não foi caso isolado, pois outros autores, como Graciliano Ramos, também foram vítimas da quase exclusão do sistema de ensino, tendo em vista a precariedade reinante na escola e no corpo de educadores, cuja inabilidade ou ausência de formação superior gerou dificuldades ou mesmo insucesso para muitos estudantes, futuros romancistas.

¹⁷ Neste mesmo sentido, Alfredo Bosi afirma: “Na década de 30, mais moderna do que modernista, [...] iria assumir o devido lugar com o advento de pesquisas antropológicas sistemáticas: uma nova visão do Brasil sairia dos ensaios de Artur Ramos, Roquette Pinto, Gilberto Freyre, Caio Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Fernando de Azevedo. Persistiria, no entanto, o interesse de detectar as qualidades e os defeitos do homem brasileiro, ou seja, o caráter nacional, noção cheia de ciladas.” BOSI, 1984, p. 428.

¹⁸ MICELI, 2001, p. 183.

Iniciar a carreira literária sem dispor de diploma de curso superior, caso de Érico Veríssimo, constituía ônus para quem buscava espaço no cenário literário. Por outro lado muitos autores, estando habilitados com tal documento, se lançavam na concorrência por cargos públicos previamente reservados aos “parentes pobres”¹⁹, uma vez que o diploma fazia valer o capital social do formado em suas relações com quem estivesse investido de autoridade nas instituições públicas²⁰.

O ingresso na atividade pública como busca de “um lugar definido na sociedade”, segundo Miceli, definitivamente não foi o caso de Érico Veríssimo. O romancista gaúcho seguiria outra perspectiva profissional, de modo que, no final da década de 1920, estava residindo em definitivo em Porto Alegre e trabalhando na Editora Globo, onde arranjava emprego. Nessa época, Érico se “vê dilacerado entre a imperiosidade de manter uma condição meramente profissional, cujas funções dentro da editora eram subalternas e, por outro lado, manter-se coeso em seu desejo de aventurar-se pela produção literária”²¹.

Autodidata, Veríssimo agregou credibilidade ao seu trabalho no interior da editora, permitindo-lhe assumir funções diversificadas e relevantes no decorrer do tempo. Segundo Sérgio Miceli, Érico soube tirar proveito de sua inserção profissional naquela que era uma das três maiores editoras do Brasil na época²².

As três maiores editoras – pela ordem, Companhia editora nacional/Civilização brasileira, Editora Globo e Livraria José Olympio editora – são os principais investidores na publicação de obras de ficção, nacionais e estrangeiros. [...] Com vistas a ilustrar as condições sociais que permitiram a alguns escritores se tornarem romancistas profissionais, basta apresentar a biografia de Érico Veríssimo, cujas disposições favoráveis ao trabalho intelectual coincidiram com as demandas em expansão da editora mais importante fora do eixo Rio-São Paulo (Editora Globo).

¹⁹ Segundo Miceli, os “parentes pobres” eram os futuros romancistas descendentes de famílias em decadência, em geral, oligarquias falidas no decorrer da República Velha. Visando a ostentar a condição social que, por hora, já não se fazia mais possível, essas famílias se utilizavam de inúmeros recursos para potencializar seu capital social em declínio, por exemplo, dentre tais recursos: “agregar parentes na casa das famílias casadas, atribuir o ônus material dos filhos que se casam à família dos sogros e outros tantos expedientes, mediante os quais se explora a rede de relações e que são por vezes designados no plano de linguagem por uma série de expressões que foram se desvencilhando, ao longo do tempo, das condições sociais que as suscitaram: “tapar buraco”, “fazer das tripas coração”, “tapar o sol com a peneira”, “quem não tem cão caça com gato”. Ibid., p. 180.

²⁰ MICELI, 2001, p. 216.

²¹ Ibid., p. 190.

²² Ibid., p. 156 e 192.

Em razão disso, o romancista começou a projetar seu trânsito da condição de funcionário para escritor, ao iniciar sua colaboração em jornais da capital, especialmente em publicações dominicais. Em seguida, pela Editora Globo, inaugura seu ciclo de publicações romanceadas com *Fantoches*, seguido de *Clarissa*, *Música ao longe* e *Caminhos cruzados*, dentre outras, que lhe valeram o reconhecimento nacional e internacional, a exemplo de *Olhai os lírios do campo*. Essa obra foi traduzida para o inglês e o espanhol e garantiu pela primeira vez retorno financeiro ao romancista, a partir de 1938²³. Ao investigar o sucesso de Veríssimo, Flávio Loureiro Chaves²⁴ salienta que um dos méritos do autor foi ter feito o romance urbano de cunho social, no rastro da perspectiva modernista, fora do eixo Rio de Janeiro / São Paulo. A respeito das virtudes de Érico, Sérgio Miceli salienta ainda o seguinte:²⁵

Sem sombra de dúvida, sua carreira intelectual coincide na íntegra com o surto havido no mercado do livro, fazendo com que a diversidade de suas obras nesse período retrate em close as demandas que lhe fazia a Editora Globo. [...] vale dizer, os gêneros em que investiu, as problemáticas que converteu em matéria ficcional, os padrões narrativos que adotou, sem referi-la às encomendas e solicitações que se via obrigado a atender: a “cozinha” da revista, os encargos como “olheiro” de autores e títulos novos a ser comprados, traduzidos e editados, e demais tarefas que lhe cabiam como conselheiro editorial.

Érico Veríssimo e Vianna Moog eram contemporâneos e grandes amigos, conforme consta na obra bibliográfica de Moog²⁶, no entanto, suas trajetórias pessoais, profissionais e literárias seguiram caminhos diferentes. Na época em que Veríssimo chegava a Porto Alegre para trabalhar na Editora Globo, Moog estava concluindo sua formação superior na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Bacharel em direito, jornalista, romancista e ensaísta, Moog adentrava a década de 1930 na condição de funcionário público, cuja aprovação em concurso, realizado em 1926, garantira-lhe o posto de agente fiscal de imposto de consumo²⁷.

Veríssimo optou por uma postura de neutralidade política; Moog engajou-se na defesa dos ideais da Aliança Liberal e do movimento da Revolução de 1930. Posteriormente

²³ Ibid., p. 193.

²⁴ CHAVES, 2001, p. 18.

²⁵ MICELI, 2001, p. 193.

²⁶ MOOG, 1966, p. 45.

²⁷ Conforme está publicado nos arquivos da Academia Brasileira de Letras. <http://www.academia.org.br/imortais/frame4.htm>. Acessado em: 28 ago. 2005.

apresentou-se para lutar ao lado dos constitucionalistas em 1932, desta vez contra Getúlio Vargas. Em razão disso, acabou preso e depois transferido do Rio Grande do Sul para a região Norte do Brasil.

Foi durante o período de exílio interno no país que começou propriamente sua atividade literária. No Amazonas, escreveu dois livros: *Heróis da decadência* e *O ciclo do ouro negro*, ensaio de interpretação da realidade amazônica. Voltando a Porto Alegre em 1934, retomou suas atividades jornalísticas ao dirigir o vespertino *Folha da Tarde*. Publicou, em 1938, o ensaio “Eça de Queirós e o século XIX” e o romance *Um rio imita o Reno*, o qual lhe conferiu, em 1939, o Prêmio Graça Aranha. A produção dessa obra está fortemente impregnada do olhar desenvolvido pelo autor acerca da formação cultural da sociedade da Amazônia brasileira²⁸.

Se, por seu lado, Érico Veríssimo passou incólume pelos notáveis, Vianna Moog foi eleito para a cadeira número quatro da Academia Brasileira de Letras, em 1945. Mesmo assim, o autor não deixou de externar um certo menosprezo em relação aos intelectuais eleitos para a Academia, pois os considerava dotados de pouca leitura e cultura²⁹.

A respeito dos intelectuais eleitos para a Academia Brasileira no período de 1930 a 45, Sérgio Miceli assinala que, do total dos trinta acadêmicos eleitos, dentre eles Moog, 70% pertenciam a diversos escalões do serviço público no Brasil, notadamente aqueles que pertenciam aos mais altos estamentos burocráticos. A estratégia, nesse sentido, segue o rastro dos “parentes pobres” que buscavam amparo profissional na atividade pública. A análise de Miceli sugeriu, no entanto, que, no caso dos intelectuais selecionados para a Academia, havia um sentido de troca mais pronunciado, e a intenção do Estado era utilizar seus funcionários/intelectuais com fins de fazê-los celebrar os interesses da nacionalidade por meio do empreendimento cultural, como se quisesse questionar: “Literatura nacional, que outra coisa é senão a alma da pátria?”³⁰ Em troca, os autores tinham garantido diversos benefícios que variavam de remuneração financeira, possibilidade de inserção no círculo dos acadêmicos

²⁸ Conforme consta nos arquivos da Academia Brasileira de Letras. <http://www.academia.org.br/imortais/frame4.htm>. Acessado em: 28 ago. 2005.

²⁹ Moog salienta tal afirmação ao analisar a formação intelectual de Abraão Lincoln: “Enquanto conheci Lincoln apenas como político, não tive a menor dificuldade em aceitar-lhe a biografia e idealizar-lhe a imagem, como os outros adotando a saga do menino pobre que se fez por si mesmo e o mais que se segue. Que alguém pudesse também nos Estados Unidos chegar à presidência da República, sem escola, sem livros e sem professores, parecia-me difícil, mas possível. No Brasil, com muito menos chega-se às mesmas alturas. Com um pouco menos entra-se para a Academia Brasileira de Letras.” MOOG, 1968, p. 60.

³⁰ Citado por CÂNDIDO, 1981, p. 367.

notáveis, ingresso ao seleto plantel das grandes editoras, como a José Olympio, além da oferta de prêmios e condecorações³¹. Ainda segundo Miceli:

Um contingente apreciável de intelectuais e artistas prestaram diversos tipos de colaboração à política cultural do regime Vargas. [...] As encomendas, os prêmios, as viagens de representação, as prebendas, tudo que ostentasse o timbre do oficialismo passou a constituir a caução daqueles que aspiravam ingressar no panteão da “cultura brasileira”. Nas palavras de Raymundo Faoro, “o brasileiro que se distingue há de ter prestado sua colaboração no aparelhamento estatal, não na empresa particular, no êxito dos negócios, nas contribuições à cultura, mas numa ética confuciana do bom servidor, como carreira administrativa e *curriculum vitae* aprovado de cima para baixo”³².

Por coincidência ou não, em 1942 Moog foi nomeado membro do segundo Conselho de Contribuintes, em Porto Alegre, e promovido para o quadro dos agentes fiscais do Distrito Federal³³. Nesse mesmo ano, fez no Itamarati, a convite da Casa do Estudante do Brasil, a conferência “Uma interpretação da literatura brasileira”, a qual foi traduzida para vários idiomas. Nesse texto, o autor procurou interpretar a literatura brasileira através do que chamou “ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas”, no interior do Brasil.³⁴

Apesar de existir um certo afastamento entre a formação intelectual e profissional de Moog e Veríssimo, percebe-se que há um sentido de aproximação quando o tema gira em torno da produção literária. Por serem contemporâneos, os autores compartilharam com a

³¹ MICELI, 2001, p. 217. Sobre o mesmo tema, Lúcia Lippi de Oliveira salienta: “Vale notar que a separação entre cultura acadêmica e esfera pública, muito mais radical nos Estados Unidos, não se apresenta tão profunda no Brasil, onde a idéia de missão salvadora do intelectual tem lugar, mesmo que tenha sofrido alterações.” OLIVEIRA, 2000, p. 37.

³² MICELI, 2001, p. 215, 217 e 218.

³³ Nessa via da investigação de Miceli, é possível constatar a trajetória profissional de Moog nas décadas seguintes. Independentemente de ter havido trocas de conveniências entre a instrumentalização do capital cultural daqueles autores e a chancela do Estado em questões que fossem de seus interesses, não se pode negar, conforme consta, que a relação de Moog com o Estado brasileiro se manteve em sentido ascendente, haja vista os encargos de representação que lhe foram atribuídos: “De 1946 a 1950, serviu na Delegacia do Tesouro em Nova York. [...] Em 1950 foi nomeado representante do Brasil junto à Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas e, nesse caráter, participou em Nova York e Genebra de todas as reuniões da Comissão. Em 1952, indicado pelo Brasil, e eleito pelo Conselho Internacional Cultural para representar o Brasil na Comissão de Ação Cultural da OEA, com sede no México. Vianna Moog ali residiu por mais de dez anos, como presidente da Comissão. Participou em 1956, como presidente da Comissão, da 2ª Reunião do Conselho Interamericano Cultural. Em 1959 representou o Brasil na 3ª Reunião do CIC, em Porto Alegre. Nomeado de novo para a Comissão Social das Nações Unidas em 1961, foi eleito seu presidente para a XIII Sessão. Em 1963 elegeu-o a Comissão para integrar o Conselho Superior do Instituto Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento Social, com sede em Genebra. Em 6 de setembro de 1969 renunciou ao mandato na Comissão da OEA, aposentando-se a seguir no cargo de fiscal do imposto de consumo. Foi membro do Conselho Federal de Cultura.” Conforme consta nos arquivos da Academia Brasileira de Letras. <http://www.academia.org.br/imortais/frame4.htm>. Acessado em: 28 ago. 2005.

³⁴ Ver MOOG, 1966, p. 106 a 130.

geração de 1930 aquilo que Miceli chama de “a afirmação da carreira de romancista”, uma vez que somente nessa época ela conseguiu atingir sua plenitude. Para o autor, isso se deve à efetivação do mercado literário voltado para a literatura de ficção. Os autores de maior sucesso nessa época, dentre eles Moog e Veríssimo, foram justamente aqueles que estavam deslocados do principal eixo da intelectualidade brasileira de São Paulo. Em geral, esses autores eram autodidatas e letrados que produziam suas obras em regiões afastadas, e suas narrativas também continham elementos do contexto internacional, notadamente dos Estados Unidos, diz Miceli³⁵. Moog e Érico Veríssimo parecem ajustados a esses dois casos, haja vista que não somente residiam em Porto Alegre, como se utilizaram de características da região Sul do Brasil, sua população, sua literatura e sua história, na elaboração de muitas de suas obras, assim como souberam canalizar influências da literatura norte-americana em suas formações ou mesmo em discursos, como aparece no ensaio *Bandeirantes e pioneiros* de Moog e *A volta do gato preto* de Veríssimo. Essa temática – a relação Brasil e Estados Unidos – será objeto de observação mais detida nos próximos capítulos.

1.2. Estados Unidos: uma mudança de trajetória

As transformações produzidas pela geração de 1930 na intelectualidade brasileira, sejam literárias ou sociológicas, resultaram de inúmeros movimentos históricos da mesma época e para um Brasil cindido em dois segmentos: por um lado, o país acessível ao progresso e, de outro, a prevalência da civilização arcaica, como afirma Flávio Loureiro Chaves³⁶. Além disso, os autores dessa época, alguns mais outros menos, viviam os efeitos projetados pela Semana de Arte Moderna de 1922. Para Alfredo Bosi, a Semana de Arte Moderna “pugnava pela autonomia artística e literária brasileira e descortinava para nós o século XX, punha o Brasil na atualidade do mundo que já havia produzido T. S. Eliot, Prost, Joyce, Pound, Freud, Planck, Einstein, a física atômica”³⁷.

³⁵ MICELI, 2001, p. 159.

³⁶ CHAVES, 2001, p. 15.

³⁷ BOSI, 1984, p. 384.

Para além dessas mudanças, a intelectualidade se encaminhava para descortinar a expressão regional brasileira, cujos primeiros passos também já haviam surgidos entre os modernistas da década de 1920. Um dos expoentes dessa nova perspectiva foi Gilberto Freyre, recém-chegado dos Estados Unidos. Em torno do sociólogo pernambucano foram se aproximando outros autores com a mesma intenção, casos de Moog e Veríssimo, como salienta Alfredo Bosi³⁸.

A respeito dessa nova ordem, Vianna Moog diz que a literatura brasileira deve ir ao encontro dos mais diversos sinais culturais das regiões brasileiras:

Convertamo-nos fiéis aos nossos núcleos culturais, convertamo-nos à fé e ao estilo de vida do nosso tempo, intoxiquemo-nos da verdade essencial de que uma civilização é uma conquista de todas as horas, no espírito de uma época, e teremos o Brasil que já se deixe entrever nas brumas do futuro, com a literatura que deve corresponder-lhe: uma literatura que há de ser telúrica, como a amazônica; social, como a do Nordeste; erudita, como a da Bahia; humanística, como a de Minas; bandeirante, como a de São Paulo; a um tempo regional e universal, como a do Rio Grande; tudo isso temperado pela ironia costumbrista do núcleo cultural da metrópole, para que seja, acima de tudo, como todos desejamos, profundamente humana e brasileira.³⁹

Não somente Vianna Moog parece encaminhar uma busca pela regionalização na elaboração intelectual; Veríssimo também seguia essa esteira, além de outros, como Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego. Esses autores se beneficiaram do que Bosi define como “descida à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, que a prosa modernista tinha preparado”⁴⁰.

A partir dos anos 1930, ampliavam-se as possibilidades de interpretar o Brasil, de modo que as diversas correntes de autores se viam diante de um leque de opções; para muitos, elas se concentravam no ensaio como estilo literário e, para outros, no plano ficcional. Havia ainda quem defendesse o romance de cunho social em sua perspectiva de flagrar a realidade brasileira carente de projetos e políticas públicas. Não faltou, também, quem discutisse uma literatura dita de centro, ao passo que outros falavam em nome das regionalidades. “Enfim, caráter, próprio da melhor literatura de pós-guerra é a consciente interpretação de planos

³⁸ BOSI, 1984, p. 390 e 391.

³⁹ MOOG, 1966, p. 130.

⁴⁰ BOSI, op. cit., p. 433 e 434.

(lírico, narrativo, dramático, crítico) na busca de uma escritura geral e onicompreensiva, que possa espelhar o pluralismo da vida moderna.”⁴¹

Na esteira dessas produções, as ciências sociais anunciavam seus avanços e enfrentamentos internos, como os que existiam entre diversos grupos pelo ingresso na Faculdade de Direito de São Paulo, ou em conflitos externos. Segundo Miceli, “a proliferação de faculdades livres, particulares ou estaduais [também] afetou em cheio as reservas do mercado de postos, até então monopolizados pelos detentores de diplomas concedidos pelos cursos superiores oficiais”⁴².

Para Vianna Moog e Érico Veríssimo, em especial, outra influência, além daquelas acima referidas, lhes atravessaria a vida pessoal e profissional de modo a redirecionar suas trajetórias nas décadas posteriores. Trata-se das inovações decorrentes da relação Brasil e Estados Unidos, cujo sentido apontava para o estreitamento dos laços entre os dois países, sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial e nos anos seguintes. Paulo Roberto de Almeida diz que “a década que segue ao final da Segunda Guerra já foi descrita como sendo a da americanização do Brasil e, de fato, o alinhamento em termos de política externa jamais foi tão completo como nesses anos”⁴³.

Ao analisar o momento histórico brasileiro das décadas de 1930 e 40, Lúcia Lippi de Oliveira salienta que a discussão acerca da formação cultural brasileira, como estava posta nos meios intelectuais do país, coincidia com a aproximação dos Estados Unidos à América Ibérica, em especial, ao Brasil. Segundo a autora, a preocupação inicial dos norte-americanos relacionava-se à necessidade de se obstruírem eventuais ações do nazifascismo na América do Sul. Por conta disso, a relação entre Brasil e Estados Unidos foi intensificada, o que oportunizou a mobilização de diversos projetos culturais entre os países, afirma Lippi de Oliveira⁴⁴.

Segundo a autora, foram instituídas agências, como a “Birô Interamericana”, com o propósito de operacionalizar o fluxo de agentes, pesquisadores, comunidade artística e intelectual norte-americana ao Brasil. Da mesma forma, buscava-se oportunizar a viagem de representantes brasileiros à América do Norte. Assim, enquanto o Brasil recebia visitas de

⁴¹ BOSI, 1984, p. 437.

⁴² MICELI, 2001, p. 91, 92 e 117.

⁴³ ALMEIDA, 2001, p. 35.

⁴⁴ OLIVEIRA, 2000, p. 97.

astros do cinema e da Walt Disney, que inspirariam o surgimento do personagem brasileiro conhecido como Zé Carioca, o país enviava artistas e intelectuais aos Estados Unidos a fim de divulgar a cultura brasileira, caso de Carmem Miranda, do próprio Vianna Moog e de Érico Veríssimo, afirma Lippi⁴⁵. Afora visitas, a aproximação ocorreu também pela tradução para o inglês de algumas obras clássicas do pensamento brasileiro⁴⁶.

Sérgio Miceli avalia os investimentos nessa relação pela intensificação das trocas comerciais, nesse caso relativas ao mercado cultural, naquilo que o autor define como “boom” no mercado do livro no Brasil. Forçados a diversificar a importação de livros em decorrência da Segunda Guerra Mundial, as editoras em crescimento no Brasil deslocavam seus laços comerciais da Europa para os Estados Unidos. Não somente o comércio de livros crescia no Brasil em razão disso, mas também a tradução de obras e autores norte-americanos no Brasil. A aproximação entre os dois países permitia à sociedade brasileira acessar bens até então desconhecidos; segundo Miceli:

Os livros de aventuras, os romances policiais, os idílios de amor improvável no estilo “flor de laranjeira” e as biografias romanceadas eram os gêneros de maior vendagem: as obras do criador do Tarzan, os romances épico-históricos de Alexandre Dumas e Rafael Sabatini, os folhetins de Charlie Chan, as obras de Disney, Lee Falk, as novelas açucaradas de M. Delly, Bertha Ruck, as biografias edificantes de Maurois, Emil Ludwig, Paul Frischaue, as histórias de detetive de E. Wallace, Horler, Rohmer, os manuais de viver que difundiam as receitas norte-americanas em todos os domínios do estilo de vida concentraram boa parcela dos investimentos editoriais numa conjuntura bastante favorável à substituição de importações no mercado interno de bens simbólicos e, em especial, no setor editorial.⁴⁷

Embora o intercâmbio Brasil/Estados Unidos adquirisse dimensões maiores nesse período, a relação entre os dois países já apresentava sinais de aproximação desde o final do século XIX. Lippi de Oliveira lembra que muitos intelectuais brasileiros já transitavam na rota Norte/Sul da América. Independentemente de visitar ou residir nos Estados Unidos, esses autores se expressavam por meio de uma história comparada, caso de Eduardo Prado com sua

⁴⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 97.

⁴⁶ Paulo Roberto de Almeida fala na tradução para o inglês do “épico de Euclides da Cunha, *Rebellion in the backlands*, em 1945. Nesse mesmo ano, Gilberto Freyre preparava um conjunto de leituras sobre o Brasil, publicadas sob o título de *Brazil: an interpretation*, ao passo que seu inovador *Casa Grande e Senzala (The masters and the slaves)* aparecia logo no ano seguinte”. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 31-61 (p. 34), 2001

⁴⁷ MICELI, 2001, p. 91, 92 e 147.

obra *Ilusão americana*, publicada por ocasião da proclamação da República brasileira. Prado assumira uma postura antiamericanista, segundo a qual o modelo republicano dos norte-americanos não se encaixava no Brasil, e caracterizava como uma ilusão o Brasil abandonar a monarquia em favor das inovações republicanas⁴⁸.

A autora recorda outros autores engajados nessa tarefa de espelhar a formação brasileira no modelo norte-americano, como Monteiro Lobato, embora sua obra aponte para um sentido oposto ao de Eduardo Prado. Com efeito, Lobato via naquele país uma sinalização de modernização e desenvolvimento que bem poderia servir de exemplo aos brasileiros:

Depois que Henry Ford demonstrou como se aproveitam até cegos e aleijados, ninguém tem o direito de alegar o não presta. Tudo presta. Até um cego, um estropiado presta. A questão toda está em proporcionar-lhes condições para prestar. O mesmo cego que aqui não presta para coisa nenhuma em Detroit produz igual a um homem perfeito e ganha 6 dólares diários. O brasileiro precisa de condições para prestar – e a condição número um é a fixidez da medida do valor, a moeda.⁴⁹

No início da década de 1930, o autor brasileiro que muito contribuiria para o intercâmbio entre os dois países seria Gilberto Freyre, haja vista sua permanência nos Estados Unidos para fins de estudos.

Com a intensificação do fluxo cultural entre os dois países nas décadas posteriores àquela da geração de 1930, houve um crescimento do número de autores e pesquisadores interessados em estudar e reconhecer a formação dos Estados Unidos: Anísio Teixeira, Alceu Amoroso Lima, a própria Lúcia Lippi de Oliveira, Roberto Da Matta, Maria José Somerlate Barbosa. Autores que estudaram, residiram ou trabalham em pesquisas ou universidades daquele país⁵⁰.

Thomas Skidmore⁵¹ salienta, entretanto, a precária existência de estudos nos meios intelectuais brasileiros a respeito dos diversos autores que escreveram sobre os Estados Unidos no decorrer do século XX. Segundo o autor, trata-se de uma lacuna mal preenchida, sobretudo se levarmos em conta a disponibilidade que esses estudos oferecem para o debate

⁴⁸ OLIVEIRA, 2000, p. 94.

⁴⁹ LOBATO, 1961, p. 27.

⁵⁰ OLIVEIRA, op. cit., p. 21.

⁵¹ SKIDMORE, 2001, p. 33. Ver também OLIVEIRA, op. cit., p. 19.

político, econômico e cultural entre as duas nações. Com esse intuito, o autor selecionou alguns intelectuais para realizar sua análise comparativa entre Brasil e Estados Unidos. Dentre eles, destacam-se Eduardo Prado, Gilberto Freyre e Vianna Moog.

Skidmore pertence ao círculo de pesquisadores estrangeiros que se dedicaram a estudar o Brasil em seus diversos aspectos, como também fizeram Ferdinand Braudel, Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide. No olhar desses autores havia uma chancela de caráter universitário, científico, à qual o Brasil estava aderindo, especialmente com o surgimento da Universidade de São Paulo, em 1941. Com isso, os estudos anteriores, notadamente a produção ensaística, sofreriam um processo de retenção sob a alegação de que ela não corresponderia mais a uma reflexão científica. Além disso, em linhas gerais, seus autores não pertenciam ao meio universitário brasileiro. Veríssimo e Moog se ajustam a esse caso, uma vez que não estavam vinculados ao meio universitário brasileiro.

Moog viajou para os Estados Unidos em 1942, a convite da Fundação Guggenheim, e por lá permaneceu por um período de oito meses. Por conta da mesma fundação, Veríssimo esteve naquele país em 1941 e a ele retornou no período de 1943 a 1945. Na segunda viagem, o romancista fora convidado do governo anglo-americano para exercer atividades profissionais relacionadas à literatura brasileira em escolas de nível médio e superior do país. Como professor universitário, conferencista e jornalista, Érico manteve contato direto com pessoas de diversos segmentos intelectuais, desde cientistas que trabalharam na bomba atômica até artistas de cinema⁵².

As viagens de Moog e Veríssimo aos Estados Unidos ocorrem em períodos imediatamente posteriores ao sucesso de vendagem de algumas de suas principais obras, caso de *Olhai os lírios dos campos*, publicada em 1938, primeiro romance a garantir retorno financeiro a Érico Veríssimo, e de *Um rio imita o Reno*, também de 1938, de Vianna Moog.

A permanência dos autores em território norte-americano viabilizou-lhes condições para a produção de suas obras, as quais começariam a ser publicadas nos anos seguintes. Antes de *A volta do gato preto*, de 1947, Érico Veríssimo publicou primeiramente *Gato preto em campo de neve*, em 1941, livro de memórias em que o autor faz referência à sua primeira e curta estada nos Estados Unidos. Vianna Moog publicou *Bandeirantes e pioneiros*, em 1954, com a intenção de compreender os níveis de formação e desenvolvimento de Brasil e Estados

⁵² Dados bibliográficos de Érico Veríssimo. <http://www.nilc.icmsc.sc.usp.br/literatura/ericoverissimo.htm>. Acessado em: 05 set. 2005.

Unidos. O autor questionava nesta obra a modernização “atrasada” do Brasil, embora o país tivesse sido descoberto quase cem anos antes que os Estados Unidos.

No início da década de 1940, época em que Moog viajou para os Estados Unidos, a perspectiva era da maior aproximação entre brasileiros e norte-americanos em nome de um sentimento antifascista e de um crescente fluxo cultural entre os países, o que era visto de forma positiva por boa parte dos intelectuais daquela geração. Para Moog, o momento parecia favorável, pois, ao mesmo tempo em que obtinha sucesso e reconhecimento em sua produção literária, era eleito para a Academia Brasileira de Letras. Como diz Lúcia Lippi, “no segundo semestre de 1945, o mundo assiste ao final da Segunda Guerra, o que dá origem a um clima de entusiasmos e esperanças”⁵³.

Situação diferente ocorrera por ocasião da publicação de *Bandeirantes e pioneiros*, em 1954. Segundo Lúcia Lippi, a publicação dessa obra coincide com um momento marcante na história brasileira, marcante e frustrante sob o ponto de vista do imaginário social. Em 1950, o Brasil perdia a Copa do Mundo dentro do estádio do Maracanã, que fora construído especialmente para o evento, e, quatro anos depois, o país padeceria os efeitos da morte do presidente Getúlio Vargas. Diante desse cenário de insucessos, Moog publicou seu ensaio buscando interpretar o Brasil em sua “formação psicológica desajustada”⁵⁴, ao mesmo tempo em que apontava alternativas para modernizar e desenvolver o país, sendo esta uma das razões do grande sucesso dessa obra, diz a autora⁵⁵.

Algo um pouco diferente ocorreu com Érico Veríssimo, de modo que sua estada nos Estados Unidos e a conseqüente publicação das duas obras acima mencionadas foram recobertas de significados. Segundo Nelson H. Vieira⁵⁶, ao aceitar conhecer e permanecer entre os norte-americanos, Veríssimo desafiava alguns setores políticos brasileiros, especialmente aqueles que se identificavam com o Partido Comunista Brasileiro. Para estes, a atitude de Veríssimo poderia soar irônica, na medida em que os Estados Unidos se anunciavam como centro do capitalismo, e, logo, defendiam uma ordem consciente de desigualdade social.

⁵³ OLIVEIRA, 2000, p. 99.

⁵⁴ Vianna Moog diz que nem “tudo são dessemelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos. Em meio às diversidades que concorrem para acentuar as diferenças entre as duas culturas, brasileiros e norte-americanos guardam atualmente entre si um grande traço comum: a imaturidade, tomando aqui, naturalmente, o termo imaturidade no sentido psicológico, ou melhor psicanalítico, de desajustamento emocional ou falta de adaptação adequada à vida e à realidade”. MOOG, 1969, p. 257.

⁵⁵ OLIVEIRA, op. cit., p. 104.

⁵⁶ VIEIRA, 2005, p. 184.

Para Vieira, somente o desapego ideológico de Veríssimo, somado à sua perspectiva humanista de encarar a vida e a construção literária, permitiu-lhe superar essa adversidade. Vieira define a primeira viagem de Érico Veríssimo aos Estados Unidos como sendo uma “viagem humanista”, uma vez que o romancista fora tomado por um encantamento diante daquela “exuberante nação de nações”. As diversas faces, desenhos e cores da nação estão presentes nos habitantes e na pluralidade de mapas geográficos do país. Além disto, o modelo norte-americano despertou no romancista uma filosofia antichauvinista, de negação ao preconceito nacionalista, à qual se soma a atitude de apoio aos Estados Unidos no combate ao terror nazista, diz Vieira⁵⁷.

Ainda que os anos de 1941-45 estivessem condicionados pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial e pelo nazifascismo, Érico Veríssimo e Vianna Moog parecem não se desfazer de um sentimento cruzado pelo enfoque humanista, próprio do romancista, e pela perspectiva de formar uma reflexão ancorada nas ciências sociais, como bem demonstram em suas obras comparativas entre Brasil e Estados Unidos.

1.3. Entre iberismo e modernidade

O enfoque acerca da formação cultural brasileira pela via da tradição ibérica e da modernidade é recorrente ao olhar de Érico Veríssimo e Vianna Moog, como veremos mais atentamente nos capítulos que seguem. Esse tema está presente também em diversos intérpretes do Brasil surgidos na geração de 1930-40, como são os casos de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Para esses autores, o resgate da história européia expressava a formação embrionária das sociedades americanas, sejam aquelas do Norte ou da América do Sul, em especial, a sociedade brasileira. Nesse sentido, o enfoque desenvolvido por eles se estende entre o período medieval e o surgimento da modernidade.

Ao atribuir definição aos conceitos de “modernidade” e “iberismo”, Lúcia Lippi de Oliveira toma por referência a discussão desses autores em torno do nível de desenvolvimento

⁵⁷ VIEIRA, 2005, p. 185 a 187.

e modernização do Brasil. Segundo a autora, a corrente de pensamento que analisa o atraso brasileiro em função da tradição ibérica, considerada envelhecida e conservadora, se caracteriza pela defesa da modernidade⁵⁸. Na visão destes, o Brasil e a América Latina precisam adotar a postura da modernidade, o que ocorreria na medida em que a “América se desprendesse do que é singular à sua história, constituindo-se como expressão genérica do movimento expansivo da revolução da igualdade”⁵⁹. A respeito disso, vale lembrar a afirmação de Marcos Napolitano⁶⁰ de que a modernização da América Latina e do Brasil se mostra movida por fatores heterogêneos a ponto de frear o avanço no sentido dos ideais democráticos e igualitários da modernidade ocidental, e de Nestor Canclini, para quem “o modernismo na América Latina não é expressão da modernização socioeconômica, mas o modo como as elites se encarregam da intersecção de diferentes temporalidades históricas e tratam de elaborar com elas um projeto global”⁶¹.

O discurso de Vianna Moog em *Bandeirantes e pioneiros*, em sua parte inicial, recorre a essa linha de análise, na qual o olhar comparativo em torno do iberismo e da modernidade lhe parece essencial. Para o autor, os ibéricos estão alinhados com o catolicismo, enquanto na modernidade – a que os Estados Unidos representam – prevalece o calvinismo. Jessé de Souza diz que o discurso de Moog está alinhado ao entendimento de Max Weber, para quem o racionalismo ocidental, como o conhecemos, está relacionado com a religiosidade ocidental. Ao calvinismo, coube a liderança nas grandes mudanças culturais dos países capitalistas e na condução de uma vida mais ascética, enquanto ao catolicismo coube a defesa de uma outra concepção de divindade⁶². Essa concepção, segundo Moog, fora trazida ao Brasil pela colonização portuguesa e era fortemente responsável pela condição de atraso do Brasil diante do referencial norte-americano, como sugere o autor ao questionar se “não teria influído na marcha das duas civilizações a circunstância de haverem sido protestantes calvinistas os

⁵⁸ Lúcia Lippi Oliveira emprega a expressão “americanismo” ao invés de “modernidade”; no entanto, mantereí a expressão “modernidade” sem alterar a idéia da autora expressa no texto. OLIVEIRA, 2000, p. 44 e 47.

⁵⁹ Citado por OLIVEIRA, *ibid.*, p. 44.

⁶⁰ Marcos Napolitano diz que a modernidade “é uma das marcas da cultura brasileira do século XX que, em seus diversos matizes, experimentou uma verdadeira obsessão pela sua realização. [...] No Brasil e na América Latina a modernização se caracterizou muito mais por uma heterogeneidade multitemporal que, na maioria dos casos, colocou obstáculos às utopias, emancipadoras e democratizantes, da modernidade ocidental”. NAPOLITANO, 2003, p. 305.

⁶¹ Citado por NAPOLITANO, *ibid.*, p. 305.

⁶² Conforme o entendimento do autor: Apesar de esse ser o tom do livro de Moog, ou seja, a contraposição de formas de colonização a partir de heranças religiosas e culturais distintas, uma levando a um desenvolvimento em progressão geométrica (o americano), e a outra conduzindo a uma mera progressão aritmética (o caso brasileiro)”. “Tanto a moralidade, quanto a necessidade de compreensão do mundo, para Weber, nascem, como movimentos, endógenos à racionalização religiosa. Daí que Weber, ao procurar as raízes da especificidade da cultura ocidental, tenha dado especial atenção ao estudo comparativo das grandes religiões mundiais.” SOUZA, 1999, p. 19 a 37.

primeiros povoadores dos Estados Unidos e católicos renascentistas os primeiros povoadores do Brasil? ”⁶³

Diante disso, Moog se filia ao pensamento que vê no iberismo a expressão de um conservadorismo reproduzido nas sociedades latino-americanas, especialmente a brasileira, de modo a torná-las incapazes para a criação dos fundamentos da razão moderna⁶⁴. Nessa mesma linha de entendimento encaixa-se Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*⁶⁵, ao se mostrar pessimista quanto às possibilidades de paz e riqueza nas sociedades católicas herdeiras do pensamento medieval. Para o autor, “a fé só poderia levar a paz na vida pós-morte. O mundo era organizado segundo leis eternas indiscutíveis, impostas do outro mundo pelo supremo ordenador de todas as coisas”⁶⁶. Mozart Linhares define a ótica de Sérgio Buarque de Holanda para o não desenvolvimento brasileiro mediante a estruturação da sociedade num tripé decorrente do iberismo: “aventura, desvalor do trabalho e catolicismo conservador”⁶⁷.

É por esta via que Sérgio Buarque de Holanda reconhece a afirmação do homem cordial em recálque ao indivíduo moderno no Brasil. Tivesse Weber estudado o Brasil, apontaria, possivelmente, o homem cordial como contrário do protestante nórdico, afirma Jessé de Souza⁶⁸. Nesse sentido, parece visível que Moog e Buarque tecem suas análises em favor da modernidade, pugnando pela relevância dos princípios de modernidade para o Brasil.

Lúcia Lippi de Oliveira fala também de um outro segmento de intérpretes do Brasil que atribui à tradição ibérica uma visão oposta à da modernidade. Para estes “iberistas”, a positividade da sociedade brasileira decorre da herança trazida ao Brasil pela colonização ibérica⁶⁹.

Este contraponto pode ser exemplificado no pensamento de Gilberto Freyre quando afirma que foi “a matriz ibérica que forneceu as características necessárias para inventar um novo português nos trópicos, ou ainda, criar um novo mundo”⁷⁰. Freyre também ressalta a positividade da tradição brasileira, especialmente na permissibilidade para a formação

⁶³ MOOG, 1969, p. 55.

⁶⁴ OLIVEIRA, 2000, p. 47.

⁶⁵ HOLANDA, 1992, p. 6.

⁶⁶ REIS, 2002, p. 122.

⁶⁷ SILVA, 2003, p. 85.

⁶⁸ SOUZA, op. cit., p. 35.

⁶⁹ OLIVEIRA, 2000, p. 47.

⁷⁰ Ibid., p. 96.

miscigenada da sociedade: “Nossa formação, tanto quanto a portuguesa, fez-se pela solidariedade de ideal ou de fé religiosa, que nos supriu a lassidão de nexos político ou de mística ou de consciência de raça.”⁷¹

O posicionamento divergente entre os defensores da modernidade ou da tradição ibérica favoreceu o debate ocorrido entre o norte-americano Richard Morse e o brasileiro Simon Schwartzman. Defensor do iberismo, Morse afirma que os países da América Ibérica formavam o espelho no qual o seu país, os Estados Unidos, deveria focar sua imagem. Daí o título *Espelho de Próspero* da obra em que Morse centraliza esta discussão. Com este título, o autor sugere o recurso de uma metáfora que remete à peça teatral *A tempestade*⁷², de William Shakespeare. Nesta, a trama revela o encontro de Próspero, rei de Milão e personagem central da peça, com habitantes de uma ilha perdida. Próspero qualifica os nativos da ilha como pessoas incivilizadas, selvagens, face ao estranhamento que lhe ocorrera.

Em Morse, os Estados Unidos assumem este papel, o de Próspero, quando se depara com os ibéricos, haja vista o distanciamento existente nas duas matrizes culturais, moderna e a tradicional. Acerca desta distância que Richard Morse elabora sua discussão.

Para o autor, nem a tradição marxista nem a ordem liberal democrática norte-americana mobilizam os ibero-americanos, face à sua possibilidade humanista, conforme percebera em seus estudos literários e contatos de autores como Cervantes. Na Ibero-América existe um “sentido histórico comprometido com a sensibilidade, a solidariedade e, sobretudo, a capacidade assimilacionista em oposição ao modelo dos Estados Unidos”⁷³. Lúcia Lippi de Oliveira diz que a temática de Morse passa pelo contraste de duas civilizações e que os Estados Unidos estariam imersos numa crise para qual não tinham saídas, resultando daí seu desapontamento com a moderna sociedade individualista e racional. Estes fatores, diz a autora, constituem, por certo, a motivação principal de Morse em eleger o iberismo como alternativa para o seu país⁷⁴.

⁷¹ FREYRE, 1963, p. 250.

⁷² A peça conta o naufrágio do barco onde viajava Próspero, o rei de Milão. A embarcação consegue chegar a uma ilha isolada, onde se passa toda a cena. Próspero, agindo por meio de seu espírito, Ariel que cria tempestades, provoca naufrágios, atrai para sua órbita seus antigos inimigos e promove o conflito pelo estranhamento entre seu grupo, o dos sobreviventes, contra os nativos da ilha, cuja simbolização reside em Calibã – anagrama de canibal – e sua mãe Sicorax – a bruxa. Por fim, Próspero conduz todos à conciliação, fazendo prevalecer a aceitação entre os grupos, antes estranhos. SHAKESPEARE, 1992.

⁷³ MORSE, 1989.

⁷⁴ OLIVEIRA, 2000, p. 51.

Ao tomar o iberismo como referência a ser seguida pela sociedade norte-americana, Morse segue a esteira comparativa de Moog e Veríssimo, embora suas propostas sejam opostas. Enquanto para os dois romancistas brasileiros é o discurso moderno dos norte-americanos que falta ao Brasil, para Morse, são os traços do iberismo que seduzem, como já haviam seduzido Gilberto Freyre em seu enfoque positivo da tradição ibérica.

Ainda que haja discordância nas diversas interpretações, o fato é que estes autores transitam suas afirmações entre as bordas da modernidade e da tradição ibérica. Contra o pensamento de Richard Morse, ecoou o discurso de Simon Schwartzman⁷⁵. Para esse autor, Morse cometeu grave equívoco ao resgatar fundamentos históricos no mundo hispânico – como aparece na primeira parte do livro *Espelho de Próspero* – e aplicá-los ao contexto latino-americano, visando a uma conotação de que “nós somos superiores, [de que] temos o segredo da vida e do futuro [...] “Sua visão é idealizada”⁷⁶, diz o autor. Ainda para Schwartzman, Morse se fez acreditar na inverdade de que a contemplação dos ibéricos no espelho norte-americano os fazia perder sua essência, e que tal essência residiria, antes, no seio da própria América latina.

Apesar de reconhecer o potencial sedutor do livro de Morse, o autor o acusa de equivocado e danoso em seu conteúdo⁷⁷. Neste sentido, Simon Schwartzman soma forças ao pensamento de Sérgio Buarque de Holanda e de Vianna Moog, especialmente, no momento em que Moog ressalta o déficit de desenvolvimento brasileiro em relação aos Estados Unidos⁷⁸.

Érico Veríssimo, por sua vez, se encaixa nesse estudo com um olhar transitório, uma vez que visualiza a formação brasileira pela ótica do iberismo ao mesmo tempo em que advoga

⁷⁵ Lúcia Lippi de Oliveira apresenta a discussão entre Morse e Simon Schwartzman acerca do iberismo e modernidade em três blocos, ou três *rounds*, como ela define. No primeiro *round*, Schwartzman elabora sua discordância em relação ao discurso de Morse. Em seguida, o autor de “Espelho de Próspero” retoma a defesa de sua obra, ao mesmo tempo em que protesta contra as declarações de seu opositor. Por fim, Schwartzman apresenta sua réplica na discussão ao reafirmar seu antagonismo em relação às virtudes do iberismo advogadas por Morse. *Ibid.*, p. 55-67.

⁷⁶ O autor transita na história do pré-modernismo disposto a negar qualquer intenção relacional entre os traços históricos compreendidos pelas noções medievais e o projeto da modernidade, especialmente para o caso da América Latina. Isto é incompatível, ele diz, ao contrariar a perspectiva política aventada por Morse. “Traços que hoje seriam usualmente considerados totalitários são recuperados com sinais positivos.” SCHWARTZMAN, 1988.

⁷⁷ OLIVEIRA, 2000, p. 55.

⁷⁸ Lúcia Lippi de Oliveira salienta que “Sérgio Buarque de Holanda, Vianna Moog, Raymundo Faoro, Simon Schwartzman, Roberto DaMatta, entre outros, estão fazendo uso do quadro categorial de Weber para identificar os obstáculos, as dificuldades, que nos impedem de ser modernos. E, é preciso lembrar: para a construção da modernidade no Brasil, a herança ibérica passa a ser sinônimo de atraso e anacronismo por oposição à herança protestante nórdica”. *Ibid.*, p. 43.

um sentido modernizador para o Brasil. Em certo momento, Veríssimo faz referência ao paradoxo entre a bondade do brasileiro e sua negação do princípio da igualdade: “Estive a discorrer em aula esta manhã sobre a bondade essencial do brasileiro, o nosso horror à violência, [...] mas falta-nos o sentido de responsabilidade social que é principal produto da educação.”⁷⁹

Ao comentar a produção de Veríssimo, Tristão de Athayde⁸⁰ diz que o autor prima por um estilo em que a dualidade está constantemente presente: de um lado a alma heróica fazendo contraponto à alma lírica; a contemplação *versus* a alma ativa; o masculino se opõe ao feminino; o prosador duela com o poeta. Segundo Athayde, em *Saga* Veríssimo constrói o enredo no confronto entre os personagens que têm horror à violência, e aqueles que encontram na violência um fim em si. Para Antônio Cândido, “Em 1930, nós vivemos o problema do realismo, ou neo-realismo, socialista ou não. [...] Vivemos um grande surto do romance, ligado aos pontos de vistas da moda pela sociologia e a antropologia, como um triunfo do social contraposto às tendências espiritualistas e religiosas.”⁸¹ Esse contraponto presente nas discussões da geração de 1930-40 parece, portanto, absorvido na produção de Érico Veríssimo. Daí a possibilidade de seu olhar se projetar, ora a favor da tradição ibérica, ora a favor da modernidade.

A projeção em contraponto de Veríssimo através de sua produção literária, em especial, na década de 1930, talvez corresponda à reflexão de Roberto da Matta⁸², para quem o Brasil parece mais bem ajustado a uma combinação aparentemente impossível, ao em vez de obedecer a um modelo teórico linear – moderno ou tradicional. Daí a coexistência num mesmo espaço do aristocrata com o populista, do católico com o umbandista, sem que haja entre eles um questionamento acerca das fronteiras da modernidade e da tradição ibérica.

⁷⁹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 147 e 497.

⁸⁰ ATHAYDE, 2005, p. 86.

⁸¹ CÂNDIDO, 2005, p. 68.

⁸² MATTA, 1986, p. 102 e 103.

1.4. Construção reflexiva por meio do estilo ensaístico

O ensaio como estilo literário – gênero que inspirou boa parte dos autores da geração de 1930, dentre eles Vianna Moog, Érico Veríssimo, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior – correspondia a uma escrita em que o autor se interroga e nos interroga a respeito da realidade brasileira, sobretudo em relação às linhas básicas da formação cultural da sociedade, o que faz procurando evitar⁸³ um pensamento dogmático ou sistemas explicativos da natureza e da vida. Maria de Lourdes Soares diz ainda que o ensaísmo são “textos de reflexão que [...] desenvolvem um pensamento autônomo, que não procura divulgar uma verdade estabelecida previamente, mas sim, encontrá-la e, simultaneamente, perdê-la no labirinto interminável da escrita”⁸⁴.

Esses delimitadores do ensaio permeiam a geração de 1930 e suas correntes explicativas acerca do processo histórico brasileiro. Os nomes de Freyre, Buarque e Caio Prado Júnior sobressaem-se neste grupo de intelectuais, face aos novos paradigmas lançados em suas construções teóricas e metodológicas, conforme diz Renato Moscateli⁸⁵.

O ensaio *Casa grande e senzala*⁸⁶ de Gilberto Freyre constitui uma das obras mais analisadas dessa época. Dentre os autores que avaliam o pensamento de Freyre, inclui-se Moreira Leite⁸⁷, para quem Freyre não teria conseguido efetivar um olhar de caráter científico em sua obra, pois sua pesquisa teria conduzido a uma deformação da realidade histórica do período colonial brasileiro. Apesar de uma formação culturalista norte-americana, o discurso ensaístico de Freyre, diz Leite, assume uma formatação mais próxima de um texto literário, uma vez que faz prevalecer a perspectiva pessoal do autor em detrimento de um enfoque objetivo dos fatos, a partir de pressupostos teóricos claros.

⁸³ Maria de Lourdes Soares questiona: O que é um ensaio? Nas palavras de Eduardo Prado Coelho, o ensaio, *stricto sensu*, é um texto “onde o autor se interroga e nos interroga [...], é o exercício, tanto quanto possível livre, de uma razão que não procura soluções”, mas reunir elementos para que cada leitor possa elaborar as soluções possíveis. Pressupõe, portanto, “uma consciência da pluralidade dos fins e dos meios e das conexões dialéticas que concretamente os estruturam: não pode desconhecer nem a ironia nem a ação que a supera”. SOARES, MariadeLourdes. OensaísmodeEduardoLoureço. http://www.lettras.ufjf.br/litcult/revista_litcult/volume1/ler.php?id=12. 20 Set 05.

⁸⁴ Citado por SOARES, *ibid*.

⁸⁵ MOSCATELI, 2000.

⁸⁶ FREYRE, 1977.

⁸⁷ Citado por MOSCATELI, *op. cit*.

Outra obra de expressão da mesma geração é *Raízes do Brasil*⁸⁸ de Sérgio Buarque de Holanda. Neste ensaio, segundo Moscateli, Sérgio Buarque conduz um olhar voltado para formação brasileira desajustada, justamente por ser herdeira da mentalidade portuguesa. Tal mentalidade fora decisiva no projeto de colonização do Brasil, todavia, emperrara a constituição de um sentimento de racionalidade na sociedade brasileira. O que prevalece, por decorrência, segundo Sérgio Buarque, é o princípio de hierarquias privilegiadas, o desencontro do brasileiro consigo, o sentimento de estranheza em sua própria terra⁸⁹.

A intenção de ler a realidade brasileira pela via cultural, como fazem Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, se distancia do ponto de vista elaborado por Caio Prado Junior em seu *Formação do Brasil contemporâneo*⁹⁰, cuja perspectiva, também ensaística, opta pela abordagem econômica. Para Prado Júnior, a realidade brasileira, como constituída nas primeiras décadas do século XX, refletia uma disposição econômica mantida pela dependência econômica do país ao jugo europeu desde suas origens coloniais.

Ainda que esses autores possam divergir em seus olhares, e que suas temáticas lhes permitam transitar por diferentes correntes teóricas, é comum uma intenção de investigar a formação brasileira com os recursos característicos do ensaísmo.

Assim, contido pelo ceticismo em relação à realidade brasileira e negando explicações enrijecidas, Moog elabora seu ensaísmo no desapego de modelos como o marxismo, darwinismo, keynesianismo, ou outros⁹¹. No mesmo sentido, Érico Veríssimo diz que “a História é a história vivida, a dos indivíduos, a do cotidiano, aquela que se faz de miríades de pequenas escolhas, cheia de contradições que não vêm da luta de classes, apenas, mas antes de tudo das paixões”⁹². Veríssimo enfatiza ainda sua recusa a uma postura ideológica, logo, dogmática, ao destacar que “eis por que é vão e derrisório exigirem-nos justificativas e engajamento. Engajados nós o somos, mesmo que involuntariamente”⁹³.

Se a realidade brasileira, em aspectos como arte, economia, política, história e nacionalidade, constituía ponto de atenção na produção ensaística, Moog e Veríssimo não foram diferentes e fitavam o nível de modernização deficitário do Brasil diante dos Estados

⁸⁸ HOLANDA, 1989.

⁸⁹ MOSCATELI, op. cit.

⁹⁰ PRADO Jr., 1971.

⁹¹ MOOG, 1969, p. 50.

⁹² Citado por BORDINI, p. 28.

⁹³ Citado por BORDINI, ibid., p. 28.

Unidos, uma vez que os norte-americanos avançavam em “progressão geométrica” em seu desenvolvimento, enquanto o Brasil se movia em “progressão aritmética”⁹⁴. Foi em torno dessa constatação que os autores produziram seus ensaios objetivando mostrar a “formação cultural brasileira”⁹⁵ diante do referencial norte-americano⁹⁶.

A circunscrição do estilo ensaístico a uma escrita descomprometida com uma verdade estabelecida ganha sentido à medida que viabiliza a escrita no trânsito entre ciências sociais e o campo literário, entre objetividade e subjetividade. Assim, Veríssimo utiliza em *Gato preto em campo de neve* e *A volta do gato preto* recursos como imagens, metáforas, ironia, construção ficcional, além de narrativas de caráter sociológico. Moog, por sua vez, faz uso de simbologias como Abraão Lincoln e Aleijadinho visando a contrastar as realidades sociais de brasileiros e norte-americanos. “Aleijadinho e Lincoln têm muito mais para nos dizer e muito mais para dar de si mesmos às culturas americana e brasileira do que as obras destinadas a evocar-lhes a lembrança.”⁹⁷

A tradição ensaística de 1930-40 parece indicar uma reflexão menos investida em verdades estabelecidas, preexistentes. Talvez a busca de verdades é que centralize a discussão. Embora tais verdades possam, por vezes, se diluir no contexto da escrita, como querendo mostrar que o pensamento é movimento, como revela Veríssimo ao chegar aos Estados Unidos. O autor se mostra admirado em suas constatações iniciais acerca daquele país, “e eu desde já me confesso embaixado diante do viço e do tamanho das mulheres e das cenouras desta terra”⁹⁸.

Abandonada a pretensão ao dogma, “o ensaísmo limita-se a uma observação da experiência humana marcada pelo ponto de vista do observador, a exemplo do que faz Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, Caio Prado e Vianna Moog. Recorrendo à narratividade e à

⁹⁴ MOOG, op. cit., p. 53.

⁹⁵ A expressão “cultura brasileira”, segundo Sérgio Miceli, ganhou relevância nos anos de 1930, cujo sentido exprimia a atuação de intelectuais que se dispunham a assumir a tarefa de projetar as primícias da nacionalidade brasileira. “É nesse contexto, sem dúvida, que tomou corpo a concepção de cultura brasileira, sob cuja chancela, desde então, se constituiu uma rede de instâncias de produção, distribuição e conservação de bens simbólicos.” MICELI, 2001, p. 216.

⁹⁶ A respeito da realidade brasileira segundo a perspectiva dos ensaístas de 1930, Flávio Loureiro Chaves diz: “O meio é sempre a condição do indivíduo, as leis do espaço habitado determinam a origem dos conflitos individuais, o reconhecimento da realidade circundante é função inerente ao texto narrado. Daí a tendência para o romance-ensaio, cumprindo raras vezes aquele nível ótimo da literatura comprometida no qual, de acordo com Antônio Cândido, ‘o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na estrutura, tornando-se, portanto, interno’”. CHAVES, 2001, p. 17.

⁹⁷ MOOG, 1969, p. 317.

⁹⁸ VERÍSSIMO, 1998a, p. 36 e 37.

construção de imagens, recusando os conceitos abstratos, o ensaio se configura como um gênero em que a produção de sentido é homóloga à criação literária”⁹⁹. Ao relacionar mulheres e cenouras na mesma afirmação, o romancista não encaminha o leitor para um exame de caráter sociológico, antes, parece indicar uma possibilidade criativa, mais próxima do literário, cujo sentido, nesse caso, manifesta a ausência de regras que possam inscrever a afirmação num saber controlado, como requer a reflexão científica. Buscar verdades pela via do ensaio, portanto, acarreta uma construção flexível entre as bordas da criação literária e da possibilidade científica.

1.5. A história revisita o ensaio

A tradição ensaística das décadas de 1930-40 assim constituída – entre o postulado da ciência e da expressão literária – não se opusera ao novo enfoque historiográfico que estava surgindo na mesma época, uma vez que a história passava por reformulações em sua vertente francesa, à qual o Brasil estava alinhado. A fundação da Revista e posterior Escola dos *Annales*, por Lucien Febvre e Marc Bloch na França mobilizou o afastamento da reflexão histórica de cunho tradicional, cuja referência acentuava a história factual e política com seus personagens e heróis¹⁰⁰. A nova roupagem da historiografia francesa indicava sua aproximação com outras reflexões, dentre elas a narrativa literária.

Ao analisar as mudanças na História, Roger Chartier assinala a aproximação com mais ênfase entre o discurso histórico e o literário, não na década de 1930, mas no final do século XX, um segundo momento dessa aproximação, portanto. Para o autor, essa “nova história”, como a define, estava resgatando as origens dos *Annales*, que, por sua vez, havia desbancado antigos personagens políticos e militares em nome de novos objetos, especialmente a história serial e a história estruturalista. Com a “nova história”, o olhar se volta para outros referenciais de estudo, outros paradigmas, dentre eles a sociedade, família, corpo humano, amor, ódio, classes sociais.

⁹⁹ COUTO, 1998.

¹⁰⁰ BURKE, 2002, p. 29.

Outro retorno significativo aos anos de 1930, segundo Chartier, diz respeito ao emprego da narrativa no discurso histórico. Para Michel de Certeau¹⁰¹, “a história é um discurso que coloca em ação construções, composições, figuras que são aquelas de toda escritura e narrativa, logo também da fábula”. Segundo Chartier¹⁰²:

As reflexões pioneiras de Michel de Certeau, depois o grande livro de Paul Ricoeur e, mais recentemente, a aplicação à história de uma “poética do saber”, que tem por objeto, conforme a definição de Jacques Rancière, o conjunto de procedimentos literários pelos quais um discurso subtrai-se à literatura, estabelece para si um estatuto de ciência e o significa, obrigaram-nos, quer quissemos ou não, a reconhecer a pertença da história ao gênero da narrativa.

Essa convergência entre a narrativa literária e a pesquisa científica acaba por aproximar a história, nomeadamente a “nova história” – a do final do século XX – da produção ensaística das décadas de 1930-40. Em razão disso, encaixa-se a afirmação de Lúcia Lippi de Oliveira¹⁰³ acerca do ensaio produzido por Vianna Moog em *Bandeirantes e pioneiros*¹⁰⁴. Segundo a autora, trata-se de uma obra nitidamente mais apropriada ao momento histórico brasileiro do final do século XX, ocasião em que os principais intérpretes do Brasil estão sendo exumados por conta das comemorações dos 500 anos do país¹⁰⁵. A expressão de Lúcia Lippi de Oliveira anuncia o retorno da história ao estilo ensaístico, antes relegado ao ostracismo.

A autora argumenta que o mesmo ensaio que contribuiu para revelar Vianna Moog ao meio intelectual brasileiro e internacional¹⁰⁶ o conduziu ao esquecimento, como, aliás, ocorrera com outros autores daquela mesma geração. De uma forma geral, os ensaístas foram recusados pelo meio universitário face às inovações que a ordem científica e as explicações

¹⁰¹ Citado por CHARTIER, 2002, p. 100.

¹⁰² Ibid., p. 85-86. Ver também a expressão de Sérgio Seligmann Silva quando diz: “A literatura não pode ser pensada mais como um campo desligado da nossa vida cotidiana e sem efeito sobre ela – como alguns autores ainda insistem em o fazer.” SILVA, 2003, p. 43.

¹⁰³ OLIVEIRA, 2000, p. 104.

¹⁰⁴ MOOG, 1969.

¹⁰⁵ Caso de MOTA, 2001.

¹⁰⁶ Em artigo de jornal, Gilberto Freyre manifesta seu reconhecimento ao trabalho de Vianna Moog ao dizer que o “Ensaísta da inteligência viva e atual do senhor Vianna Moog não era possível que o passado interessasse como conjunto de fatos tristonhamente mortos. E não interessa. Para ele, o que há de sedutor no estudo da história brasileira é o que nessa história é antecipação de um futuro que começa a ser assunto de cogitação sociológica, não apenas para os brasileiros como para os demais povos do Continente Americano, da Europa, do Oriente, da África.” FREYRE, 1955.

econômicas projetavam no Brasil em razão do surgimento da reflexão universitária, sobretudo com a Universidade de São Paulo¹⁰⁷. Para Renato Janine Ribeiro, “o ensaísmo tem tradição no Brasil, mas nem sempre é respeitada. Se nunca empalideceu a reputação acadêmica de Sergio Buarque, Gilberto Freyre foi bastante atacado, até que, recentemente e talvez por um parentesco de seu trabalho com a história das mentalidades, readquiriu respeito”¹⁰⁸.

Janine Ribeiro não fala em ostracismo do estilo ensaístico da geração de 1930-40, mas de uma certa transformação no estilo, uma vez que foi acrescido de saberes técnicos desenvolvidos no decorrer dos cursos universitários no Brasil. Segundo o autor, estes estudos inovadores, cujos referenciais nacionais se somavam bibliografias norte-americanas ou européias, além de intelectuais, como Florestan Fernandes e convidados estrangeiros, desbancaram o impressionismo característico dos ensaios de 1930-40 em nome de uma reflexão referendada pela pesquisas de campo¹⁰⁹.

Entretanto, diz Janine, nas últimas décadas do século XX, novas perguntas sobre a identidade brasileira favorecem o retorno a um novo estilo ensaístico, conforme Lúcia Lippi de Oliveira afirmara. Janine Ribeiro salienta que, diferentemente dos tempos de Moog, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, os tempos atuais comportam uma demanda social em torno do ensaio bem maior, embora as respostas possam surgir no mesmo sentido do olhar projetado entre as ciências sociais e a criação literária. Para Janine a busca por tais respostas permite unir,

por exemplo, um antropólogo de sucesso como Roberto Da Matta e um cronista popular como Luis Fernando Veríssimo que, cada um a seu modo, procuram responder a essa pergunta fazendo uso da observação, sim, mas com forte intuição, ainda que treinada. Episódios da vida cotidiana passam a ter uma carga significativa importante, episódios que não são passíveis de mensuração ou de uma metodologia científica como a da ciência política ou da sociologia.¹¹⁰

A expressão de Érico Veríssimo em *Gato preto em campo de neve* e *A volta do gato preto* transcorre por essa via, ora parecendo cientista social, ora feito cronista preocupado em desvendar os movimentos do cotidiano norte-americano e brasileiro, conforme faz no

¹⁰⁷ OLIVEIRA, 2000, p. 104.

¹⁰⁸ RIBEIRO, 2003.

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ RIBEIRO, 2003.

comparativo entre as duas sociedades: “Os americanos são mais ricos que nós. Mas esta é uma frase estúpida que não explica nada. É o mesmo que dizer: João goza de saúde e eu não, simplesmente porque eu estou doente e João não está.”¹¹¹. Para o enfoque da “nova história”, conforme diz Chartier, a expressão de Veríssimo é aceita na medida em que os “procedimentos explicativos da história permanecem solidamente apoiados na lógica da imputação causal singular, isto é, no modelo de compreensão que, no cotidiano ou na ficção, permite dar conta das decisões e das ações dos indivíduos”¹¹².

Para efeito de uma análise comparativa da historiografia brasileira com o que estava se passando nos Estados Unidos no decorrer do século XX, especialmente em suas últimas décadas, é possível observar que no Brasil há uma utilização da narrativa literária, além da conexão com as ciências sociais, pois existe uma fragmentação no campo da história. Nos Estados Unidos, segundo Lúcia Lippi de Oliveira, a tendência mostra uma construção da história pontuada pelo enfoque científico, logo, desapegada do recurso literário. Somente depois dos anos de 1960 é que houve uma certa abertura para a corrente historiográfica francesa, todavia, foi o sentimento de auto-suficiência e objetividade que iria prevalecer entre os historiadores norte-americanos em relação à Europa e América Latina, diz a autora¹¹³. Ao projetar a historiografia norte-americana para o século XXI, Maurício Tenório Trillo diz que “é possível e importante imaginar uma perspectiva a-racional ou pós-racional para [...] a história da nação ‘Estados Unidos’. [...] a historiografia estadunidense continuará sendo uma empresa especializada, imensa e muito marcada pelas obsessões domésticas.”¹¹⁴

1.6. A metáfora como recurso discursivo

A utilização de figuras de linguagem, especialmente a metáfora, no olhar comparativo de Viana Moog e Érico Veríssimo constitui uma das características mais presentes nas obras em análise nesse trabalho¹¹⁵, sobretudo em Veríssimo. Numa dessas metáforas, o romancista

¹¹¹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 493 e 494.

¹¹² CHARTIER, 2002, p. 86.

¹¹³ OLIVEIRA, 2000, p. 32, 33, 34 e 35.

¹¹⁴ TRILLO, 2001, p. 11.

¹¹⁵ MOOG, 1969, VERÍSSIMO, 1998b e VERÍSSIMO, 1998a.

menciona a religiosidade norte-americana: “No fundo, religião para essa gente é uma espécie de máquina de ir para o céu.”¹¹⁶ O emprego de figuras de linguagem pelos dois autores, entretanto, parece não gerar estranhamento, uma vez que esse recurso é parte da narrativa literária, e esta, por sua vez, encerra um dos elementos formadores do ensaio. Segundo Veríssimo, “não sou um sociólogo e muito menos um homem de ciência. É ainda com os instrumentos de ficção que estou procurando examinar esse problema da realidade.”¹¹⁷

No diálogo que Érico constrói com seus personagens em *A volta do gato preto*, há um momento em que ele fala a respeito do emprego das metáforas, aliás, o autor não utiliza a expressão “metáfora”, mas “caricatura”. Para Veríssimo, “a caricatura não exclui a parença. Ela sempre tem uma dose de verdade. De resto, esta terra [Estados Unidos] ama a caricatura.”¹¹⁸

Com tais afirmações, Veríssimo parece definir o domínio de sua fala acerca do objeto em vista, neste caso, a formação cultural norte-americana e brasileira. A literatura com seus recursos, dentre eles a caricatura (metáfora), lhe serve de instrumento na construção do seu olhar em torno de temáticas como a religião norte-americana, cujo estudo de caráter científico se traduz na sociologia de autores como Max Weber¹¹⁹, por exemplo. Veríssimo diz: “Para usar novamente da técnica de caricatura, direi que protestantismo é catolicismo desidratado.”¹²⁰

A metáfora de Veríssimo e Moog, portanto, não participa da narrativa como simples apêndice; a figura de linguagem se encarrega de viabilizar a reflexão do autor na elaboração de suas obras e no diálogo com o leitor, embora o estilo do discurso não tenha a chancela científica, justamente por ser literário. A esse respeito vale lembrar a afirmação de Hayden White, acerca da construção do discurso histórico: “O discurso histórico, assim como o enunciado metafórico, a linguagem simbólica e a representação alegórica, significa sempre mais do que diz literalmente, diz algo diferente do que parece significar, e revela algo sobre o mundo somente mascarando alguma outra coisa.”¹²¹

¹¹⁶ VERÍSSIMO, 1998a, p. 344.

¹¹⁷ Ibid., p. 343.

¹¹⁸ Ibid., p. 343.

¹¹⁹ Ver WEBER, 2001.

¹²⁰ VERÍSSIMO, 1998a, p. 347.

¹²¹ Citado por CHARTIER, 2002, p. 107 e 108.

É por meio da caricatura que Veríssimo se permite questionar sua própria reação frente a valores sociais, questiona também convenções constituídas pela sociedade moderna, como faz ao empregar a metáfora da calça amarela e a jaqueta de veludo azul. Vestido com tais roupas, o autor passeia pelas ruas dos Estados Unidos de forma extravagante e ridícula em pleno dia de verão, o que lhe permite experimentar a reação e o comportamento das pessoas frente aos indicativos de normalidade e anormalidade.

Por meio da metáfora, Moog e Veríssimo viabilizam, ainda, a construção de imagens na cena brasileira como faz o autor de *A volta do gato preto*, ao dizer que os heróis mais bem aceitos no Brasil não são tipos fortes e guerreiros, mas o jabuti e Pedro Malazartes. Trata-se de duas figuras que se ajustam a uma pluralidade de alternativas concorrentes na compreensão da trama social brasileira em seus diversos segmentos, seja no exercício de suas projeções, seja nas ações. Dessa forma, tanto Veríssimo como Vianna Moog buscam reconhecer o malandro – o sujeito que se utiliza do jeitinho – ou o brasileiro marcado pelo “desajustamento psicológico”, conforme menciona Moog. Da mesma forma, afirmam a tradição católica ibérica em sua incapacidade de almejar a modernização da sociedade brasileira. Neste olhar voltado para a realidade brasileira, Vianna Moog talvez tenha plasmado a metáfora central de seu *Bandeirantes e pioneiros*, ao equiparar os níveis de desenvolvimento e modernização de Brasil e Estados Unidos a uma expressão matemática, “progressão aritmética” e “progressão geométrica”¹²².

O apoio de figuras de linguagem, essencialmente, da metáfora, como fazem Moog e Veríssimo, encaixa-se no discurso da historiografia das últimas décadas, uma vez que a aproximação da História com outras áreas do saber, caso da literatura, parece interessar a sua própria construção.

Deve-se ressaltar que Chartier se ocupa em discutir a história em seus movimentos recentes; logo, não seria possível estabelecer conexões com a produção de Moog e Veríssimo; no entanto, tais conexões se justificam em face de que a retomada da narrativa literária pela história é, em linhas gerais, uma reaproximação com as idéias que a história propusera na mesma época em que Moog e Veríssimo estavam projetando seus trabalhos nas décadas de

¹²² MOOG, 1969, p. 53.

1930-40. Entre tais idéias, consta a tentativa de ampliar o campo do historiador para o discurso de caráter literário¹²³.

Falando em nome da história, Chartier lembra Hayden White quando esse diz que, além da metáfora, a ironia, a metonímia e a sinédoque completam as quatro modalidades principais do que o autor define por “quatro tropos clássicos da linguagem poética”¹²⁴. White se caracteriza pela defesa da história distanciada do estatuto científico. Para o autor, a maior relevância acerca do passado reside na ficção; logo, é nela que a história deve se espelhar na construção de sua reflexão. Em razão disso, Hayden White atrai para si a oposição de outros historiadores, como Roger Chartier e Carlo Ginzburg, para quem o problema principal aponta para um relativismo absoluto defendido por White. Além disso, estando a história desarmada de uma chancela científica, como sugere Hayden White, estaria ela fragilizada em sua autoridade para construir juízo de valor acerca do verdadeiro e falso ou para denunciar possíveis inverdades e acusar falsários¹²⁵. Embora Chartier se mostre em desacordo com White em relação ao pertencimento da história ao parâmetro científico, prevalece em ambos à idéia de fazer aproximar a história da narrativa literária, como referimos acima.

Como parte dessa discussão entre construção histórica e literatura, o emprego de figuras de linguagem, conforme sugere Hayden White, anuncia um dos projetos que pensam essa aproximação entre o historiador e o literato: “Trata-se de diferentes projetos, alguns estabelecendo taxinomias e tipologias universais, outros reconhecendo diferenças localizadas e individuais”¹²⁶, diz Chartier.

Dessa forma, parece justo pensar que a utilização de figuras de linguagem na reflexão de Moog e Veríssimo, como veremos mais à frente, especialmente no terceiro capítulo, antecipa uma discussão nos domínios da historiografia nessas últimas décadas. Se, por um lado, o historiador visualiza a narrativa literária procurando conciliá-la com referências aderentes a mecanismos científicos, por outro, Érico Veríssimo exalta a possibilidade de compreender a realidade social por meio da arte literária, conforme expressa ao tomar de empréstimo uma frase de Goethe: “O homem não pode encontrar melhor retiro do mundo do que a arte, e não pode encontrar laço mais forte com o mundo do que a arte.”¹²⁷ Maria da

¹²³ CHARTIER, 2002, p. 102.

¹²⁴ Citado por CHARTIER, *ibid.*, p. 103.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 110 e 111.

¹²⁶ CHARTIER, 2002, p. 87.

¹²⁷ Citado por BORDINI, 1995, p. 27.

Glória Bordini ratifica essa afirmação ao dizer que Veríssimo “não consegue pensar a literatura fora do quadro da História das mentalidades, o que reafirma a tese de que para ele vida e arte não se dissociam”¹²⁸.

¹²⁸ Ibid., p. 41.

2. FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA SOB A ÉTICA RELIGIOSA

Este capítulo busca analisar o olhar de Moog e Veríssimo acerca da formação cultural brasileira e sua relação com o catolicismo e a tradição ibérica na comparação com a formação da sociedade norte-americana e a religião protestante.

A concentração da análise em torno da predominância religiosa de Brasil e Estados Unidos não acarreta, todavia, desconsiderar a interpretação das diferentes correntes de pensamentos. Para Vianna Moog, a investigação não pode se manter confinada sob o olhar unilateral em detrimento de uma análise histórica. Neste sentido, a compreensão acerca do confronto entre a civilização desenvolvida em “progressão geométrica” frente à outra sujeitada a um movimento em “progressão aritmética” – conforme Moog define a relação Brasil e Estados Unidos – transita pela análise em seus aspectos geográfico, político, econômico, religioso, moral e psicológico¹²⁹.

Em face disso, o autor remete seu questionamento às diversas correntes teóricas do conhecimento histórico. Quem estaria com a razão em seus argumentos? Pergunta Moog.

¹²⁹ MOOG, 1969, p. 97.

Se a história não é apenas uma consequência da geografia, como insinua Ratzel, que será então? Será o progresso indefinido, como queria Spencer? Simples marcha dos povos, partindo do estado teológico para chegar ao estado positivo, através do metafísico, como assegurava Augusto Comte? Tese, antítese e síntese, como sustentava Hegel? Simples estrutura do fator econômico, como juram os marxistas de mão estendida sobre O Capital, de Karl Marx?¹³⁰

A intenção do ensaísta parece ser a de negar qualquer abordagem em torno de Brasil e Estados Unidos que não esteja comprometida com a compreensão da amplitude histórica e da formação orgânica das duas nações. É o que faz ao referir-se às teorias raciais. Para Moog, se o Brasil apresentava níveis de desvantagem em sua constituição geográfica – clima, hidrografia, relevo ou vegetação – frente aos Estados Unidos, compensava essa desvantagem ao permitir a construção de sua civilização por meio da miscigenação.

A ênfase antideterminista de Moog não é menos veemente em relação aos estudos realizados pelos economistas. Para Moog, essa interpretação histórica se encaixa no olhar dialético-materialista, empenhada na apreensão simples de causa e efeito¹³¹. A preponderância do norte-americano diante do brasileiro se explica, segundo o autor, pela excelência do solo e sub-solo daquele país, sobretudo em relação à descoberta de carvão e, posteriormente, de petróleo.

Esta constatação não era suficiente para satisfazer a análise de Moog. Para ele, a impotência do fator econômico se configura diante das semelhanças que este aspecto apresenta entre Brasil e Estados Unidos. “Se havia plantações de algodão na colônia inglesa, havia engenhos de cana-de-açúcar no Brasil, havia comércio de escravos entre os anglo-saxões, outro tanto ocorria nos portos do Brasil.”¹³² Thomas Skidmore¹³³ salienta que a postura de Vianna Moog no sentido de rejeitar as suposições teóricas sobre a formação brasileira o qualifica de forma singular na intelectualidade da época. De outra forma, pode-se dizer que o posicionamento de Moog corresponde a uma das principais características do estilo ensaístico, que é o de afastar-se dos sistemas explicativos da natureza e da vida¹³⁴.

¹³⁰ MOOG, 1969, p. 50.

¹³¹ Em relação a esse tema, Moog interroga: “Ainda vamos admitir de um modo absoluto que os acontecimentos históricos – todos os acontecimentos históricos, sem exceção de nenhum – foram sempre e invariavelmente determinados por fatores econômicos e que não é a consciência do homem que condiciona o seu modo de ser, mas a sua maneira de ser social, seu condicionamento aos meios de produção que determina sua consciência individual?” Ibid., p. 63.

¹³² Ibid., p. 52.

¹³³ SKIDMORE, 1994, p. 45.

¹³⁴ COUTO, 1998.

A mesma inconformidade de Vianna Moog em relação ao determinismo econômico também é visível em Érico Veríssimo na medida em que este autor se posiciona na contramão do pensamento materialista do qual era contemporâneo no pós-Segunda Guerra Mundial. Para Veríssimo, é o sentido de multiplicidade que melhor situa o homem diante da vida:

Penso que o romancista não deve ter partido político. A vida é múltipla e, no fim de contas, onde está a verdade? Acho que a preocupação moral do escritor deve ter como objetivo principal a causa humana. Dos tantos sistemas políticos que andam hoje pelo mundo não sei qual será o melhor. O que sei é que sou decidido partidário do livre-exame e do livre câmbio de idéias, razão pela qual não me seduz nenhum sistema político que suprima essas liberdades e tenda a transformar o mundo num vasto campo de concentração.¹³⁵

Essa postura atribuída a Veríssimo anuncia sua disposição de lançar-se no enfoque cultural, como faz ao reconhecer o desenvolvimento industrial do anglo-americano na confrontação com o atraso brasileiro na afirmação de que “está provado que os ibéricos não são particularmente hábeis no trato das máquinas, ao passo que exatamente o contrário se passa com os anglo-americanos”¹³⁶. Ao mencionar a inabilidade dos ibéricos, o romancista evoca uma das vertentes dos estudos culturais a respeito do Brasil, que é a formação tradicional católica predominante no Brasil frente ao modelo norte-americano cuja orientação se alinha com os tempos modernos e a ordem calvinista. Assim, a expressão de Veríssimo situa seu enfoque literário de cunho realista. Segundo Maria da Glória Bordini, “tanto no plano existencial do escritor, como na sua produção, o binômio refúgio-engajamento constituiu a pedra de toque dos conflitos, levando não raro a uma identificação ética esforçada com o segundo termo, enquanto, [...] o primeiro persistia como fonte de tranquilização”¹³⁷.

Entre o realismo, o engajamento e o refúgio, a exposição cultural de Veríssimo detém ainda a sensibilidade humanista, como demonstra em *Gato preto em campo de neve*. Nessa obra, o autor apresenta certos costumes da sociedade norte-americana com a sensibilidade que é própria da “abordagem estética, visual e sensível” de sua obra, salienta Nelson Vieira¹³⁸. Segundo Érico, nos Estados Unidos, as pessoas cultuam “o amor às janelas abertas. O hábito do banho diário e do exercício físico. Repugnância pelos assuntos e temas mórbidos, e por

¹³⁵ Citado por VIEIRA, 2005, p. 192.

¹³⁶ VERÍSSIMO, 1998a, p. 495.

¹³⁷ BORDINI, 1995, p. 28.

¹³⁸ VIEIRA, 2005, p. 187.

tudo quanto esteja ligado à idéia de morte e doença. [...] o cultivo da veia humorística. O gosto pelas anedotas.”¹³⁹

Ao analisar o traçado literário de Veríssimo, Tristão de Athayde¹⁴⁰ menciona o estilo amadorístico do autor, como faz sentir em sua independência em relação a qualquer escola literária ou filosófica, pela alienação aos movimentos sociais, somada à sua indefinição religiosa. Veríssimo negava toda forma de amarras, de sujeição, em favor de um sentimento de liberdade, de aventura e disponibilidade imaginativa; daí provém sua criação artística com várias frentes: olhar realista, estético, histórico, sociológico. “Ai do escritor que não respeitar, tanto em seu espírito como em seus escritos, o que tem de amador. [...] Mas também, ai do artista que não se aplicar ao seu trabalho com as virtudes do profissional.”¹⁴¹ Com tais características, Veríssimo projeta o enredo de suas obras, sobretudo em seus romances, como se fosse uma colcha de retalhos, cujo sentido criativo se complementa na elaboração do profissional com suas virtudes, como indica Athayde.

Esse “entranhado humanismo” de Veríssimo, como diz Nelson Vieira, permite localizar sinais literários, como a criação artística e a estética, que passariam a contribuir com a historiografia brasileira na geração de 1930, embora tais sinais viessem a se fazer presentes de maneira mais veemente na segunda fase da aproximação do historiador com a narrativa literária, no final do século XX – momento em que a historiografia inaugurava a chamada “nova história”. Nessa ocasião, segundo Sandra Pesavento, a literatura se apresentava com “a sensibilidade, a sintonia fina que permite captar o passado de outra forma. Diríamos mesmo que é disto que a nova história está em busca e que por vezes se revela de difícil enquadramento na sua bagagem científica”¹⁴².

Tal sintonia e sensibilidade Érico Veríssimo já imprimia, portanto, em suas duas obras comparativas nos anos de 1940. Ao analisar o passado pela mesma ótica literária de Veríssimo, ou do ensaio, como faz Vianna Moog, o historiador “dotado de um método científico, busca outras formas para fazer inteligível o passado, recuperando-o por uma estrutura alternativa que não aquela trazida pelos documentos oficiais ou os métodos tradicionais”¹⁴³, salienta Pesavento.

¹³⁹ VERÍSSIMO, 1998b, p. 543.

¹⁴⁰ ATHAYDE, 2005, p. 84.

¹⁴¹ Ibid., p. 84.

¹⁴² PESAVENTO, 1997, p. 250.

¹⁴³ Ibid., p. 250.

2.1. Calvinistas de um lado e católicos de outro

Assim, pela via do ensaio e do discurso literário, Moog e Veríssimo se mobilizam para discutir a formação cultural brasileira e suas possibilidades de modernizar-se através do enfoque comparativo. Os autores partem da premissa de que o Brasil ocupa uma posição de inferioridade diante do referencial anglo-americano (desenvolvimento em progressão aritmética frente ao desenvolvimento em progressão geométrica dos Estados Unidos). Inferioridade, entretanto, não pressupõe negação de desenvolvimento e modernização. Ao contrário, a discussão dos autores se ocupa do déficit e não da inexistência, especialmente quando reconhecem a inserção do Brasil no movimento histórico ocidental dos últimos séculos. Esse movimento foi sintetizado por Augusto Comte, conforme lembra Tzvetan Todorov:

Comte parte de observações reais, cuja força às vezes é tal que se é obrigado a reconhecer-lhe uma clarividência profética. Descobre na sociedade que lhe é contemporânea muitas características que, segundo ele, estão destinadas a se estender universalmente. Trata-se, primeiro, da vida industrial e, portanto de uma certa organização do trabalho; segundo, de uma homogeneização dos gostos estéticos; terceiro, do acordo internacional sobre o conteúdo e os métodos da ciência. A isso se acrescenta, em quarto lugar, a preferência por uma forma política, a república democrática; e, em quarto, uma moral que não se funda mais em uma teologia qualquer, mas na religião da humanidade. [...] cento e cinquenta anos depois da formulação dessas profecias, estamos em situação de reconhecer que Comte viu corretamente: mesmo que os domínios assim distinguidos não evoluam todos à mesma velocidade, a humanidade é hoje em dia incontestavelmente mais homogênea, em todos esses aspectos, do que à época em que ele escrevia.¹⁴⁴

Os possíveis níveis de homogeneidade na formação de Brasil e de Estados Unidos, como sugerem as observações de Todorov sobre Comte, não invalidam, todavia, o movimento descompassado entre os dois países. É justamente o descompasso que viabiliza a construção comparativa, como fazem Moog e Veríssimo. Segundo Paul Veyne¹⁴⁵, a história comparada se dá pelo contraste de idéias, pela existência de histórias diferentes. Houvesse somente traços comuns, não se poderia falar em comparação.

¹⁴⁴ TODOROV, 1993, p. 45.

¹⁴⁵ VEYNE, 1995, p. 64 e 65.

Neste sentido, Moog questiona a desigualdade entre Brasil e Estados Unidos ao ressaltar o confronto da ética religiosa predominante nas duas sociedades. O autor observa, todavia, que tanto o calvinismo do anglo-americano e o catolicismo do brasileiro não governam a história. A história se faz mediante a contribuição de todas as áreas do conhecimento. “Ninguém escapa da História por mais que corra do calendário e da geografia. Mesmo na história chamada alienada, a História estará sempre implícita.”¹⁴⁶ Sobretudo na formação ocidental, cuja humanidade está destinada a se estender universalmente, como citou Todorov.

Ao afirmar que o papel da história é parte inerente ao conhecimento, ou condição da qual ninguém se furta, Veríssimo parece antecipar a afirmação de Jessé Souza segundo a qual a comparação cultural se aplica somente à ciência, nunca à ideologia. Para Jessé, desde as primeiras décadas do século XX, as diversas gerações de autores se ativeram em interpretar a formação cultural brasileira pela ótica da comparação com os Estados Unidos, fosse tal comparação implícita ou explícita. Nesse ínterim dá-se o contato com a sociologia de Max Weber, a qual possibilitou uma ruptura com a reflexão de cunho racial, até então predominante¹⁴⁷.

Com isso, a sociologia weberiana se introduziu com intensidade no meio intelectual brasileiro, uma vez que sua análise viabiliza a oposição entre atrasado e desenvolvido, sem discutir, contudo, o exato local do atrasado e do moderno. Com esse olhar, encaminham-se as reflexões de autores brasileiros como Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e o próprio Vianna Moog.

Existe entre eles uma certa naturalização acerca do que se define como tradicional, logo atrasado, e como desenvolvido, logo moderno, diz o autor. Para Jessé de Souza, o comparativo construído pela ótica weberiana, como faz Vianna Moog, permite localizar uma base diante da qual se mede o atraso brasileiro. Somente isso é possível, reconhecer o atraso diante de um parâmetro comparativo. Segundo o autor, o comparativo assim realizado acaba por relativizar a idéia de atraso, sem negá-lo e nem mascará-lo, mas tornando-o operacional e determinado¹⁴⁸.

¹⁴⁶ BORDINI, 1995, p. 37.

¹⁴⁷ SOUZA, 1999, p. 45 e 46.

¹⁴⁸ Ibid., p. 45 e 46.

Ao mencionar conceitos como tradição ibérica, modernidade, desenvolvimento e atraso, Vianna Moog e Érico Veríssimo, bem como outros intérpretes do Brasil, lançam mão de expressões fundamentais – palavras mestras¹⁴⁹.

De posse do instrumento comparativo, Moog sugere no segundo capítulo de *Bandeirantes e pioneiros* compreender a formação de três aspectos fundamentais da cultura norte-americana, o nacionalismo, a discriminação racial e o capitalismo, na relação com a religião calvinista, em comparação com a tradição católica trazida pelos ibéricos no Brasil. Esta comparação ganha relevo em Moog, na medida em que ele afirma serem os Estados Unidos a primeira nação calvinista do mundo. Com esse olhar, o autor visualiza aproximações e distanciamentos entre as duas formações culturais:

Quer isso dizer que o catolicismo é absolutamente incompatível com o capitalismo e o princípio das nacionalidades ou mesmo a discriminação racial? Doutrinariamente, sim. Cifra-se apenas em reconhecer que há mais compatibilidade doutrinária entre protestantismo e nacionalismo, ou entre protestantismo e capitalismo, do que entre capitalismo e catolicismo, ou entre catolicismo e nacionalismo. Nos países católicos, a rigor não há nacionalismo racista.¹⁵⁰

Por esta compreensão, Moog alinha o nível de desenvolvimento dos Estados Unidos em estreita relação com o espírito calvinista, enquanto o desenvolvimento em “progressão aritmética” brasileiro estaria associado à tradição católica. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, obra sobre a qual Jessé Souza¹⁵¹ diz “tratar-se de uma recriação do mundo”, Max Weber salienta que esta diferença resulta do sentido positivo dado ao trabalho, à ciência, à indústria e ao capital na modernidade, caso que se ajusta às sociedades tributárias da Reforma protestante. Segundo o autor, na Antiguidade e Idade Média, o trabalho era visto de forma depreciativa¹⁵².

¹⁴⁹ Segundo Edgar Morin, as palavras mestras são “palavras gigantes, que estendem seu domínio sobre toda a área política. [...] palavras hiperdensas, que concentram em si o máximo de significado e verdade. [...] são mais do que idéias-chave, pois operam as distinções/oposições fundamentais que dão forma e sentido ao nosso universo”. MORIN, 1986, p. 58.

¹⁵⁰ MOOG, 1969, p. 64, 65.

¹⁵¹ SOUZA, 1999, p. 43.

¹⁵² Max Weber afirma que “somente na Civilização Ocidental surgiram fenômenos culturais dotados de um desenvolvimento universal em seu valor e significado. Apenas no Ocidente existe a ciência num estágio de desenvolvimento que atualmente reconhecemos como válido. [...] uma química racional tem estado ausente de todas as culturas que não a ocidental. [...] da mesma forma há racionalização da sociedade, da técnica, do trabalho científico, da educação, da guerra, do direito e da administração. [...] uma estrutura como a do cânone jurídico só é conhecido no Ocidente. O mesmo ocorre com a arte, [...] com a força mais significativa de nossa

Vianna Moog observa essa distinção a ponto de garantir que os teóricos europeus, homens da modernidade, já eram protestantes. “Protestantes ou judeus, filhos da mesma matriz religiosa proveniente da ruptura no cristianismo, são eles que associam a expressão calvinista aos propósitos norteadores do modernismo”, diz o autor¹⁵³.

Para os reformadores, segundo Moog, o corolário católico de condenação ao comércio e ao trabalho destinado ao lucro não tinha sustentação diante das transformações que a Europa vinha produzindo. A reabilitação do comércio com a possibilidade de gerar ganhos, sem que isto fosse condenado diante de Deus, remetia à própria defesa pronunciada por João Calvino da projeção afirmativa do trabalho. Vianna Moog destaca essa passagem ao lembrar a interrogação de Calvino: “Que razão haverá para que a renda do negócio não seja maior do que a da propriedade da terra? De onde vêm os lucros do comerciante, senão de sua própria diligência e indústria?”¹⁵⁴

A oposição ibérica aos aspectos econômicos justifica os desatinos cometidos por Portugal e Espanha em relação as suas riquezas extraídas e contrabandeadas da Ásia e da América, justamente na época da transição da economia medieval para a economia moderna de capitalismo livre. No caso das colônias, a época era dinamizada pelo ouro e a prata. No Brasil, Portugal dava mostras de sua inabilidade para o trato de questões econômicas, produtivas e industriais à medida que mantinha um sistema de mercado exclusivista e alienado em relação às possibilidades de desenvolvimento da colônia¹⁵⁵.

Veríssimo acrescenta que Portugal se impôs comercialmente à colônia brasileira e demais países, pelo monopólio de produtos como o pau-brasil, óleo de baleia e sal, além de desencorajar o uso da terra pelos brasileiros e de proibir toda forma de atividade industrial¹⁵⁶. Em certo sentido, esse aspecto certifica a posição weberiana, segundo a qual “a Ibero-

vida moderna: o Capitalismo. [...] a separação da empresa da economia doméstica, que hodiernamente domina por completo a vida econômica, e, associado de perto a este, a criação de uma contabilidade racional”. WEBER, 2001, p. 1-15.

¹⁵³ MOOG, 1969, p. 67.

¹⁵⁴ MOOG, 1969, p. 67.

¹⁵⁵ Em relação à visão econômica dos ibéricos, o autor questiona: “Reconhecer autonomia aos fatores econômicos, organizar o crédito com o produto do ouro das minas, liberar a iniciativa individual, a grande propulsora do capitalismo mercantil dos povos protestantes, ceder à idéia da livre competição em oposição ao postulado secular da cooperação cristão? Não, não podia ser. Pelo contrário, o que cumpria fazer naquela conjuntura era revigorar as recomendações dos concílios no sentido de que o usurário não fosse permitido à mesa da comunhão nem admitido o sepultamento cristão.” Ibid., p. 90.

¹⁵⁶ VERÍSSIMO, 1998a, p. 376.

América não internalizou o desencantamento do mundo, por ter rejeitado no passado as implicações últimas das revoluções religiosa e científica”¹⁵⁷.

Contemporâneo da geração de 1930, Sérgio Buarque seguiria a mesma reflexão ao dizer que se trata de uma oposição entre a herança protestante (moderna), face à herança tradicional ibérica trazida ao Brasil pela colonização lusitana. Para Jessé de Souza, o autor de *Raízes do Brasil* introduziu um eixo temático comparativo cujo pensamento revela “a falta de vínculo associativo horizontal, que possibilite as constelações de interesses de longo prazo, e que passa a ser percebida como a causa fundamental do nosso atraso social a partir de então”¹⁵⁸. A exemplo de Moog, Buarque se manteve preso “entre o não-ser e o ser-outro, ...eis a questão”¹⁵⁹, como se estivesse retido no dilema: não ser moderno e desenvolvido ou pertencer à modernidade européia ou norte-americana.

Esse mesmo olhar acerca dos efeitos da tradição ibérica na formação brasileira, especialmente no aspecto político, também aparece em Raymundo Faoro. Segundo o autor, a colonização portuguesa teria implantado no Brasil um aparato estatal patrimonialista que contribuiria para o não desenvolvimento brasileiro, bem como teria negado o acesso do país à modernidade¹⁶⁰.

Outra afirmação que reitera a participação da tradição ibérica na formação cultural brasileira e que primou pela “imagem de um país que tinha na cruz seu primeiro símbolo e na catolicidade sua nota distintiva”¹⁶¹, procede do próprio discurso católico da primeira metade do século XX, segundo Artur César Isaías. Segundo o autor, o catolicismo brasileiro reafirma a negação dos princípios de liberalismo, modernismo, comunismo e luta de classes, os quais pertenciam a uma Europa que fazia esquecer a civilização cristã ocidental¹⁶².

O que parece corrente nessa discussão em relação à articulação entre tradição ibérica (atraso) e modernidade (desenvolvimento) é o modo como isso ocorre no Brasil. Lúcia Lippi de Oliveira diz que a passagem da tradição para a modernidade se dá, na América Latina, pelo progressivo desapego de tudo aquilo que seja singular à sua história, em favor da ordem em vigor na Europa e América do Norte. No entanto, Marcos Napolitano faz referência aos

¹⁵⁷ Citado por SOUZA, 1999, p. 204.

¹⁵⁸ Ibid., p. 32 e 33.

¹⁵⁹ NAPOLITANO, 2003, p. 295.

¹⁶⁰ Citado por SOUZA, 1999, p. 39.

¹⁶¹ ISAÍAS, 2003, p. 234.

¹⁶² Ibid., p. 248.

obstáculos que se interpõem nessa transposição, como a heterogeneidade de projetos imediatistas e desvinculados com um sentido universal.

No caso brasileiro, tais obstáculos parecem remeter ao monopólio comercial de Portugal sobre o Brasil com seu desejo de enriquecimento imediato, como afirmam Moog e Veríssimo, ou da ausência de mercado capitalista moderno e democracia digna, conforme Sérgio Buarque de Holanda. A constituição do Estado patrimonialista com impedimentos ao projeto industrial, de Raymundo Faoro, somado ao desejo de ratificar os traços da ordem católica, segundo Artur César Isaías, também podem resultar de tais obstáculos.

Segundo a perspectiva acima evocada, a prática do trabalho é encarada pelo calvinista como obrigação, um dever religioso, que torna todas as profissões dignas e aceitáveis. “A conquista da riqueza é o bem supremo, que traduz a ajuda de Deus ao seu servo obediente e fervoroso.”¹⁶³ Para Ângela Randolpho Paiva, a idéia de vocação se caracteriza como grande diferenciador entre católicos e protestantes. Enquanto que, para os protestantes, a profissão é encarada como vocação, “ao catolicismo ibérico o exercício da fé permanece numa relação de afastamento ou descolamento do mundo”¹⁶⁴. Segundo Vianna Moog:

No catolicismo precisa-se de um bom fundamento moral para fazer alguma coisa no mundo dos negócios? No calvinismo, ao contrário, para não estar ligado ao mundo dos negócios e da ação que conduz à riqueza, é que o bom fundamento moral se faz necessário. No calvinismo a ação prática é que é abençoada, não a contemplação. Entre calvinistas, o não estar ocupado na ação equivale a provocar sanções e estados de culpa.¹⁶⁵

Em outro momento, Moog observa a divergência entre calvinistas e católicos ao analisar o sentido em que a oração “padre-nosso” é rezada nos Estados Unidos e no Brasil. Na tradição católica, a oração é rezada em alusão ao sacrifício de Jesus Cristo e sua morte em nome dos pecados do mundo, seguida da ressurreição e a elevação de sua imagem à condição de mártir – herói maior da cristandade. Assim, o vitimizado triunfa como herói e eterniza a simbologia

¹⁶³ MELLO, 1958, p. 373.

¹⁶⁴ PAIVA, 1999, p. 260.

¹⁶⁵ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 68 e 69.

do perdão, à medida que o recebe de Deus ao renascer do calvário. Daí os católicos rezarem “perdoa-nos nossos pecados”¹⁶⁶, como se quisessem dizer, perdoai-nos nossas dívidas.

Para o calvinista, diz Moog, não existe a concepção do perdão da dívida, “Não: se dá nem se pede esmola no mundo ianque. [...] dar de mão beijada, perdoar a dívida, como o Brasil perdoou a dívida de guerra do Paraguai, é inconcebível no mundo do ianque e do puritano.”¹⁶⁷ A permanente disposição para perdoar revela o espírito negligente do católico a respeito dos empreendimentos materiais, entretanto, garante-lhe uma alma exuberante, diz Veríssimo¹⁶⁸.

Pela mesma via, Érico Veríssimo¹⁶⁹ enfatiza que a religião atua como se fosse uma espécie de argamassa de solidificação de sonhos e sentimentos da nação norte-americana. A religião significa-lhes, neste sentido, a afirmação da sociedade diante de Deus, “cujo nome nunca é pronunciado em vão e a pronúncia da palavra inferno caracteriza blasfêmia”¹⁷⁰.

2.2. A comparação hierarquizada a relação entre modernos e tradicionais

Em conversações mantidas com seus personagens Érico Veríssimo parece projetar a realidade histórica como se fosse um inventário do real. Nesse caso, o romancista assume um papel com dupla face, uma vez que se faz narrador da cena norte-americana e enfatiza tudo o que lhe parece exótico, ao mesmo tempo em que mantém a trama literária com seus personagens, casos de Vasco, Fernanda e Tobias. Assim, Érico constrói seu discurso sem descuidar-se das impressões que considera significativas em favor da superioridade do norte-americano frente à formação brasileira. Num desses diálogos, Veríssimo diz:

¹⁶⁶ Ibid., p. 176-177.

¹⁶⁷ Ibid., p. 176-177.

¹⁶⁸ VERÍSSIMO, 1998a, p. 373, 374 e 413.

¹⁶⁹ VERÍSSIMO, 1998b, p. 542.

¹⁷⁰ Lúcia Lippi de Oliveira assegura que o universo cultural norte-americano está significado na religião civil. Ela atua como se fosse um cimento identitário. Além das seitas protestantes oriundas da singularidade religiosa, a autora destaca a importância da literatura neste processo. “Foram elas que organizaram as comunidades, sustentaram escolas, formaram seus ministros e pastores em seminários, criaram os colégios femininos, dedicados a formar as esposas dos pastores” OLIVEIRA, 2000, p. 13.

Fernanda: Esse admirável e paciente Tobias parece ter tomado gosto pelas discussões, pois aqui está novamente a me convidar para um conversa em torno de confrontos entre norte e sul-americanos. [...] Todas as criaturas aqui [Estados Unidos] são consideradas honestas até o momento em que alguém prove o contrário. Ora, nos nossos países temos de andar constantemente provando, com documentos selados, que somos honestos e que não estamos tentando enganar ninguém. A confiança aqui facilita tudo. O serviço postal, o comercial e bancário, as relações sociais. [...] Bom, mas o que principalmente interessa ao nosso paralelo é deixar claro que se pusermos o meio físico brasileiro em confronto realista com os Estados Unidos, chegaremos à conclusão de que estamos numa situação de nítida, visível inferioridade. Isso explica em boa parte o atraso material do Brasil¹⁷¹

Ao analisar a obra de Érico Veríssimo, Tristão de Athayde assegura que o olhar em contraponto do romancista anuncia mais uma das tantas características que perfaz a integridade de sua obra, “a alma heróica e alma lírica, a alma contemplativa e a alma ativa, a alma masculina e a alma feminina, o prosador e o poeta”. Nesse caso, o contraponto corresponde à comparação entre a formação cultural norte-americana e brasileira. O fato singular neste comparativo é o sentido vertical que Veríssimo atribui à relação, de modo que o Brasil parece ocupar um lugar de inferioridade.

A comparação de Veríssimo e Moog entre os níveis de desenvolvimento e modernização de Brasil e Estados Unidos pela via hierarquizada não ecoa de forma isolada na intelectualidade brasileira¹⁷². Ela revela uma tendência cultural que fizera deslocar os parâmetros de mediação anteriormente voltados à relação Brasil e Europa, para ajustar-se a à formação de brasileiros e norte-americanos. Mirian Warde¹⁷³ salienta que, quando o projeto de construção da identidade e unidade nacional começou a ser pensado, por ocasião da independência do Brasil do jugo português, se evidencia o espelho extracontinental como referencial comparativo – a Europa e posteriormente os Estados Unidos. Isso equivale a dizer,

¹⁷¹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 362 e 490.

¹⁷² É o que revela Richard Morse ao analisar alguns indicativos da construção comparativa no decorrer do século XIX. Neste caso, o autor observou um jornal que circulava em São Paulo em 1835 (*O Novo Farol Paulistano*), o qual trazia em seu editorial o desconforto do editor com a possibilidade do Brasil adotar o sistema republicano: “Quanto mais attento para o Brasil, mais me convenço de que não está preparado para a republica. Todos reconhecem que esta forma de Governo, onde o povo é tudo, exige, para se manter, que o mesmo seja proporcionalmente instruído; e tenha muita morigeração, muito amor ao trabalho, finalmente muitas virtudes. E está por acaso n’estas circunstancias a população do Brasil? [...] Não macaqueemos os Estados Anglo-Americanos, que tiverão outros princípios, outra educação, outro regimen: sim, os Estados-Unidos forão povoados e educados por Filósofos; o Brazil por criminosos profugos e degredados. Os Estados-Unidos começarão logo com a Constituição Ingleza; o Brasil com as barbaras e goticas Instituições de Portugal, com a Ordenação do Livro 5º, &c. Os Estados-Unidos tiverão, desd’o seu começo, suas Assembleias Provinciaes, e forão criados com o leite da Liberdade; o Brasil estabeleceo-se sob o mais duro regimen colonial, nem conheceo outros direitos senão os caprichos de seus Verres, chamados Capitães Generaes, e a trapaça do Foro. Nos Estados-Unidos introduzio-se logo o trabalho e a industria; no Brasil a calaçaria e fausto dos mandões.” Citado por MORSE, 1988, p. 91-92.

¹⁷³ WARDE, 2000.

segundo a autora, que o Brasil não espelha seus ideais de formação cultural nos países latino-americanos. Haja vista que o emprego da expressão “América Latina” obedece, em geral, somente ao propósito de avivar a fronteira geográfica do Brasil, situado no continente sul-americano, em relação aos Estados Unidos – da América do Norte. Por extensão, fica estabelecido que o Brasil não pertence ao mesmo segmento do continente em que estão localizados os Estados Unidos; daí resulta a possibilidade de utilizar a expressão “americano” para designar a sociedade daquele país, de modo a transparecer a idéia de que os latino-americanos não pertencem à América.

A ação prática e a contemplação constituem outros pontos de maior relevo no descompasso identificado por Vianna Moog entre calvinismo e catolicismo. Para os católicos, filhos da Renascença, a nova terra representava a liberdade, o fim dos rigores punitivos da Bíblia, “a vida deixou de ser uma sucessão de deveres a cumprir”¹⁷⁴. A possibilidade contemplativa ou, pelo menos, descomprometida com a lógica produtiva seria um traço identitário a formar-se no brasileiro, “nossa agilidade no jogo das imagens, se não das idéias, nossa veia humorística combinada com uma certa inclinação para o drama, nossa esperança no acaso, [...] nossa preocupação teórica com as dores do mundo, fazem do brasileiro um povo interessante e difícil de explicar”¹⁷⁵, diz Érico Veríssimo.

A compreensão da diferenciação entre brasileiros e norte-americanos também pode ser obtida por meio do histórico das migrações que conduziram os portugueses para o Brasil e que levaram os ingleses para a América do Norte.

O imigrante católico chegou ao Brasil desacompanhado de seus familiares. Seu perfil é de apego ao passado – seu desejo não era de permanecer, mas de retornar – e de indiscriminação racial, cujo contato com as comunidades nativas transcendia os limites da moralidade cristã¹⁷⁶. Com relação ao trabalho manual, sua reação era de preconceito, pois seu empreendimento imediato era pela aventura mediante a exploração de minerais ou comércio de escambo.

O oposto, entretanto, salienta Moog, caracterizou o colonizador dos Estados Unidos, homem gerido pelos ideais reformistas. Ao migrar para além-mar, o imigrante europeu leva consigo a convicção do trabalho, não somente como imperativo de sobrevivência, mas como

¹⁷⁴ MOOG, 1969, p. 75.

¹⁷⁵ VERÍSSIMO, 1998a, p. 499-500.

¹⁷⁶ Ver MOOG, op. cit.

sentido de vida, o qual condiz com a proteção divina. Diferentemente do português, o futuro norte-americano desembarca na América acompanhado dos seus, não se ocupa em aventuras e relações extra familiares. Seu viver sempre esteve comprometido com os laços consangüíneos da família e da comunidade. Esse imigrante é homem da reforma que se “investe no discurso bíblico, do rompimento com o passado, do poder associativo, da discriminação racial e do culto às virtudes econômicas e à dignidade essencial do trabalho” para pensar seu tempo e a construção de bem estar de sua gente¹⁷⁷. aventuras e relações extra familiares. Seu viver sempre esteve comprometido com os laços

Ao salientar o apego ao passado por parte do imigrante português vindo para o Brasil, cuja expressão maior é representada pelo mazombo¹⁷⁸, Vianna Moog permite retomar a discussão em relação ao caráter conservador e tradicionalista da sociedade brasileira.

No entender do ensaísta, se, por um lado, o imigrante encontra no Brasil uma alternativa de fuga à imposição católica da Contra-Reforma, por outro, ele nega a possibilidade de reconhecer-se em sua nova circunstância, qual seja: criadora, inovadora, sobretudo tencionada pelos ideais da modernidade. Ao contrário, seus instintos permanecem voltados para a terra mãe, a Europa. O desejo de retornar ao passado indica “sua falta de fé na perfectibilidade humana e no respeito à dignidade essencial do trabalho”¹⁷⁹; esse é o mazombo, diz o autor.

Ao referir o espírito descomprometido do mazombo com a possibilidade de reverter a colônia brasileira em país e fazê-lo compatível com o pensamento moderno, Vianna Moog identifica um aspecto da formação cultural brasileira responsável pelo atraso da sociedade em relação aos Estados Unidos. Todavia, no instante em que contrapõe o mazombo com os parâmetros da moderna sociedade norte-americana, acaba por reproduzir, em certo sentido, o espírito do próprio mazombo, pois se vê no mesmo espelho internacional. O mazombo

¹⁷⁷ MOOG, 1969, p. 211.

¹⁷⁸ A respeito do mazombo, Vianna Moog diz: “No fundo, o mazombo, sem o saber, era ainda um europeu extraviado em terras brasileiras. Do Brasil e da América, de suas histórias, de suas necessidades, de seus problemas, nada ou pouco sabia, porque vivia no litoral, mentalmente de costas voltadas para o país. Iam mal as coisas no Brasil? Há, isto não era com ele. Ademais, que poderia fazer, se era só contra todos? Na vida pública ou privada, nunca seria por sua culpa ou negligência que isto acontecia. Trabalhar? Bem, quer dizer... isto dependia. Se se tratasse de uma simples sinecura, com dinheiro certo para receber no fim do mês, à maneira de uma pensão vitalícia, muito bem. Na impossibilidade de uma mina de ouro, de um chefe ou de um protetor providencial, de uma concessão do governo para arrendar a terceiros, de uma advocacia administrativa graças à amizade de um ministro de Estado, não haveria fugir à sinecura. Nada, porém, que implicasse ter de trabalhar regularmente e organicamente, ou o que é pior, ter de confessar ‘algum esforço’ às pessoas de suas relações, que trabalho duro foi feito para negro. Ganhar no jogo, eis uma das boas alegrias do mazombo.” Ibid., p. 122, 124 e 125.

¹⁷⁹ Ibid., p. 232.

afirmava sentir-se deslumbrado pela Europa; Moog e Veríssimo o fazem em relação à modernidade do norte-americano. A diferença é que o mazombo parece alienado em relação aos sinais de inferioridade brasileira, ao passo que os autores lamentam a inferioridade, a falta: o que “eles” têm é o que nos falta.

O olhar de Vianna Moog acerca da aproximação e distanciamento do imigrante em relação ao passado europeu também pode ser abordado pela lente da memória social, na medida em que esta memória se forma na afirmação do esquecimento: “Um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve.”¹⁸⁰

Se a construção da memória decorre do ato de esquecer, cuja operação intrincada de tecer e destecer corresponde à “lembrança de esquecer, do mesmo modo que não devemos esquecer de lembrar”¹⁸¹, isto permite dizer que a memória é seletiva, logo também é política. Isto possibilita compreender o homem moderno – anglo-americano, tributário da Reforma – em sua intenção de negar, de esquecer a Idade Média, por considerá-la um período de equívocos da humanidade, tempo das trevas. “Rompimento com o passado! Talvez seja ainda o traço mais característico da civilização norte-americana dos nossos dias”¹⁸², salienta Vianna Moog.

Prevalecia na memória do norte-americano a possibilidade de problematizar o passado, na medida em que esse passado nada mais fosse do que o próprio presente da modernidade, o tempo de construção de uma nação, os Estados Unidos. Para Vianna Moog¹⁸³:

A arquitetura americana, instável, imperiosamente, na sua ânsia de criar o novo, o útil e o prático, o bizarro e o imprevisito, de retificar os estilos consagrados, à medida que avança para o Ocidente, nada ou quase nada conserva de sua pureza primitiva: nem da arquitetura inglesa, nem da holandesa, nem da francesa ou da alemã. É como se tudo tivesse sido alterado e transferido com o objetivo expresso de fazer esquecer o passado.

Para o imigrante da América do Norte, a memória sinalizava que “o êxtase profano (utopia) venceu o êxtase religioso da outra vida eterna. O futuro não é mais o fim do mundo.

¹⁸⁰ SILVA, 2003, p. 53.

¹⁸¹ Ibid., p. 62.

¹⁸² MOOG, 1969, p. 212.

¹⁸³ Ibid., p. 213.

Agora, a espera é outra: a realização da história, do progresso, como obra dos homens, que se tornam competidores de Deus”¹⁸⁴.

Aléxis Tocqueville¹⁸⁵ assegura que a formação dos Estados Unidos se encaminha por esta via, a da possibilidade de uma memória reinventada. Se prevalecia entre os imigrantes a sensação de estranhamento – suas origens eram remotas e distintas, a América constituía o ponto em que se encontravam pela primeira vez – na mesma medida desenvolveram um sentimento de união acerca da nação com ideais igualitários no ramo dos negócios, da vida privada, na prosperidade. A superação só poderia vir, diz Tocqueville, na proporção em que cada homem do povo tomasse para si o sentido da prosperidade, para si e para a sociedade. Daí decorre o ideal de felicidade em sua esfera privada e pública, com a elevação do Estado, seu natural representante.

Para o imigrante proveniente de Portugal o efeito da memória seria oposto, face à tendência de reproduzir os sinais da tradição católica mantida pelos ibéricos. Logo, ao esquecimento recaiam as inovações propostas pela modernidade. A este respeito, Moog diz:

Vistas as coisas por este prisma, há mais passado numa simples viela de Ouro Preto do que em toda a civilização americana. E, a despeito das igrejas coloniais de Boston e das maravilhas de Williamsburg, velha aldeia colonial da Virgínia recentemente restaurada, para prover os Estados Unidos de passado, temos o pressentimento de que há mais densidade histórica num só bairro do Recife ou da Bahia do que em toda Nova Iorque. De resto, nenhuma das principais cidades do nosso patrimônio histórico – Recife, Olinda, Salvador, Ouro Preto, Mariana, Sabará – [...] encontram correspondência na arquitetura americana.

No caso brasileiro, a memória social teria em vista reproduzir o recalque à inovação dos tempos modernos, como se dissesse “o espírito não se emociona com o que ele não acredita”¹⁸⁶; dessa forma, se negava a “eliminar as obrigações irrelevantes que impediam a via do cálculo racional, [...] como dizia Max Weber: libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas”¹⁸⁷.

¹⁸⁴ REIS, 2003, p. 30. Ver também FENTRES; WICKHAM, 1992, p. 07-58.

¹⁸⁵ TOCQUEVILLE, 987, p. 183.

¹⁸⁶ Citado por SILVA, 2003, p. 57.

¹⁸⁷ BAUMAN, 2001, p. 10.

Na ótica da memória e da História, a relação entre Brasil e Estados Unidos revela o estatuto político da História articulado segundo proposições previamente estabelecidas. Neste caso, uma revigora a memória da ordem medieval – a tradição – enquanto a outra potencializa a modernidade. Márcio Seligmann Silva salienta que a leitura desse embate entre modernidade e tradição pela via da memória acaba por mostrar diferentes memórias, de modo que há várias formas de leituras do passado. Contudo, há em ambas, segundo Seligmann Silva, um enquadramento da memória e do esquecimento, num equilíbrio flutuante, flutuante, em que ao recalque de um equivale o vigor do outro.

2.3. Formações sociais, nacionalismo e utilitarismo

A discussão comparativa de Moog e Veríssimo também analisa o significado das relações sociais e do nacionalismo diante da compatibilidade calvinista e católica. Neste sentido, os autores desenvolvem uma interpretação mostrando maior aproximação entre os católicos portugueses e os povos nativos e africanos. Pela via da proximidade, ou mesmo da miscigenação entre as principais vertentes étnicas existentes no Brasil, desenhou-se a construção da sociedade brasileira.

A miscigenação e a indiscriminação racial em seu “equilíbrio de antagonismos” são marcas definidoras da sociedade brasileira, conforme identificou Gilberto Freyre¹⁸⁸. Este olhar também esteve presente em Sérgio Buarque de Holanda¹⁸⁹, o que lhe permitiu formular a idéia da cordialidade brasileira.

A este respeito, Moog e Veríssimo entendem que a formação cultural brasileira observada pela via da miscigenação anuncia um paradoxo no comparativo com os Estados Unidos, uma vez que revela a ausência de fronteiras raciais de maior relevância, o que, por um lado, afasta o país dos movimentos xenófobos e racistas em vigor entre sociedades pontuadas pela modernidade, a exemplo da própria sociedade norte-americana. De outra, a miscigenação brasileira implica reconhecer uma categoria intermediária – o mulato –, o que

¹⁸⁸ Ver FREYRE, 1963.

¹⁸⁹ Ver HOLANDA, 1977.

remete a um patamar maior, ou seja, a existência de uma legislação flexível, oposta à dualidade rígida das leis norte-americanas¹⁹⁰. Isto equivale a dizer que o mulato não figura naquele país, pois toda forma de categoria intermediária não é reconhecida.

Assim, a formação brasileira pontuada pela mistura, pelo “mais-ou-menos”, implica, por um lado, numa frágil definição dos valores igualitários, liberais e de cidadania, e, por outro, permite maior flexibilidade no convívio e participação da sociedade em atividades comunitárias frente à formalidade burocrática racional dos países modernos. Ângela Randolpho diz que a “organicidade, hierarquia e centralização da Igreja católica vão construir uma visão de mundo cujas relações sociais se caracterizam pela ausência de conflitos, pela obediência e pelo conservadorismo”¹⁹¹.

Para o anglo-americano, é na objetividade racional e moderna que se expressa o indivíduo diante da igualdade da lei, cujo respaldo reside na elevação da fé protestante, recalçando o doutrinário dos católicos. O resultado, por fim, se incorpora no puritanismo sem amor dos países calvinistas. Em face disto, viabilizou-se a discriminação racial, o nacionalismo e o capitalismo. Segundo Moog, “a ordem protestante, expressiva na conta do desenvolvimento norte-americano, não traduz amor, mas garante a conexão com a lei e a justiça”¹⁹².

Exemplo disto pode ser observado na discriminação que é imposta ao negro norte-americano e que causou repulsa e perplexidade em Érico Veríssimo; conforme ele descreve: “Custa-me acreditar que um país onde impera o bom samaritanismo, que uma nação de cristãos empenhados em fazer boas obras, tão pronto a falar em democracia e igualdade, mantenha seus negros segregados”¹⁹³.

O estranhamento do romancista também ocorre em relação ao sentimento nacionalista do americano, cujo exemplo ele encontrou num discurso de Abraão Lincoln, então candidato

¹⁹⁰ MATTA, 2000, p. 44 e 45.

¹⁹¹ PAIVA, 1999, p. 263.

¹⁹² Moog afirma: “A Reforma teve de lutar contra a distorção, em parte mágica, em parte moralística, em parte relativista, da idéia do amor no catolicismo da última fase. Mas esta luta foi somente uma conseqüência da luta de Lutero contra a doutrina católica da fé. E assim a fé, e não o amor, ocupou o centro do pensamento protestante. Enquanto Zwinglio e Calvino, com suas ênfases humanístico-bíbliaístas da função da lei, foram impedidos de desenvolver uma doutrina do amor, a doutrina de Lutero sobre o amor e o ódio impediu-o de conectar o amor com a lei e a justiça. O resultado foi romanticismo sem justiça nos países luteranos e puritanismo sem amor nos países calvinistas. E, obviamente, discriminação racial, nacionalismo e capitalismo, assim nos países calvinistas como nos luteranos”. MOOG, 1969, p. 70.

¹⁹³ VERÍSSIMO, 1998a, p. 395.

ao senado. No discurso, Lincoln exprime a religiosidade na formação cultural do norte-americano ao afirmar sua preocupação quanto à divisão americana entre negros escravos no Sul e os brancos trabalhadores livres no Norte. Neste sentido, Lincoln faz referência à Bíblia para manifestar, metaforicamente, que a casa dividida não pode subsistir, dando a entender que o nacionalismo americano não poderia prescindir da união democrática entre o Norte e o Sul¹⁹⁴. A afirmação do futuro presidente norte-americano traduz a projeção ou desejo de um futuro marcado pelos sentimentos de patriotismo e unidade nacional.

Discriminação racial, desenvolvimento capitalista e nacionalismo exacerbado – indicativos opostos à formação cultural brasileira – estão amparadas na dinâmica religiosa posta em marcha pela reforma protestante, concordam Moog e Veríssimo. Não haveria indicadores destas práticas entre as sociedades medievais, nem mesmo no âmbito das civilizações greco-romanas da Antigüidade. “Da história concluí-se que sem protestantismo, ou melhor, sem calvinismo, não haveria nem discriminação racial nem capitalismo”, diz Moog¹⁹⁵.

Num de seus diálogos, Veríssimo relata sua compreensão sobre a sociedade americana e seu caráter religioso francamente utilitarista. Trata-se de um utilitarismo cuja fé está direcionada a orientar objetivamente os sentidos geradores do desenvolvimento. Em forma de metáfora, Érico vê na matriz religiosa dos norte-americanos uma ação operativa atuando como se fosse uma máquina de lavar roupa, na qual se coloca a roupa suja e se a retira limpa e pronta para o uso. Desta forma, a fé estaria para a salvação eterna como a roupa suja para a máquina. Utilizando-se mais uma vez do recurso metafórico, Érico diz que a Bíblia funciona como manual de instrução para regular a utilização da máquina ou, no caso, para chegar-se ao céu¹⁹⁶.

Na origem desta praticidade religiosa, reside o comprometimento do norte-americano em relação à eficiência e utilidade do tempo disponível. Visa-se a produzir mecanismos que possibilitem a objetividade produtiva associada à maior economia de tempo, o que acarreta a negação do ócio. Isto corresponde, segundo Érico, à incapacidade do americano em manter

¹⁹⁴ VERÍSSIMO, 1998a, p. 442.

¹⁹⁵ MOOG, 1969, p. 64.

¹⁹⁶ Veríssimo assegura: “Com o devido respeito que as religiões e os religiosos merecem, direi que o espírito prático dos americanos é em última análise uma máquina de lavar almas. [...] Babbit tem hoje um chevrolet de 1940, mas está ansioso por comprar o modelo de 1941 que traz simplificações práticas... amanhã Babbitt comprará, em vez de um automóvel, um avião ou um helicóptero. Esta gente americana é doida por novidades, principalmente as mecânicas.” VERÍSSIMO, op. cit., p. 345.

“um sentimento de verdadeiro êxtase religioso, por isso não conhecemos nenhum santo americano”¹⁹⁷.

Se, por um lado, Moog e Veríssimo discorrem suas impressões positivas da sociedade moderna dos Estados Unidos, não é menos verdade que os autores mencionam sinais de retração no desenvolvimento daquele país. Para ambos, o desejo desenfreado pela produção utilitarista ocorre de forma acentuada entre os norte-americanos por força da ética religiosa, ao que se somam as transformações do mundo contemporâneo, que têm como um dos seus efeitos exatamente o declínio do puritanismo calvinista na sociedade norte-americana. A resultante se mostra, portanto, ao inverso da perspectiva de desenvolvimento em progressão geométrica. Thomas Skidmore assinala que o discurso de Moog em “Bandeirantes e Pioneiros” também se ocupa em mostrar os Estados Unidos como exemplo a não ser seguido, especialmente quanto ao caráter utilitarista efetivado pelo calvinismo norte-americano¹⁹⁸.

Max Weber havia assinalado que há uma forte tendência da sociedade de perder sua liberdade em função da excessiva burocratização, transmutadas em suas “gaiolas de aço”¹⁹⁹. Joaquim Nabuco²⁰⁰ afirmara, no início do século XX, que a missão histórica do Estados Unidos revela uma grande incógnita. “Se ele desaparecesse de repente, não se pode dizer o que é que a humanidade perderia”. Moog não vai ao extremo de discutir a possibilidade de desaparecimento do país, no entanto, aponta para as possibilidades de crises pelas quais a sociedade anglo-americana poderia passar no futuro.

Nisto se configura um paradoxo, haja vista que as mesmas razões anunciadoras do desenvolvimento em progressão geométrica – desapego ao passado, trabalho orgânico, discriminação racial, nacionalismo e religiosidade – poderiam conduzir ao utilitarismo e ao descaminho da sociedade anglo-americana.

Por outro lado, a possibilidade de crise não pouparia o Brasil face à ação convergente dos mesmos fatores que o levaram a um desenvolvimento em níveis de progressão aritmética. Esses fatores se apresentam, como já vimos, em sentido oposto àqueles existentes no contexto norte-americano.

¹⁹⁷ VERÍSSIMO, 1998a, p. 344.

¹⁹⁸ SKIDMORE, 1994, p. 90.

¹⁹⁹ ARGUELLO, 1999, p. 260.

²⁰⁰ NABUCO, 1999, p. 142.

Isto permite observar, no desenvolvimento contrastante – progressão aritmética e progressão geométrica – de Brasil e Estados Unidos, a exposição de ambos aos riscos e possibilidades geridos na própria formação cultural de suas sociedades.

Sob a condição de professor convidado, Érico Veríssimo profere aulas de literatura brasileira em escolas secundárias e universidades dos Estados Unidos, nas quais se furta em realizar um exame comparativo ao mesmo tempo em que propõe o entendimento harmonioso entre norte-americanos e brasileiros.

Questionado por um aluno sobre as condições de Brasil e Estados Unidos ampliarem suas relações em futuro próximo, Veríssimo respondeu sugerindo: “Vocês nos ensinam a fazer todas essas coisas que tornam a vida mais confortável e fácil e nós, em troca, ensinaremos vocês a gozá-las.”²⁰¹ Ao afirmar que o brasileiro está mais bem preparado para gozar a vida, o romancista abre espaços para caracterizar alguns traços da cultura brasileira, o que faz mediante o recurso metafórico:

Estou sentado à minha mesa, escrevendo a máquina, e tenho diante de mim um brasileiro e um norte-americano. Ambos sabem que sou escritor. O brasileiro aproxima-se de mim, por trás, procura ler o que estou escrevendo, e pergunta com voz carregada de malícia: que cavação é essa? O americano se limita a indagar de longe, com ar inexpressivo: quantas palavras o senhor escreve por minuto? Essas perguntas definem duas psicologias diferentes. Malicioso, esperto, o brasileiro sempre está farejando a cavação, o negócio ilegal, o golpe. Conhecedor dos homens e da vida, ele não acredita em história da carochinha. O americano, porém, é o fascinado da eficiência, da produção e do método. Tem a paixão da estatística, e sua pergunta traduz o desejo das minhas relações com o meu tool, o meu instrumento de trabalho. E este povo em geral acredita em história da carochinha, porque neste país elas de fato acontecem.²⁰²

A análise de Moog e Veríssimo insere a relação entre o nível de desenvolvimento e a compreensão da diversidade identitária brasileira no diálogo entre tradição e modernidade. Vianna Moog associou o caráter tradicional brasileiro à ordem cristã católica fazendo surgir inúmeros indicativos do que ele define por “desajustamento social”, a exemplo do mazombo e do malandro que vencem a natureza tateando pelo jeitinho (caso dos bandeirantes analisado por Moog), ou pela malícia do negócio ilegal ou, ainda, da cavação, no dizer de Veríssimo. Se há nesse olhar uma negação da razão tributária à modernidade, há, da mesma forma, um

²⁰¹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 205.

²⁰² Ibid., p. 224.

sentido de bem viver na positividade dos valores atribuídos à tradição católica mantida pelos ibéricos no Brasil.

Ao lamentar a formação cultural ibérica do brasileiro, posto que incompatível com os valores da modernidade e, ao mesmo tempo, reconhecê-la em sua roupagem contemplativa, na valorização do caráter humorístico, na imagem que se forma no informal, no bem viver, Érico Veríssimo revela um olhar focado num caleidoscópio, cujo sentido se mostra difuso entre o desejo de ser e aquilo que se é. Essa perspectiva ambivalente caracteriza, em linhas gerais, a imagem que Moog e Veríssimo constroem no espelho comparativo de Brasil e Estados Unidos.

2.4. Formação desajustada de brasileiros e de norte-americanos

Segundo a exposição de Vianna Moog, notadamente no capítulo VI de *Bandeirantes e pioneiros*, o emprego das expressões “imaturidade psicológica ou psicanalítica” ou ainda “desajustamento emocional” ocorre, conforme diz, na tentativa de melhor traduzir a falta de adaptação à vida ou à realidade por parte de brasileiros ou norte-americanos²⁰³. No entender de Moog, a adaptação ou ajustamento à vida corresponde ao alinhamento da sociedade com as concepções da modernidade, sendo que a formação do indivíduo constitui um de seus referenciais, conforme iremos analisar. Érico Veríssimo também trata desse tema, especialmente quando faz referência às fronteiras psicológicas de brasileiros e norte-americanos no decorrer de sua obra.

Vianna Moog inicia sua discussão acerca do desajustamento do brasileiro e sua falta de adequação emocional em relação à vida em meio aos debates sobre a redescoberta do Brasil (alusão às comemorações do centenário da independência, comemorados em 1922). Se antes os conquistadores e descendentes haviam projetado o Brasil a seu gosto, a partir da década de 1930 a ordem apontava para o reconhecimento do país por meio de suas identidades culturais.

²⁰³ MOOG, 1969, p. 257.

Neste contexto, o autor analisa o brasileiro pela via de sua “instabilidade psíquica”. Segundo Moog, falta ao brasileiro a estabilidade psíquica própria das nações que adentraram os tempos modernos em alinhamento com o discurso da racionalidade cartesiana, cujo projeto visava a dar conformidade ao desenvolvimento, à nacionalidade e às novas demandas sociais²⁰⁴. Érico Veríssimo, por sua vez, visualiza o brasileiro em déficit acerca dos valores da modernidade, “os sul-americanos são povos rebeldes, difíceis de governar. Na minha terra cada homem é um partido político. Cooperação para nós é palavra quase sem sentido. Somos improvisadores imaginosos, mas desorganizados”²⁰⁵.

Sérgio Buarque de Holanda, contemporâneo destes autores, não apontaria o desajustamento psicológico de Moog; ao contrário, pensaria a cordialidade do brasileiro. O autor diz que “a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro”²⁰⁶. Moog entende que a cordialidade como tal não existe; ela não passaria de uma delicadeza ou de uma espécie de jeito.

Para Moog, a delicadeza e o jeito facultaram ao português navegar pelo interior da floresta inóspita do Brasil, ao contrário do que acontecera com o norte-americano. Enquanto o pioneiro norte-americano desbravava suas fronteiras sob condições geográficas que bem lembravam a Europa, o bandeirante obrigou-se a enfrentar verdadeiras muralhas verdes. A sorte para vencê-las só poderia vir pelo jeito, pela astúcia, pelo delicado desvio de obstáculos e armadilhas que a natureza lhe impunha. Ao falar das adversidades da natureza, Érico diz: “Se você retrucar que clima não tem importância, eu lhe perguntarei: que fizeram os ingleses nas suas colônias tropicais da África e da Ásia? Que conseguiu realizar o engenho francês, holandês e britânico nas Guianas?”²⁰⁷

Daí o tradicional jeitinho brasileiro que, após mediar a relação do homem com a natureza iria reproduzir-se no convívio das relações públicas e privadas da sociedade brasileira. Segundo o ensaísta, delicadeza e jeito não podem ser confundidos com cordialidade e maturidade psicológica: “Se há um fenômeno que entra pelos olhos do cego e grita aos ouvidos do surdo, este é, infelizmente, o da nossa instabilidade psíquica.”²⁰⁸

²⁰⁴ MOOG, 1969, p. 260.

²⁰⁵ VERÍSSIMO, 1998a, p. 282.

²⁰⁶ HOLANDA, 1992, p. 106.

²⁰⁷ VERÍSSIMO, 1998a, p. 490.

²⁰⁸ MOOG, 1969, p. 259.

O fenômeno da delicadeza e do jeito como artifício orientador das relações sociais e indicador do desajustamento do brasileiro não ocorre de maneira uniforme no Brasil. Preocupado em reconhecer o país por meio de sua diversidade cultural, Moog assegura que “não constituímos um continente, somos antes um arquipélago cultural, com muitas ilhas de culturas mais ou menos autônomas e diferenciadas”²⁰⁹. Diante disso, enquanto o homem da Amazônia aprende que a sobrevivência corresponde à capacidade de interação com as leis da natureza, fazendo prevalecer o jeito e a astúcia em vez da força e da tentativa de domínio, o contrário ocorre com o paulista e o sulista.

Para o homem do Sul, diz o autor, o terror da natureza não chegou a existir; antes, o que predominou foi a imagem aventureira do bandeirante na idealização do gaúcho. Este é um personagem reconhecido pelos hábitos tradicionais de desapego ao trabalho orgânico, cujos exemplos se anunciam pelo nomadismo, na imagem da estância primitiva, no jogo, no chimarrão²¹⁰.

A esta imagem idealizada das bandeiras em relação ao gaúcho, Moog acrescenta a ação predatória cometida contra a imigração alemã em São Leopoldo por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Em virtude dos conflitos envolvendo os alemães, a imagem símbolo da imigração germânica foi jogada no Rio dos Sinos, ou seja, a simbologia do trabalho orgânico do alemão foi derrotada pela força do desajustamento psicológico investido na tradição portuguesa das bandeiras²¹¹. Segundo Lúcia Lippi de Oliveira, “o bandeirante não se refere exclusivamente aos movimentos populacionais acontecidos no Brasil colônia, mas também a um traço do caráter nacional que significa estilo predatório e instável”²¹².

A delicadeza referida por Sérgio Buarque de Holanda, diz Moog, se ajusta como mecanismo de defesa para conter a agressão. “Há neuróticos terrivelmente jeitosos. Há neuróticos extremamente gentis. Há neuróticos extremamente delicados. Delicados são eles quase por definição. Nada de ilusões, entre nós, a maturidade emocional é exceção.”²¹³

²⁰⁹ Id., 1966, v. X, p. 107 a 130.

²¹⁰ Id., 1969, p. 260.

²¹¹ Moog afirma que “no Rio Grande nunca o pioneiro tomou conta da imaginação popular. Ao invés, esta emocionalmente sempre lhe resistiu, como ainda resiste. E a prova mais evidente disso está no fato de durante a última guerra ter-se destruído em São Leopoldo, jogando-o ao rio dos Sinos, o símbolo altamente brasileiro do monumento ao colono, existente na Praça Centenário. Destruía-se e lançava-se ao rio o que a Europa legara ao Brasil de mais orgânico, mais construtivo e mais integrado à terra: o colono. MOOG, 1969, p. 200.

²¹² OLIVEIRA, 2000, p. 111

²¹³ MOOG, op. cit., p. 259.

A análise do ensaísta acerca das incertezas do brasileiro diante da vida ou da realidade em que está inserido – desajustamento psicológico – permeia, como se vê, pelo interior das linhas mestras da formação cultural do país, cuja aventura colonizadora é uma delas.

A aventura relaciona o colono com a população nativa e com a natureza sem que haja um projeto previamente contratado em nome da projeção do Brasil e do discurso moderno. A respeito dessa questão, Zigmunt Bauman assegura que, na era moderna, os “hábitos nômades foram mal vistos. A cidadania andava de mãos dadas com o assentamento, e a falta de ‘endereço fixo’ e de ‘estado de origem’ significava exclusão da comunidade obediente e protegida pelas leis”²¹⁴.

O sabor da aventura – da errância – parece plasmar-se no espírito do colonizador fazendo-o naturalizar as soluções casuais, como o jeito. “Nossas penetrações foram feitas sem ordem, ao sabor do espírito português um tanto romântico e improvisador. Havia nesses desbravadores um imediatismo que se transmitiu como maldição a seus descendentes.”²¹⁵ A queixa de Érico evidencia a ausência da ordem, do orgânico: “Não existe modernidade sem racionalização, mas também não sem formação de um sujeito-no-mundo que se sente responsável perante si mesmo e perante a sociedade.”²¹⁶ Acrescente-se a aventura, segundo Moog, às demais linhas mestras indicadoras da imaturidade brasileira: “a indiscriminação racial, o apego ao passado, o desejo de riqueza rápida, a vitória do material sobre o espiritual, o individualismo exacerbado, o preconceito contra o trabalho orgânico, a despreocupação com os aspectos morais da vida e o desprezo das virtudes econômicas”²¹⁷.

Érico Veríssimo refere o desprezo das virtudes econômicas do brasileiro por conta de sua falta de iniciativa privada: “Vive mal, em casas úmidas e frias, onde a mesa é pobre e o conforto não existe. Homens como esse de certo modo tem entravado o progresso do país. O dinheiro não serve de nada nem para ele nem para os que estão a seu redor.”²¹⁸

Com relação à indiscriminação racial – prática mal vista pelas concepções da modernidade – Vianna Moog a vê como base da imaturidade brasileira, haja vista a recorrência dessa prática no Brasil. O contrário desse olhar pode ser atribuído a Gilberto Freyre, para quem “na miscigenação se dava o encontro e fusão harmoniosa de tradições

²¹⁴ BAUMAN, 2001, p. 21.

²¹⁵ VERÍSSIMO, 1998a, p. 495.

²¹⁶ TOURAINE, 1994, p. 215.

²¹⁷ MOOG, 1969, p. 262.

²¹⁸ VERÍSSIMO, 1998a, p. 478.

diversas, o regime brasileiro, em vários sentidos sociais é um dos mais democráticos, flexíveis e plásticos²¹⁹.

O mestiço, no entendimento de Moog, se revela em oposição à positividade da miscigenação de Freyre. Ao invés da harmonia, ele revela o desequilíbrio, a tristeza por ser criado na espoliação e à deriva, marginal aos princípios de cidadania e demais possibilidades²²⁰. “A regra, durante três séculos, teria de ser, como foi, o desequilíbrio emocional, a desarmonia interior, a insegurança, a instabilidade, corações curtidos de ressentimentos, a preguiça.”²²¹.

Outro aventureiro desajustado era o mazombo, este pelo apego ao passado. “Sem o saber, era ainda um europeu extraviado em terras brasileiras. [...] Iam mal as coisas no Brasil? Há, isto não era com ele. [...] Ganhar no jogo, eis uma das boas alegrias do mazombo.”²²² Sim, para o jogo, especialmente o futebol, mestiços e mazombos não economizavam energia e vitalidade. A diferença, diz Moog, é que o futebol os faz prestigiados, lhes dá sentido à vida, coisa que não aprenderam no trabalho orgânico. Daí a viabilidade do herói brasileiro sem caráter, cuja simbologia é representada por Pedro Malazartes. Trata-se de um desajustado emocional, suas características são a astúcia, o oportunismo no drible, na malícia das belas jogadas. Seus passos são seguidos de perto pelo mameluco que, recusando as formas orgânicas de trabalho, se destaca nos ofícios de mateiro, canoieiro e coletor de drogas vegetais no interior da Amazônia²²³. Veríssimo reconhece no mestiço a “bondade essencial, uma espécie de amável sabedoria da vida, [...] são traços ibéricos que me parece dignos de ser conservados. Todavia, falta-lhe o sentido de uma responsabilidade social.”²²⁴

A errância e o descompromisso com as bandeiras públicas seriam uma das marcas a se constituir especialmente na elite política do país, sobretudo a partir da independência do Brasil no século XIX, diz José Murilo de Carvalho²²⁵. Era a minoria – a elite – que se habilitava para ocupar a posição de mando no Brasil monárquico, mediante uma composição

²¹⁹ FREYRE, 1963, p. 114.

²²⁰ Mattos acrescenta: “A colonização não produzira apenas colonizadores, colonos e escravos, já o sabemos. Em escala crescente, ela criara uma massa de homens livres e pobres, que se distribuíam de maneira irregular pela imensidão do território. [...] Não tinham lugar, nem ocupação, não pertenciam ao mundo do trabalho, e muito menos deveriam caber no mundo do governo. Predominantemente mestiços e negros, estes quase sempre escravos que haviam obtido alforria. Vagavam desordenadamente, ampliando a sensação de inquietude que distinguia a crise do sistema colonial, estendendo-se pela menoridade”. MATTOS, 1994, p. 114.

²²¹ MOOG, op. cit., p. 180.

²²² Ibid., p. 122.

²²³ MOOG, 1969, p. 267.

²²⁴ VERÍSSIMO, 1998a, p. 496.

²²⁵ CARVALHO, 1980, p. 31.

homogênea de proprietários decididos a manter a centralidade da ex-colônia, evitando sua fragmentação política. A formação intelectual e o treinamento para o exercício da burocracia estatal foram buscar em universidades européias e no Estado Absolutista Português. Por outro lado, diz Veríssimo, o trabalhador brasileiro foi mantido em níveis próximos da miséria. Sem contar que o sistema escravista ainda seria mantido até quase o final do século XIX²²⁶.

O desânimo e a apatia social podem ser vistos no baixo nível educacional da sociedade brasileira, diz Érico Veríssimo. “Se ao americano falta equilíbrio emocional, sobra-lhe intelectualidade e senso de cultura, pois enquanto o mundo está convulsionado pela Segunda Guerra Mundial, ainda há gente nos Estados Unidos pensando em assistir a um curso de literatura brasileira.”²²⁷ No Brasil, por sua vez, “a sociedade desajustada e gravemente inculta prefere manter uma atitude de ironia e não raro de sarcasmo diante da vida, é a posição do homem que espera ser sempre enganado pelo competidor (isto é, pelo próximo) e que portanto tem de estar sempre com um pé atrás”²²⁸.

O fosso entre as massas incultas e os poucos letrados contribuiu para o desajustamento psicológico do brasileiro. Segundo Richard Graham, na metade do século XIX, o Brasil possuía apenas 21% de adultos livres que sabiam ler e escrever²²⁹. Veríssimo complementa ao dizer que “gastamos mais dinheiro com polícia que com instrução, como se achássemos que cadeia é coisa mais útil que escola. Às vezes procuramos resolver nossos problemas sociais por meio da força.”²³⁰

A relação entre educação e iberismo também está presente na expressão de Oliveira Lima ao salientar o prejuízo intelectual que as sociedades latino-americanas, especialmente a brasileira, sofreram em virtude da intolerância da igreja tradicional ibérica em relação à educação. Isto ocorrera, segundo o historiador, por decorrência da proibição imposta pelo conservadorismo católico à produção do pensamento religioso e intelectual e de outras religiões – muçulmana e a protestante. O autor reconhece que esse era o meio que os católicos tinham para “guardar sua unidade contra o infiel, dissidente que semeava a discórdia”²³¹.

²²⁶ VERÍSSIMO, op. cit., p. 375.

²²⁷ Ibid., p. 376.

²²⁸ Ibid., p. 108 e 361.

²²⁹ GRAHAM, 1997, p. 21.

²³⁰ VERÍSSIMO, 1998a, p. 498.

²³¹ LIMA, 1984, p. 33.

Um dos efeitos da educação legada ao Brasil pela origem ibérica revela seu caráter contraditório entre o moderno e o tradicional, como afirma Veríssimo: “Estive a discorrer em aula esta manhã sobre a bondade essencial do brasileiro, o nosso horror à violência, [...] mas falta-nos o sentido de responsabilidade social que é o principal produto da educação.”²³²

Max Weber diz que a peculiaridade entre as duas culturas reflete a educação de protestantes e católicos em suas possibilidades de produção e trabalho. Enquanto os católicos tendiam a se manter em profissões tradicionais que lembrassem o artesanato medieval, cujo aprendizado poderia se manter em liceus e ginásios humanísticos, os protestantes imprimiam uma educação de capacitação técnica, visando a atrair a mão-de-obra para as fábricas que surgiam²³³.

Para Veríssimo, no Brasil nem os liceus e ginásios humanísticos seriam construídos, especialmente no período colonial. A ordem tradicional ibérica se fazia sentir na obrigatoriedade da ordenação ao catolicismo por parte do indígena, do africano e dos cristãos-novos. A permissibilidade migratória e a formação da sociedade brasileira não ocorriam pelo aperfeiçoamento educacional, intelectual e técnico, mas pela tradição católica. Veríssimo menciona a educação brasileira reproduzida como se ainda estivéssemos no século XIX: “[...] leituras e idéias do século dezenove, mas educação portuguesa com tinturas medievais. Muita convenção, muito preconceito, muita hipocrisia.”²³⁴

Érico Veríssimo não esconde seu desencanto pela formação do indivíduo brasileiro ao afirmar que o individualismo brasileiro se orienta pela ostentação e pelo sentimento exclusivista, ao passo que a sociedade descendente do pioneiro se caracteriza por um individualismo de natureza cooperativa. No dizer de Stuart Hall, a emergência desse sujeito centrado ocorre por meio de discursos e práticas associados à modernidade, cuja nova concepção atribuí ao indivíduo soberano um distanciamento dos tempos pré-modernos em que a tradição vinculava o estatuto de individualidade à ordem secular e divina²³⁵.

Veríssimo salienta que o brasileiro, a exemplo dos demais latino-americanos, menospreza a convicção no trabalho racional, sua preocupação com o futuro é quase irrelevante, seu olhar se mantém atento ao passado. Em vez de mover-se pela fé em si e pelo

²³² VERÍSSIMO, op. cit., p. 147 e 497.

²³³ WEBER, 2001, p. 22.

²³⁴ VERÍSSIMO, 1998a, p. 237.

²³⁵ HALL, 2000, p. 25.

otimismo, o brasileiro opta pela aventura, pela aposta, como se a vida fosse um jogo. Um jogo exclusivista em que o sentido de equipe, de conjunto, desaparece. Além disso, ele está sempre pronto a dizer que não é homem para fazer determinadas atividades, em oposição ao americano, para quem toda forma de trabalho é bem-vinda ²³⁶. Numa de suas alegorias, Veríssimo compara o caráter pessimista do brasileiro com o otimismo do americano:

Digo-lhes: se a vida é uma peça de teatro... que espécie de peça será? O americano dirá logo: é uma comédia musicada. Mas o brasileiro sacudirá a cabeça, murmurando: não, a vida é um drama. Passo a falar na maneira como a sociedade encara a vida, a morte e o amor. Menciono nossos tabus sociais, religiosos, econômicos e históricos. [...] Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga – dizemos nós no Brasil. [...] os brasileiros, benza-os Deus! São o povo mais exuberante, mais amável e menos prático de todos os filhos da Ibéria.²³⁷

Neste mesmo sentido, Vianna Moog salienta em *Bandeirantes e pioneiros* que esse indivíduo brasileiro de caráter quase oposto ao americano pode ser reconhecido na imagem do mazombo. Segundo Moog, o mazombo é um sujeito que se caracteriza pela formação contraditória face à herança cultural desajustada produzida pelo cruzamento pecaminoso do bandeirante com negras ou nativas da terra. Enquanto o pioneiro anglo-americano é leitor da Bíblia, seja católico ou protestante, e faz de sua casa uma oficina ou laboratório, o mazombo tem vexame do trabalho, ostenta desprezo pelo dinheiro, prioriza a caça desenfreada pela fêmea. Daí o desestímulo do português diante do trabalho e da produção regular ao entregá-lo ao braço escravo do índio e do negro, a quem cabia, o ofício do trabalho, “juro que não farei nenhum trabalho manual enquanto conseguir um só escravo que trabalhe para mim, com a graça de Deus e do Rei de Portugal”²³⁸.

Enquanto nos Estados Unidos o pioneiro se encaminha para a consolidação da sociedade em estado de autonomia em seus diversos segmentos, como a livre competição comercial com liberdade de iniciativa e o gradual predomínio da cidade em relação ao campo, no Brasil ainda prevaleciam os valores típicos da tradição medieval, ou um misto de modernismo e feudalismo, o que desfavorece a afirmação do individualismo, diz Moog²³⁹.

²³⁶ VERÍSSIMO, op. cit., p. 326.

²³⁷ Ibid., p. 373, 374 e 413.

²³⁸ MOOG, 1969, p. 132 e 136.

²³⁹ Ibid., p. 91.

Para Veríssimo, o déficit do Brasil em relação aos valores da modernidade, como a afirmação do indivíduo, se deve à predominância da tradição católica na formação da sociedade brasileira. Além disso, também não havia predisposição à emergência do indivíduo nas empresas desbravadoras do Oeste brasileiro dos bandeirantes; tudo era feito sem ordem, ao sabor da aventura, do espírito romântico e improvisador do português, diz o romancista²⁴⁰.

Entretanto, o autor não deixa de reconhecer no interior dessa mesma tradição a presença de expressões que somam de forma positiva no caráter da sociedade brasileira. Caso da falta de preconceito de cor, a boa índole da maioria da sociedade, o horror do brasileiro à violência, a presença de uma espécie de sentimento de solidariedade e sabedoria da vida, assegura Veríssimo²⁴¹.

Neste sentido, Érico Veríssimo parece somar-se ao pensamento de Dumont, quando este afirma que “com o predomínio do individualismo contra o holismo²⁴², o social nesse sentido foi substituído pelo jurídico, o político e, mais tarde, o econômico”²⁴³. A expressão de Veríssimo, neste caso, identifica a formação brasileira embebida no social em detrimento de um sentimento de evocação do indivíduo.

O romancista não relaciona a sociedade brasileira à sociedade holista conforme definição de Louis Dumont. No entanto, a constituição do indivíduo no Brasil, segundo Veríssimo, só é visível em condição minoritária, o que poderia aproximá-lo do sujeito-fora-do-mundo – o indivíduo da sociedade holista de Dumont – ou seja, o sujeito que se faz indivíduo à medida que volta as costas para a sociedade à qual pertence.

Vianna Moog não se distancia de Veríssimo ao examinar a formação do indivíduo no interior da sociedade brasileira e norte-americana em suas aproximações e distanciamentos da modernidade. Neste sentido, sua análise comparativa se mantém na constituição religiosa dessas sociedades.

²⁴⁰ VERÍSSIMO, 1998a, p. 494.

²⁴¹ Ibid., p. 497.

²⁴² Louis Dumont aborda dois conceitos de indivíduo provenientes de culturas diferentes: o individualismo e o holismo. O individualismo é o portador dos valores modernos e supremos da ideologia moderna das sociedades, em geral, ocidentais. Já o holismo se encontra em culturas do tipo indiana, em que o valor predominante se concentra na formação social. Há nessas sociedades, segundo o autor, uma dinâmica relacional que subtrai os encargos fundamentais do indivíduo. Nesses casos, a formação do indivíduo ocorre à margem da sociedade, como se ele fosse um retirante, um indivíduo-fora-do-mundo que em determinado momento vira as costas para a sociedade a que pertence. DUMONT, 2000, p. 35-62.

²⁴³ Ibid., p. 91.

Moog entende que as diferenças entre portugueses e anglo-americanos em decorrência da ordem religiosa remete a constituição do indivíduo em suas diferentes faces. Nesta esteira da relação indivíduo e religião, Louis Dumont²⁴⁴ indica a formação do indivíduo a partir da renascença, cujo sentido de rompimento com a tradição medieval se complementa com a redescoberta do classicismo. O autor rememora a antiguidade ao dizer que foi em Atenas que teve início a definição de individualidade na medida em que a razão dava seus primeiros passos para libertar-se do mito. No entanto, segundo Dumont, a razão surge na mesma época da tradição judaico-cristã, o que permite compreender a formação do indivíduo racional em alinhamento com a ordem cristã.

Para os portugueses, não era lícito pensar que o ideal de sujeição do indivíduo ocorresse em alinhamento com a ordem reformadora dos tempos modernos, haja vista que a tradição católica herdeira da Renascença priorizava a integridade dos domínios da cristandade e do império luso. No entendimento de Moog²⁴⁵ a colônia brasileira cumpria os propósitos de gerar riquezas pela conquista, pela caça, pela descoberta, sempre em nome da cristandade e da coroa lusitana.

Em certo sentido, a tradição ibérica parecia reconhecer que a instituição do indivíduo em alinhamento com os princípios da modernidade acabaria por recalcar sua própria constituição. Segundo Louis Dumont, seriam precisos mais de 17 séculos de história cristã para transformar o indivíduo naquilo que conhecemos na atualidade, ou seja, para separá-lo de sua forma original construída pelo cristianismo. Isto equivale a dizer que a religião esteve em suas raízes como fermento essencial, que, no cristianismo, o homem é um indivíduo em relação com Deus e que o próprio cristianismo não poderia triunfar se tivesse oferecido uma concepção diferente de individualidade, diz o autor²⁴⁶.

Levando em consideração a exposição de Vianna Moog, segundo a qual a formação do indivíduo nos Estados Unidos está associada inicialmente a ação orgânica, espiritual e construtiva do pioneiro²⁴⁷, pode-se constatar o oposto no Brasil face ao desajustamento

²⁴⁴ Ibid., p. 35-62.

²⁴⁵ MOOG, 1969, p. 104.

²⁴⁶ DUMONT, 2000, p. 35-62.

²⁴⁷ A respeito da formação do indivíduo norte-americano, Tocqueville assinala: “A providência deu a cada indivíduo, seja qual for, o grau de razão necessário para que pudesse dirigir-se sozinho nas coisas que o interessam exclusivamente. Tal é a grande máxima sobre a qual, nos Estados Unidos, repousa a sociedade civil e política: o pai de família aplica-a a seus filhos, o senhor aos seus servidores, a comuna aos seus administrados, a província às comunas, o Estado às províncias, a União aos Estados. Estendida ao conjunto da nação, torna-se o dogma da soberania do povo.” TOCQUEVILLE, 1987, p. 304.

revestido pela ação inorgânica da colonização portuguesa. Sua chegada ao Brasil era precedida da convicção de retorno à Europa assim que atingissem a bastança de riquezas adquiridas pelo escambo ou pela extração vegetal e mineral. Não havia entre eles a intenção ou desejo de projetar um país em terras americanas, diz Moog²⁴⁸.

Nesse sentido, o autor afirma que essas circunstâncias iniciais adversas à emergência do indivíduo no Brasil se prolongariam no decorrer dos séculos seguintes na colonização brasileira por força da ordem católica portuguesa. Uma das implicações se faz sentir no déficit do trabalho regular, da geração de riqueza, que indicam a afirmação do indivíduo consigo, com o bem-estar social e com a bênção de Deus nos Estados Unidos.

O contrário se daria no Brasil, onde o trabalho racional é tido como algo não agradável a Deus. Daí a condenação às virtudes do lucro financeiro, do incentivo às bandeiras desbravadoras de riquezas e de apresamento de nativos pelo interior dos sertões brasileiros. Por extensão, as virtudes reconhecidas pelos bandeirantes também estavam desconformes à sociedade fundada na individualidade, cujos valores como a crença na bondade natural ou na possibilidade de aperfeiçoamento moral do homem eram renegados em nome de valores como a poligamia, a valentia e a autoridade de seus chefes, salienta Moog²⁴⁹.

Para o ensaísta, a resultante desses valores na formação da sociedade brasileira daria visibilidade à tolerância brasileira, e a miscigenação entre o português invasor e suas presas – negras e nativas. As uniões escandalosas feitas ao acaso ou pelo mero prazer serviam como mais um indício de que o bandeirante aventureiro pouco estava interessado na constituição orgânica de comunidades fundadas no casamento cristão.

Sua ânsia para se libertar das imposições do catolicismo europeu em função da Contra-Reforma fazia do bandeirante um libertino, um desregrado no interior do Brasil. A aventura bandeirante também tinha esse sabor, o da ausência de um rigoroso controle por parte do clero²⁵⁰.

Alinhado com o pensamento de Vianna Moog, Roberto da Matta busca compreender a implicação do fundamento religioso na definição do indivíduo moderno ou do social com enfoque na tradição. Da Matta diz que o Brasil se mantém tradicional, ao passo que países

²⁴⁸ MOOG, 1969, p. 103 e 104.

²⁴⁹ MOOG, 1969, p. 107 e 127.

²⁵⁰ Ibid., p. 180.

como os Estados Unidos, onde a religião protestante fez surgir uma ética do trabalho e do corpo em igualdade com a alma, resultando daí o individualismo, no Brasil, país católico, a “alma continua superior ao corpo, e a pessoa é mais importante que o indivíduo”, resultando daí a relevância das relações sociais em que a expressão “indivíduo” denota desprezo. Isto impõe à sociedade uma segmentação tradicional²⁵¹.

Segundo Vianna Moog, no Brasil, a incursão das bandeiras pelo sertão brasileiro fragilizou a emergência do indivíduo face à natureza aventureira das mesmas; em decorrência, segue-se o desajustamento do mestiço, concebido e criado fora da sociedade conjugal ao longo de trilhas e povoados que se iam descortinando pelo interior do Brasil. Ele não chegaria a ponto de assumir uma consciência de indivíduo ajustado emocionalmente. As marcas dessa evidência cruzaram os séculos seguintes e serviram para mostrar o mestiço em sua frustração, em desequilíbrio emocional, inseguro, ressentido, preguiçoso e marginalizado. Razões para isso não lhe eram escassas, haja vista que, nascido de uma união anormal e condenada, achasse sem o pai branco que não o reconhecia, e com mãe negra ou índia, cujo maior valor era fazer-se degradada em condição de escrava ou mera reprodutora de filhos mestiços²⁵².

Nessa abordagem, o ensaísta permite reconhecer dois aspectos: o primeiro diz respeito a inexistência do conflito. Segundo Roberto da Matta: “Sabemos que o conflito aberto e marcado pela representatividade de opiniões é, sem dúvida alguma, um traço revelador de um igualitarismo individualista que, entre nós, quase sempre se choca de modo violento com o esqueleto hierarquizante de nossa sociedade.”²⁵³ O outro aspecto indica a minimização do indivíduo diante das relações sociais não formalizadas pela norma igualitária. Daí a possibilidade aberta para o surgimento do jeitinho e da malandragem no interior da trama social brasileira. No dizer de Roberto da Matta, “nessas sociedades tradicionais o todo predomina sobre as partes [...] nos sistemas tradicionais, o indivíduo não é básico, as relações dos homens com as coisas não são mais valorizados do que os elos entre si e, finalmente, a riqueza não é uma categoria autônoma, dominada por bens móveis.”²⁵⁴

Se levarmos em conta as reflexões de Moog e Veríssimo, podemos pensar que o norte-americano não padece do “desajustamento psicológico”, haja vista que os Estados Unidos foram colonizados em conformidade com o espírito anglo-saxônico, metódico e hábil. A

²⁵¹ MATTA, 1983, p. 178 e 179.

²⁵² MOOG, 1969, p. 182.

²⁵³ MATTA, 1983, p. 142.

²⁵⁴ Ibid., p. 22.

prosperidade econômica do país se deve especialmente à sua indústria. E indústria é algo que tem a ver com máquina, com engenho, com habilidade mecânica, diz Veríssimo²⁵⁵.

Entretanto, esse povo que se mostra “de bem com a vida” por todas as razões está à beira de um colapso psicológico, diz Moog. O autor salienta que este fenômeno paradoxal se constrói na esteira das mesmas linhas mestras da formação cultural norte-americana: crença na bondade natural do homem e na sua perfectibilidade, a busca no êxito a qualquer preço, o temor reverencial das virtudes econômicas, o trabalho como meio e fim e, sobretudo, o rompimento com o passado²⁵⁶. O recalque do passado sinaliza o moderno, pois “a modernidade se quis uma libertação de toda referência ao passado”²⁵⁷. Se por um lado a formação norte-americana responde pela singularidade do país no cenário internacional, por outro, essa mesma formação está solapando o “equilíbrio moral e emocional do homem americano”²⁵⁸.

Para Vianna Moog, um dos indicativos disso está na discriminação racial da sociedade anglo-americana. Todavia, a discriminação efetivada entre brancos e negros deixou de ser aceita com naturalidade em função do constrangimento gerado pelo extermínio de judeus pelo nazifascismo durante a Segunda Guerra Mundial. Somando-se a isso, os Estados Unidos estavam vivenciando o fracasso do *melting-pot*, cuja intenção fora a de resgatar a diversidade étnica americana em proveito da identidade nacional do país.²⁵⁹ A fissura nas linhas mestras da cultura norte-americana revelaria também a indiferença do ianque com as marcas do passado. Assim, viabilizava o superestimado indivíduo norte-americano – um quase narcisista. Este sentimento excessivo também está presente no puritanismo e no culto ao trabalho²⁶⁰.

Para Moog, a formação cultural anglo-americana conduziu o país para a crise do capitalismo liberal, do protestantismo e do nacionalismo, em síntese, uma crise nos paradigmas da modernidade, gerando o “desequilíbrio psicológico” da sociedade. As promessas de desenvolvimento e transformações sociais por parte do capitalismo se mostraram incompatíveis com a desintegração de seus referenciais morais e éticos. A única lei em vigor na linguagem capitalista é a lei da oferta e da procura. O mesmo descrédito social,

²⁵⁵ VERÍSSIMO, 1998a, p. 495.

²⁵⁶ MOOG, op. cit., p. 262.

²⁵⁷ REIS, 2003, p. 31.

²⁵⁸ MOOG, 1969, p. 268.

²⁵⁹ OLIVEIRA, 2000, p. 176 e 177.

²⁶⁰ MOOG, op. cit., p. 270.

segundo o autor, permeia o protestantismo e sua incapacidade de confortar a sociedade americana frente às contingências decadentes que a envolveram²⁶¹. “Hoje, os protestantes norte-americanos vão mais à igreja para se distrair e preocupam-se menos com a doutrina religiosa do que com a facilidade de estacionamento dos seus automóveis.”²⁶²

Veríssimo resume a crise do norte-americano ao referir os efeitos do capitalismo no desajuste psicológico de que são vítimas:

Muitos americanos passam a vida correndo atrás do sucesso e duma carreira, multiplicando empresas e lucros, mas multiplicando ao mesmo tempo preocupações e problemas. No fim ficam prisioneiros da fantástica engrenagem que eles mesmos construíram e não podem mais libertar-se dela. Já não se trata de ganhar mais, pois nem tempo há para gastar tudo quanto ganham. É que aquilo que no princípio era um meio transformou-se tola e tragicamente num fim. Esses homens de grandes negócios comem às pressas, dormem mal e vivem preocupados. Acabam sofrendo do coração e de úlceras gástricas. São as infelizes personagens desse drama fabuloso que é o progresso americano.²⁶³

Érico Veríssimo salienta que, excetuando essas neuroses, o norte-americano realizou atividades vitais: ofereceu à grande maioria de sua população condições básicas de conforto, qualidade de vida e, sobretudo, educação, fatores ainda em déficit no Brasil, diz o autor. “Falta-nos quase tudo. A era da fronteira nos Estados Unidos já terminou, mas nós ainda temos fronteiras internas a conquistar. No Brasil, apenas uma pequena minoria é que goza dum nível de vida realmente decente.”²⁶⁴

2.5. Frente ao espelho

O exercício de análise da formação cultural brasileira no espelho da formação norte-americana possibilitou a Moog e Veríssimo caracterizar dois modelos de desenvolvimento e construção cultural distintos, porém imersos em crises sociais nas quais o “desajustamento

²⁶¹ Ibid., p. 272.

²⁶² MELLO, 1958, p. 393.

²⁶³ VERÍSSIMO, 1998a, p. 478.

²⁶⁴ Ibid., p. 500.

psicológico” se apresentava como principal indicador. Nesse olhar, os Estados Unidos representam o Estado-nação moderno, enquanto o Brasil aparece mantendo seus impedimentos tradicionais à trajetória modernizadora. “Todos nós estamos embarcados na modernidade, a questão é saber se como tripulantes ou viajantes que partem com sua bagagem, levados por uma esperança e ao mesmo tempo conscientes das inevitáveis rupturas.”²⁶⁵

Na metáfora da viagem, o anglo-americano embarca na tripulação, conforme deixam transparecer Moog e Veríssimo. Movida pela razão e pelo sentido individualista, aquela sociedade assume o papel de romper obstáculos, abrir fronteiras, assumir riscos, tudo em nome da industrialização, da unidade nacional e, sobretudo, da modernização. Para os autores, a imaturidade psicológica do norte-americano reside nessa mesma via, a via do excesso. A excessiva corrida pela liberdade, democracia e felicidade tornou o Estados Unidos reféns de si mesmos. O país perdeu a capacidade de humanizar-se²⁶⁶.

O Brasil, nesse caso, revigora a imagem do viajante cheio de lembranças e passado, buscando fazer dessa memória a possibilidade de inserção no futuro. Trata-se de um “desajustado”, pois mantém suas tradições, hesita em derrubar convenções, costumes, crenças e particularismos. É pouco consciente em relação aos fundamentos do universalismo moderno, diz Moog²⁶⁷.

Logo, a compreensão acerca das duas crises psicológicas – a do moderno e a do tradicional – conduz Moog e Veríssimo à constatação de que a permanência na tradição ou a inserção na modernidade não significa o porto seguro para o bem-estar da sociedade, seja ela brasileira ou norte-americana.

Entretanto, Vianna Moog assegura que a diferença entre o “desajustamento psicológico” do brasileiro e do norte-americano decorre de que, no Brasil, ele cede a cada geração, ao passo que, nos Estados Unidos, se agrava à medida que a sociedade vai tomando consciência dos efeitos gerados pela participação do país em duas guerras mundiais, sem contar a Guerra de Secessão, além da crise que atravessam o capitalismo e o protestantismo²⁶⁸. “Não é preciso ter visão profética para prever que os problemas mais sérios que este país terá de enfrentar

²⁶⁵ TOURAINE, 1994, p. 214.

²⁶⁶ MOOG, 1969, p. 266.

²⁶⁷ Ibid., p. 267.

²⁶⁸ Ibid., p. 271.

depois da guerra serão os do desemprego, o das greves e o recrudescimento dos atritos raciais”²⁶⁹, disse Veríssimo nos anos de 1940.

A este respeito convém recordar, conforme faz Antônio Cândido, que Veríssimo e Moog pertenciam a uma geração marcada pelo “decênio da depressão econômica, das agressivas vanguardas artísticas, do dilema fascismo ou comunismo, da vacilação e acovardamento da democracia [...] que nos marcou profundamente”²⁷⁰. Estes referenciais não escapam ao olhar dos autores acerca dos acontecimentos políticos, sociais, culturais e econômicos do mundo em geral, do Brasil e Estados Unidos, em especial.

Como parte disso, Érico Veríssimo assinala que o desacerto da sociedade norte-americana está associado ao término das fronteiras territoriais a conquistar. As fronteiras que preocupam a sociedade americana no século XX são outras: “Quem somos nós? Como conquistar as fronteiras espirituais? Que rumo dar a nossas relações com os outros povos do mundo?”²⁷¹ Esses questionamentos se somam a uma nova agenda social, e as discussões dessa agenda acirram os atritos raciais, as fronteiras identitárias, protestantismo e capitalismo.

Para Lúcia Lippi de Oliveira, a imaturidade americana se avizinha dos movimentos sociais que iriam solapar o projeto do *melting-pot* na segunda metade do século XX, especialmente o movimento afro-americano²⁷². O novo contexto americano, cuja “imaturidade psicológica” se mostra em ascensão segundo Moog, vai ao encontro da crítica de Touraine acerca da modernidade. Para este, “a idéia de modernidade, definida pela destruição das ordens antigas e pelo triunfo da racionalidade, perdeu sua forma de libertação e de criação. Ela resiste mal às forças adversas como o apelo generoso aos direitos do homem, ao crescimento do diferencialismo e do racismo.”²⁷³

A possibilidade de a sociedade brasileira atingir maior nível de maturidade, conforme projeta Moog, resulta da convergência de dois fatores, a reversão nas linhas mestras da formação cultural brasileira e a nova projeção surgida com o movimento modernista de 1922²⁷⁴. Flávio Loureiro Chaves diz que os romancistas e intelectuais do modernismo deflagraram o romance social que iria prevalecer na década de 30. Havia entre eles uma clara

²⁶⁹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 502.

²⁷⁰ CÂNDIDO, 2005, p. 69.

²⁷¹ VERÍSSIMO, 1998a, p.501.

²⁷² OLIVEIRA, 2000, p. 177.

²⁷³ TOURAINÉ, 1994, p. 11 e 12.

²⁷⁴ MOOG, 1969, p. 280.

intenção de reconhecer as identificações da nacionalidade brasileira, de analisar a sociedade por meio de fontes documentais, seus falares, tradições regionais e denúncia política, diz o autor²⁷⁵. Érico Veríssimo é um dos autores afinados com o romance social: “Se pudéssemos inculcar no homem comum brasileiro a consciência de sua importância como indivíduo... mas qual! É preciso primeiro elevar-lhe o nível de vida, melhorar-lhe a saúde, a educação... tudo! Mas quando? Quando?”²⁷⁶

Vianna Moog acrescenta que um dos méritos do movimento modernista foi possibilitar a projeção da imagem brasileira no contexto externo. E isto se faz duplamente positivo, pois o sentido de reconhecimento e construção da cultura brasileira por meio da arte, por si só inovador, implica no rompimento com o passado tradicional do Brasil, ou seja, o autor acena para um certo desapego do Brasil em relação à ordem católica brasileira, a qual viabilizava uma conexão com a referência européia. A análise de Moog, neste sentido, se encaminha, segundo Thomas Skidmore, pela tradução positiva do iberismo, a qual primou pela improvisação, suavização e tolerância do português na formação cultural brasileira. Se, por um lado, a tradição católica engessou as possibilidades de desenvolvimento e modernização no Brasil, por outro, ajudaria a salvar o Brasil dos mesmos riscos que levariam os Estados Unidos ao estado de crise.

Em última análise, o comportamento do mazombo passava a ter seus dias de vida contados, uma vez que o Brasil passava a olhar para si e reconhecer-se em seu “ser” e seu “ter”²⁷⁷. Além da ressignificação da imagem do mazombo, conforme indica Moog, Veríssimo lembra ainda Pedro Malazartes e Macunaíma como personagens que protagonizaram histórias por muitas gerações, embora ambos fossem heróis sem nenhum caráter, se constituíam em símbolos nacionais²⁷⁸.

Ao perseguir o significado desses novos heróis, pode-se constatar que a memória social, antes focada na tradição ibérica, se inverte, uma vez que os efeitos dessa nova memória social anunciam a negação do passado.

Outro indicativo de que o Brasil estava se encaminhando para a maturidade psicológica, segundo Moog, seria o recalque do desamor ao trabalho orgânico. O ócio começava a ceder

²⁷⁵ CHAVES, 2001, p. 13.

²⁷⁶ VERÍSSIMO, 1998a, p. 102.

²⁷⁷ MOOG, 1969, p. 280.

²⁷⁸ VERÍSSIMO, op. cit., p. 149.

ao trabalho pela mão do imigrante europeu que desembarcara no Brasil, especialmente no Sul do país. Para o ensaísta, os colonos alemães e italianos contribuíram decisivamente para alterar a cultura do trabalho, do desenvolvimento e do espírito associativo do brasileiro. Por conta deles, a imagem da aventura e da errância que predominara até então perdia seu espaço na mentalidade brasileira²⁷⁹.

A convergência dessas mudanças permitia, segundo Moog, “a revisão da nossa história, com a finalidade específica de nos libertarmos dos erros e preconceitos que herdamos de nossos maiores”²⁸⁰. Parece claro no pensamento de Moog e Veríssimo um sentido maior do que o de explicar o Brasil no comparativo com os Estados Unidos. No dizer de Thomas Skidmore²⁸¹, o desejo de Moog era estimular o leitor a mudar o país. Porém, isto só seria possível se houvesse um grande exame coletivo de consciência, se houvesse um rompimento com a tradição católica reproduzida no bandeirante, além do fortalecimento dos tipos sociais identificados com o pioneiro²⁸².

A comparação de Veríssimo e Moog acabou por classificar hierarquicamente os dois modelos de desenvolvimento – o moderno e o tradicional – atribuindo à tradição católica o peso da diferença. Moog empenhou-se, contudo, em tranquilizar o leitor ao expressar as possibilidades de maturidade do Brasil à medida que a sociedade assimilasse os paradigmas da razão, da disciplina e do desenvolvimento moderno, sem perder de vista a solidariedade humana.

²⁷⁹ MOOG, 1969, p. 283.

²⁸⁰ Ibid., p. 285.

²⁸¹ SKIDMORE, 1994, p. 90.

²⁸² OLIVEIRA, 2000, p. 111.

3. OLHAR COMPARATIVO POR MEIO DE METÁFORAS E IMAGENS

“A imagem – ou a atividade metafórica, ficcional, do discurso – tornará visível uma interrupção do tempo por um movimento que se desenrola do lado de cá do tempo, em seus interstícios.”

(Homi K. Bhabha)

Ao analisar o movimento da história no final do século XX, Roger Chartier²⁸³ visualiza o discurso da história entre a narrativa e o conhecimento. Ao utilizar a narrativa, o historiador encerra em si, além da própria narração, o papel de personagem da ficção ou do cotidiano, o que viabiliza a compreensão das ações e decisões dos indivíduos, diz o autor. Como parte disto e da possibilidade de utilizar-se das figuras de linguagem, especialmente metáforas, imagens e personagens simbólicas construídas por Vianna Moog e Érico Veríssimo no decorrer da comparação entre Estados Unidos e Brasil, este capítulo buscará compreender algumas linhas mestras da formação cultural norte-americana e brasileira.

²⁸³ CHARTIER, 2002, p. 86.

Ao constatar o vigor da narrativa na construção histórica desse final de século, Chartier²⁸⁴ salienta, entretanto, a necessidade de especificar as diferentes narrativas da história. Hayden White²⁸⁵ encaminha essa tarefa ao delimitar os modos possíveis de narração em seus quatro signos principais: metáfora, metonímia, sinédoque e ironia.

A discussão de Chartier e White põe em evidência a História em sua constituição contemporânea, o que não invalida a possibilidade de resgatar, na década de 1940, a obra de Érico Veríssimo, sobretudo *A volta do gato preto*, cuja concepção se situa na confluência de História e ficção.

Ao olhar a sociedade norte-americana em comparação à brasileira por meio de alegorias ou sinais metafóricos, o romancista faculta uma interpretação que parece “recuperar outras dimensões da vida. É neste ponto que a história-conhecimento, dotada de um método científico, deve buscar outras formas para fazer inteligível o passado, recuperando-o por uma estrutura alternativa que não aquela trazida pelos documentos oficiais ou por métodos tradicionais”²⁸⁶. Márcio Seligmann Silva²⁸⁷ destaca o papel desempenhado pela linguagem literária ao servir “como uma máquina não tanto de representar o real, mas sim de dar uma forma a ele”. O próprio Érico Veríssimo salienta: ainda que “o ficcionista pouco sabe dizer quando se trata de domínios da política ou da economia, [...] não pode se furtar a ver a realidade com os olhos claros e a apresentá-la com verdade e franqueza em suas histórias, apontando os males sociais”²⁸⁸.

3.1. O estranhamento diante do inusitado – o diferente

Recém chegado à América do Norte, Érico Veríssimo revela um certo deslumbramento em suas impressões sobre os Estados Unidos. O romancista compara a imagem das duas

²⁸⁴ Hayden White afirma que a “história não proporciona um conhecimento do real mais verdadeiro (ou menos) do que o faz um romance”. Por outro lado, isto não significa dizer que, ao escrever sob uma perspectiva literária, o autor esteja fazendo história. Duas razões, segundo Chartier, limitam o historiador neste sentido, “dependência em relação ao arquivo, portanto em relação ao passado, [...] dependência, a seguir, e em relação aos critérios de cientificidade e às operações técnicas próprias a seu ofício”. Citado por CHARTIER, 2002, p. 97 e 98.

²⁸⁵ Citado por CHARTIER, *ibid.*, p. 87.

²⁸⁶ PESAVENTO, 1997, p. 250.

²⁸⁷ SILVA, 2003, p. 376.

²⁸⁸ VERÍSSIMO, 1998a, p. 499.

sociedades em sentido vertical, sendo que a superioridade norte-americana lhe parece transcendente à própria natureza. O exotismo se reveste na formação de uma visão pessimista em relação à sua cultura brasileira, diz Roberto Ventura:

Produz-se, a partir da idealização das metrópoles, uma espécie de auto-exotismo, em que o intelectual “periférico” percebe a realidade que o circunda como “exótica”. O exotismo permite, por um lado, o distanciamento ante os costumes da própria sociedade, trazendo um olhar antropológico. Por outro, introduz negatividade na sua auto-representação, que leva à visão etnocêntrica das culturas populares de origem africana, indígena ou mista.²⁸⁹

O olhar admirado do autor turista experimenta não somente o contraste, mas se permite validar ou negar determinados aspectos que observa por meio do comparativo. Ao referir-se, por exemplo, à melhor disposição social do norte-americano, Veríssimo se vê confrontado à inferioridade do brasileiro, em virtude de questões sociais: “Povo mal alimentado, políticas atrasadas, ditadura varguista, fico a pensar o que poderia ser nossa gente brasileira no dia em que passasse a comer direito, a ter assistência médica e mais escola.”²⁹⁰ Acrescente-se a isto o universo social do romance da geração de 1930, como diz Flávio Loureiro Chaves. Para o autor, Veríssimo traduzia com inteligência acima da média uma narrativa contemporânea de raiz anglo-americana, cujo inspirador era Aldous Huxley. Considerado moderno, esse romance refletia a crise de ideologias e de individualidades, como sendo os valores centrais da vida urbana. Daí o trânsito de Veríssimo pela produção fortemente ligado à realidade social²⁹¹.

Na época em que Veríssimo e Moog começaram a ganhar destaque na intelectualidade brasileira (década de 1930), a comparação estava se deslocando do referencial europeu, para assumir o espelho norte-americano. Como sinalização disto, as formações sociais deixavam de ser vistas por um olhar meramente racial ou étnico²⁹².

Diante desta perspectiva de análise, cujo centro se desloca para a formação cultural, o conflito pela superioridade ou inferioridade entre Brasil e Estados Unidos tendia a minimizar, uma vez que menos interessava identificar quem fosse inferior ou superior, embora

²⁸⁹ VENTURA, 1991, p. 38 e 39.

²⁹⁰ VERÍSSIMO, 1998a, p. 47.

²⁹¹ CHAVES, 2001, p. 29 e 30.

²⁹² MOOG, 1969, p. 97.

permanecesse a desigualdade entre as duas nações. Neste caso, se há diferença nos níveis de desenvolvimento entre Estados Unidos e Brasil, tal diferença não advém da causalidade racial ou étnica, mas de inúmeros fatores, cuja análise remete a formação cultural de ambos. Loureiro Chaves salienta que se iniciava ali uma “longa investigação que busca ver o homem na sua dinâmica social e o indivíduo na sua humanidade. É o termo de uma luta em busca da expressão e o verdadeiro começo da trajetória dum romancista de 30”²⁹³.

Mesmo assim, o enfoque dos autores se mostra consciente quanto à questão da inferioridade impregnada na consciência do brasileiro. A tendência é que o brasileiro assuma um lugar de vitimização diante do norte-americano. “O outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade.”²⁹⁴ Moog fala no brasileiro neurótico, indolente, mestiço, um triste e revoltado contra a aventura bandeirante²⁹⁵.

O deslumbramento de Veríssimo se volta para os valores éticos e morais do norte-americano, os quais o autor julga superiores aos do brasileiro. É o que diz ao salientar a participação dos norte-americanos na Segunda Guerra Mundial:

Como se explica isto? Pergunta. Parece que estamos em tempo de paz. Esta gente brinca, canta, dança, vai ao cinema, ri, bebe... como se nada estivesse acontecendo... estamos acostumados à nossa maneira sul-americana de encarar a vida – respondo. Somos povos dramáticos. Cultivamos com carinho mórbido as nossas dores e desgraças. Temos um prazer perverso em escarafunchar nas nossas próprias feridas. Lembro-me das gentes simples de minha terra para as quais morte e doença são os assuntos prediletos. Ah! As senhoras tristes que gostam de contar suas dores e operações. Para elas um cancerzinho é um prato raro! [...] são heróis sem ódios.²⁹⁶

Érico Veríssimo parece reconhecer duas Américas – a América onde a superioridade começa pelas frutas e verduras, “onde lei é escrito com ‘L’ maiúsculo e desenvolvimento leva o nome de Boom”²⁹⁷. Ao nivelar o desenvolvimento dos Estados Unidos no “Boom” ou em “progressão geométrica”, no dizer de Vianna Moog, os autores anunciam o projeto moderno conduzido pela reforma protestante em favor da ética do trabalho, cujo sentido se reproduzia na produção industrial, na acumulação de riquezas, na vida utilitária do norte-americano.

²⁹³ CHAVES, 2001, p. 33.

²⁹⁴ SILVA, 2000, p. 97.

²⁹⁵ MOOG, 1969, p. 235.

²⁹⁶ VERÍSSIMO, 1998a, p. 46 e 47. Ver também MOOG, op. cit., p. 239.

²⁹⁷ VERÍSSIMO, 1998a, p. 31.

Nesse caso, é a identidade religiosa que é resgatada. O calvinismo viabilizava a pluralização das inovações européias e suas implicações na formação do mundo ocidental, enquanto o catolicismo brasileiro assume o posto da inferioridade, da tradição, cuja ordem visa a condenar a inovação, a produção e a lucratividade²⁹⁸.

Ao ressaltar as mazelas da formação brasileira, Veríssimo se mostra fiel à produção literária tributária do modernismo, cujo sentido apontava para um romance de protesto, de engajamento em questões sociais e seus mecanismos de funcionamento no país²⁹⁹. No ensaio de Vianna Moog, essas questões também estão postas, conforme Lúcia Lippi de Oliveira: Moog “dialoga com as questões que nos anos 50 estão começando a guiar a transformação da sociedade brasileira e considera ser preciso empreender reformas: a agrária, a econômica. [...] recupera uma tradição que vem desde os anos 20: a reforma dos espíritos, a reforma ética”³⁰⁰.

Não raramente Érico lança mão de aspectos pertencentes à região Sul do Brasil para representar o país no comparativo entre a tradição e o modernismo, “esse amor dos americanos aviadores pelo seu instrumento de trabalho, que é ao mesmo tempo o seu veículo e a sua arma, lembra-me a paixão do gaúcho pelo cavalo”³⁰¹.

Na busca do regionalismo, o romancista centraliza o Rio Grande do Sul em seu romance, coincidindo com as manifestações literárias do regionalismo nordestino da mesma época, que tinha em Gilberto Freyre um de seus expoentes³⁰². Esse autor se inclui entre os que deslocaram a análise da cultura brasileira de fatores determinantes, como, p. ex., a questão racial, para o enfoque social e cultural. Daí a coincidência de sua construção antropológica com a nova orientação assumida pela literatura brasileira naquele período.

No apelo de reconhecer o Brasil em suas particularidades – o que se ajustava aos propósitos da produção ensaística – Érico Veríssimo se apercebia do estranhamento entre a formação cultural de Brasil e Estados Unidos quanto mais aprofundava seu nível de

²⁹⁸ O autor enfatiza: “A condenação do comportamento social voltado às práticas comerciais, usura, cobrança de juros – a aspectos que futuramente iriam caracterizar a ordem capitalista norte-americana – configura uma postura tradicional que deve ser levada em conta dentre os fatores contribuintes na formação cultural brasileira.” MOOG, 1969, p. 48 a 98.

²⁹⁹ Analisando o realismo do século XX, Bosi afirma que ele corresponde ao plano dos efeitos que a sua prosa visava a produzir no leitor: é um romance agressivo. Para atingir o alvo, porém, foi necessária toda uma reorganização da linguagem narrativa, o que deu ao realismo de um Faulkner, de um Celine ou de um Graciliano Ramos uma fisionomia estética profundamente original. O romance é, em primeiro lugar, um exercício da inteligência a serviço de uma sensibilidade nostálgica ou revoltada. BOSI, 1984, p. 439.

³⁰⁰ OLIVEIRA, 2000, p. 111.

³⁰¹ VERÍSSIMO, op. cit., p. 324.

³⁰² Ver FREYRE, 1963.

conhecimento da sociedade norte-americana, de modo a validar uma compreensão confrontada entre a modernidade e a vida conduzida pela tradição ibérica no Brasil.

Ao aludir à formação brasileira pela via da tradição ibérica, Veríssimo e Vianna Moog pressupõem uma concepção do homem e da arte literária, cujo sentido Antônio Cândido analisa: “Fazem na vontade maior de testemunhar, mais do que narrar, de apreender o sentido dos atos, mais do que apenas descrevê-los.”³⁰³ Daí a disposição dos autores em transportar diversos indicativos da modernização norte-americana para o Brasil, como afirma Vianna Moog ao perceber o vigor da realidade produtiva e cultural daquela sociedade:³⁰⁴.

Se olharmos a comparação do romancista e do ensaísta na lente da formação identitária, é possível perceber que há uma tentativa de oposição binária entre o modelo tradicional e o moderno, acrescida de uma perspectiva classificatória em que uma das culturas – a moderna – é valorizada em demérito da outra. “Um é a norma, o outro é (outro), visto como desviante ou de fora.”³⁰⁵ A identidade é uma construção relacional, “nós e eles”; “a diferença, neste caso, atua como uma marcação simbólica relativa a outras identidades”³⁰⁶. Ela pode ser vista como representante da diversidade, do hibridismo cultural. Na comparação de Moog e Érico, entretanto, a diferença se faz pela exclusão, pela negatividade do brasileiro, o que permite lembrar a afirmação de Carla Rodeghero de “que a identidade dos brasileiros é construída em cima do que lhes falta e não do que eles são”³⁰⁷.

Uma das perspectivas identitárias dos países modernos que aparece nos dois discursos remete à formação política do Estado-nação. Ao dizer que “os latino-americanos são povos rebeldes, difíceis de governar. Na minha terra cada homem é um partido político, além de ser governado por uma ditadura”³⁰⁸, Veríssimo se aproxima de Moog. Para este, a imagem predatória do bandeirante está refletida na formação inorgânica e na errância da política brasileira³⁰⁹, evidenciando mais uma vez a identidade do brasileiro, construída na contramão da racionalidade burocrática e da democracia norte-americana.

As identidades, segundo Stuart Hall, são uma construção discursiva; “precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior

³⁰³ CÂNDIDO, 2005, p. 67.

³⁰⁴ MOOG, 1969, p. 235.

³⁰⁵ WOODWARD, 2000, p. 50-51.

³⁰⁶ Ibid., 2000, p. 14.

³⁰⁷ RODEGHERO, 2003, p. 129.

³⁰⁸ VERÍSSIMO, 1998a, p. 282.

³⁰⁹ MOOG, 1969, p. 157 a 208.

de formações e práticas discursivas específicas”³¹⁰. O “local histórico específico”, neste caso, são os Estados Unidos, posto que tributário da modernidade. Em contraponto, Veríssimo, lembra a formação da língua portuguesa, cujo valor sugere níveis de inferioridade: “Carta de amor, a língua é italiana. O francês serve pela precisão, [...] reclamando o pagamento de uma dívida, é a língua inglesa, [...] mas para escrever duzentas ou mil páginas sem dizer nada, nada... – bom, nesse caso não há língua melhor que a portuguesa.”³¹¹

Todavia, Érico reconhece alguns efeitos positivos da tradição ibérica legada ao brasileiro. Se, por um lado, o iberismo peca pelo desamor ao que é moderno, por outro, é na permissibilidade dessa tradição que reside sua plasticidade, é nela que se funde a “bondade natural do brasileiro, o nosso horror à violência, e a nossa amável tática que consiste em usar a malícia em vez de a maldade”³¹². A análise reconhece a positividade do brasileiro situada na tradição. Ao analisar esta característica de Veríssimo, Nelson Vieira diz que “no querer ver os Estados Unidos, não numa perspectiva monolítica, mas mosaica, como uma colcha de retalhos, [...] ele demonstra o seu caleidoscópio”³¹³. Da mesma forma, Érico Veríssimo visualiza a formação brasileira na ótica da “colcha de retalhos”; os traços do iberismo se fazem negativos, por vezes, e primordiais, por outras.

3.2 A harmonia em seus demônios internos

A construção comparativa entre Estados Unidos e Brasil em narrativas que empregam metáforas e imagens, como realiza Veríssimo, anuncia um olhar da história mediante uma lente menos restringida ao passado e ao documento, talvez mais sintonizada com a sensibilidade. A metáfora, em especial, permite “substituir o mensurável pelo sensível e com isso lança uma luz alternativa à tessitura social”³¹⁴.

Uma das passagens em que o romancista revela esse toque artístico à compreensão histórica pode ser localizada na imagem dos três demônios. Érico diz que os demônios que

³¹⁰ HALL, 2000, p. 109.

³¹¹ VERÍSSIMO, op. cit., p. 432-433.

³¹² Ibid., p. 180.

³¹³ VIEIRA, 2005, p. 186.

³¹⁴ PESAVENTO, 1997, p. 250.

agem em sua consciência são criaturas que residem em alguma parte do cérebro, “são misteriosos peixes que vivem escondidos no fundo do lago da memória e que, de quando em quando, independentemente de nossa vontade, soltam uma exclamação”³¹⁵. A primeira exclamação remonta à sua infância e às orientações de sua professora – Dona Eufrásia – que lhe enfatizava a necessidade da educação e formação cultural como possibilidade mais concreta para atingir o conhecimento e o sucesso social e pessoal.

De outro lado, quem atormenta a mente de Veríssimo é Jesualdo, um padeiro italiano, para quem a descrença na resolução de problemas da vida individual ou social era predominante. Para Jesualdo, tudo parecia não ter jeito, as pessoas, a vida, a política, a economia. A falta de esperanças na capacidade humana parecia-lhe condição intrínseca do homem, própria da natureza, logo, insuperável.

Por último, é o velho Anélio quem lhe bate à consciência. Este fantasma tem como hábito saltar da cama às 5 horas da manhã e se pôr a trabalhar sem grandes intervalos até o sol desaparecer no final da tarde. No entender de seu Anélio, quem assim não procede não passa de um preguiçoso, diz Érico³¹⁶.

Ao construir essa imagem em que menciona o tormento de sua memória no decorrer do cotidiano, Veríssimo permite utilizá-la como metáfora do conflito estabelecido entre o discurso racional que pensa o desenvolvimento e a modernização pela via da civilização e do trabalho árduo e obstinado, conforme aludido por dona Eufrásia e seu Anélio, em confronto com o espírito de desapego ao trabalho, presente em quem descrê na positividade da educação ou do trabalho orgânico ou mantém um sentido de desilusão de que nada dá certo, como aparece em Jesualdo.

Por essa via, os três demônios parecem se ajustar ao olhar comparativo conduzido por Veríssimo e Vianna Moog, em que a razão moderna, a do Estados Unidos, se põe de um lado, ao passo que a afirmação da tradição, revestida pelo espírito pessimista ou pela negação do trabalho em nome da preguiça do brasileiro, se posiciona em contrário.

Todavia, enquanto o conflito entre os demônios reside no interior da memória do romancista, não há sinalização para o desequilíbrio da tensão, seja em favor da razão ou da tradição. Assim sendo, são os recados de sua ex-professora que, por vezes, retêm sua atenção;

³¹⁵ VERÍSSIMO, 1998a, p. 182.

³¹⁶ Ibid., p. 183.

por outras, é o gosto de não fazer nada, de somente sentar e observar o movimento de pessoas e coisas que mais convém a Érico, “estou gostando dessa preguiça mole. [...] vá trabalhar, vagabundo – vocifera Anélio. – ganhando à toa o dinheiro do governo! Picado de remorso, levanto-me. Tenho de fazer um estudo sobre o romantismo”³¹⁷.

Talvez seja em razão desse equilíbrio entre seus demônios psicológicos que o autor resgata na formação tradicional brasileira diversos sinais positivos, ainda que, diante do espelho, a tradição represente o déficit brasileiro em desenvolvimento e modernização.

Como sinalização disso, o autor salienta algumas passagens da obra em que esse pensamento parece mais evidente; é como se Dona Eufrásia estivesse dialogando com Jesualdo e o velho Anélio: “Tenho esperança em certas qualidades das gentes brasileiras: na sua bondade essencial, no seu horror à violência.”³¹⁸ Lúcia Lippi de Oliveira visualiza em Moog essa mesma tendência em reconhecer algo de positivo na tradição ibérica; Moog “percebe que a superioridade econômica protestante ascética não implica, obrigatoriamente, superioridade em todos os aspectos da vida”³¹⁹.

O conflito dos três demônios em Veríssimo parece evocar uma lente caleidoscópica cuja visualização aponta duas Américas ou, mais precisamente, dois Brasis, um que se qualifica pela inferioridade diante do parâmetro internacional e outro que sugere uma certa harmonia. Essa segunda imagem brasileira, a menos hierarquizada, se assemelha ao pensamento de Gilberto Freyre em *Casa grande & senzala*, em que sinaliza a formação cultural brasileira pela via do equilíbrio entre as oposições. Segundo Freyre, trata-se de “um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. [...] o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo.”³²⁰

Em certo sentido, Veríssimo não só concorda com Freyre como defende seu pensamento, sobretudo no que diz respeito à tendência permissiva do brasileiro à formação miscigenada da sociedade, de modo a ratificar o equilíbrio entre senhor e escravo de Freyre. A opinião dos autores em torno desse tema é corroborada por Vianna Moog, para quem “a indiscriminação racial no Brasil não foi fisiologicamente um mal. Paradoxalmente, terá sido

³¹⁷ VERÍSSIMO, 1998a, p. 183.

³¹⁸ Ibid., p. 462, 495 e 497.

³¹⁹ OLIVEIRA, 2000, p. 114.

³²⁰ FREYRE, 1963, p. 116.

antes um bem e virá a ser, com o tempo, se já não o é, um dos melhores, senão o melhor acervo da cultura luso-brasileira.”³²¹

Érico Veríssimo menciona, a este respeito, uma discussão transcorrida durante uma conferência no Estado de Mississipi, onde a leitura de uma carta redigida por cidadãos norte-americanos revela o sentimento de repulsa daquela sociedade com a interpretação de Gilberto Freyre acerca da positividade da miscigenação brasileira. Segundo Veríssimo, a carta endereçada à agência brasileira de Nova York questionava³²²:

Até que ponto Gilberto Freyre, em seu livro “Brasil”, escrito em inglês e contendo uma interpretação de nosso país, falava a verdade ao afirmar que no Brasil os pretos têm direitos iguais aos dos brancos. Dizia o feroz missivista: Esse Sr. Freyre comete grave erro se está procurando provocar-nos que essa miscigenação é o caminho certo. Acho que a universidade americana que convidou um professor com tão perigosas idéias para dar um curso de conferencias a seus jovens alunos devia ser repreendida. Mais adiante continuava: Eu e minha senhora pretendíamos em breve visitar o Brasil. Mas se o Sr. Freyre falou a verdade, nós não poderemos nos sentir bem num país em que tais absurdos acontecem.

Mesmo sem expressar a intenção de discutir a formação da sociedade brasileira pela questão racial ou étnica, Érico Veríssimo acaba por defender, ao mesmo tempo, o pensamento de Gilberto Freyre e o equilíbrio de seus demônios internos. De resto, ao finalizar sua participação em tal conferência, o romancista afirmou que o Brasil não precisa de pessoas dispostas a reafirmar um sentimento racista como fizeram aqueles norte-americanos³²³, uma vez que o racismo não vigora entre os brasileiros. No Brasil vigora, sim, a tendência para a negação da violência³²⁴.

³²¹ MOOG, 1969, p. 29.

³²² VERÍSSIMO, 1998a, p. 398.

³²³ Essa oposição manifestada pelo norte-americano acerca da miscigenação brasileira corresponde à afirmação de Vianna Moog ao salientar a ressignificação da imagem brasileira ao olhar internacional a partir da década de 1920. Nesse período, a discussão da intelectualidade se ocupa de temas como o que tratam Veríssimo e Freyre – a formação cultural brasileira na passagem do enfoque racial para o reconhecimento da realidade brasileira, cuja aceitação da miscigenação da sociedade constitui um aspecto. “Fato singular no processo de assimilação dialética de nosso passado: enquanto, fugindo mentalmente do Brasil, não nos aceitávamos como éramos, não tínhamos a menor significação internacional. No entanto, tão depressa começamos a aceitar a realidade brasileira, a terrível e misteriosa realidade brasileira, entramos a projetar-nos para fora com um vigor jamais atingido. À base de motivos brasileiros, temos, na música, a projeção mundial de Villalobos, na pintura a de Cândido Portinari, na arquitetura, a de Niemeyer, na sociologia, a de Gilberto Freyre, na novela, a de Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Jorge Amado.” MOOG, 1969, p. 280.

³²⁴ VERÍSSIMO, 1998a, p. 398.

Da expressão de Veríssimo se depreende que antes de revelar-se mestiço, bárbaro, incivilizado, o brasileiro representa uma formação constituída por sua fortuna cultural, com seus dilemas transitórios entre a razão e sua negação – entre Dona Eufrásia e Jesualdo. Mais uma vez parecem reafirma-se alguns traços característicos do autor, como o realismo, a sensibilidade, sobretudo, a intenção bifurcada, na qual a análise não se encaminha em mão única, antes, assume o que Nelson Vieira define por “colcha de retalhos” ou visão “caleidoscópica”.

3.3. Como não dizer “não” e como não dizer “sim”.

Outra passagem de *A volta do gato preto* mencionada por Érico Veríssimo³²⁵ que possibilita tomá-la em forma de metáfora visando a compreender alguns aspectos da formação cultural brasileira no comparativo localiza um de seus diálogos mantido com um garçom no interior de um trem de passageiros, por ocasião de uma viagem com sua família – esposa e dois filhos.

Veríssimo relata que possuíam pouco dinheiro nesse dia, e o pouco que ainda restava era suficiente para adquirir não mais do que sanduíches para as refeições do dia no decorrer da viagem. Sem visitar o restaurante do trem ao longo da viagem, o romancista acabou por atrair a atenção do garçom, que se aproximou e perguntou à sua família se não desejavam almoçar. Temendo pelo constrangimento de confessar a falta de dinheiro, Érico conta que limitou-se a agradecer a gentileza do serviço. Passadas mais algumas horas, o garçom atento à passividade do viajante voltou a insistir na possibilidade de Érico e sua família o acompanharem até o restaurante do trem e aproveitarem para experimentar o cardápio oferecido no dia.

Sentindo-se acuado pela tensão entre a insistência do homem e a desconcertante condição de ver-se pronunciar um “não”, (não temos dinheiro para a refeição do dia), Veríssimo faz valer sua capacidade ficcionista e elabora uma conversação final com seu interlocutor. Para tal, inicia por advertir o garçom de que em seu cardápio, provavelmente, não consta o prato predileto seu e de sua família. De pronto o servidor sugere-lhe que, diante de tal possibilidade, uma alternativa da preferência do freguês seria confeccionada. Érico

³²⁵ Ibid., p. 59.

remata o assunto ao salientar que a referida iguaria desejada por ele e sua família é carne humana: “Somos antropófagos, só comemos carne humana.”³²⁶

Diante do inusitado, o interlocutor, sem perder o equilíbrio e sem manifestar grande repulsa, contrapõe ao freguês com pesar dizendo que esse prato – carne humana – não é consumido em restaurantes dos Estados Unidos, uma vez que não é permitido pela constituição norte-americana³²⁷.

A conversação desenvolvida pelo romancista e o garçom perfaz a natureza da construção literária de modo que ela se vale do acaso e de sugestões circunstanciais provenientes da realidade social, conforme disse Veríssimo, quando se encontrou com Vianna Moog, em 1944, nos Estados Unidos³²⁸. De forma descontraída, Érico discute com Moog a natureza do discurso ensaístico e literário, acusando-o de ter visitado o país com o propósito de encontrar aportes para conclusões que já possuía antes de lá chegar. Para o romancista, o caso da literatura se dá pela via contrária; ela não parte de idéias feitas, mas se deixa inseminar pela vida cotidiana, como fez em relação ao episódio do trem.

Mas se a possibilidade do ensaio transcorre pela violação da realidade para obter confirmação para suas hipóteses, como diz Veríssimo, a ocorrência da viagem no trem, ainda que seja casual, permite visualizar algumas idéias no comparativo de Brasil e Estados Unidos, a exemplo do característico despreparo do brasileiro em pronunciar um não de maneira objetiva, como fizera o “passageiro” Érico Veríssimo.

O próprio Veríssimo lembra o quanto a sociedade brasileira é despreparada para receber respostas negativas; logo, também reluta em expressar a negação diante de outras pessoas. Dizer não, segundo o autor, significa para os sul-americanos o acesso à inimizade. De outra forma, dizer “não” no Brasil significa passar-se por inculto. Preferimos, diz Érico, passar a impressão de que sabemos, mesmo que o preço a ser pago seja a improvisação sobre fatos e assuntos diversos, como ele mesmo fez ao tapear o garçom com a estranha afirmação de que só comia carne humana. Disso decorre a singular capacidade de versar sobre os mais diversos assuntos por parte do brasileiro, diz Veríssimo³²⁹:

³²⁶ VERÍSSIMO, 1998a, p. 60.

³²⁷ Ibid., p. 60.

³²⁸ Ibid., p. 164.

³²⁹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 363.

Somos criaturas amáveis e gostamos de parecer aos outros simpáticos, e isso nos impede de dizer não aos convites e pedidos que nos fazem. [...] assim fazemos as voltas mais incríveis para não usar a negação. Ficamos no “talvez”, no “apareça depois”, no “vou estudar o caso”, no “volte segunda-feira”... e não raro usamos o eufemismo dos eufemismos, dizendo sim quando na realidade queremos dizer não. No desejo de ser agradável ou de resolver depressa uma situação embaraçosa fazemos promessas que sabemos que não vamos cumprir.

Nesse mesmo sentido da discussão, o autor evoca o folclore como fio condutor do caráter brasileiro e anuncia alguns dos heróis ou símbolos³³⁰ que bem representam a formação da sociedade brasileira, como o jabuti e Pedro Malazartes³³¹. Flávio Loureiro Chaves diz que a história para Veríssimo não decorre de uma lógica linear, mas de um jogo de contrastes, no qual se dá o surgimento de seus personagens imaginários³³².

Se o guerreiro e o conquistador anunciam o herói norte-americano, comum nas histórias de quadrinhos, no Brasil a simbologia está associada à esperteza, à lentidão, à paciência e à malícia presentes no jabuti. Malazartes, por sua vez, assume a roupagem do herói sem caráter, um empulhador, de espírito brincalhão, e irresponsável. Não é para menos: esse herói descende da tradição ibérica, completa Veríssimo.

Érico lembra que, uma vez reunidos brasileiros e norte-americanos num círculo de conversação, provavelmente o tom da conversa entre os brasileiros seria mais animada, repleta de encantos, pois falariam da vida alheia, de futebol, cinema, livros, religião, música, doenças e mulheres, de uma maneira mais viva e atraente, ao passo que a monótona conversa do norte-americano, contido em seus risos, sugeriria temas como cachorro, cavalos, automóveis, trabalho, indústria e dinheiro. Os gestos reveladores de equilíbrio, até mesmo de frieza, dessas gentes são o mesmo que lhes permite ostentar a coragem para dizer não, quando não sabem, diz o autor.

³³⁰ Ibid., p. 149.

³³¹ Ao estudar o folclore brasileiro, Luís da Câmara Cascudo recolhe diversos símbolos ou mitos que de alguma maneira estão associados à formação cultural brasileira. Além da malícia e esperteza do jabuti e de Malazartes, o autor identifica a habilidade cínica do macaco que vive trepado nas árvores porque está convencido da chuva subir do solo e não cair do céu. Além disso, o macaco não fala porque teme que alguém o mande trabalhar e finge não compreender. No mesmo sentido, o autor lembra a estória do sapo, que, fingindo preferir ser jogado no fogo, acaba por ser arremessado na água para que morresse afogado, no que acaba por sobreviver. O folclorista salienta ainda outros personagens de contos populares brasileiros que reproduzem, em linhas gerais, a ação maliciosa e criativa, caso do coelho, da onça e da raposa, da coruja, do pombo. No caso das aves de preá, Câmara Cascudo diz tratar-se de uma simbologia herdada dos gregos e romanos que as dedicavam aos seus deuses, de modo que o povo lhes dava créditos de mistérios, pois tais aves voavam a noite e alto, para o que deviam saber muito e ter garras possantes para ver nas horas noturnas o que se passava durante o sono dos homens mortais. CASCUDO, 2001, p. 70, 120, 122 e 123.

³³² CHAVES, 2005, p. 235.

Para Veríssimo, Malazartes se caracteriza pela sutileza dos gestos, pela astúcia, é como se ele incorporasse a criatividade do jabuti, sem que isso se reverta em reação de desaprovação, haja vista a simpatia que a sociedade brasileira manifesta ao jabuti. Daí o equívoco do governo varguista em afirmar sua postura ditatorial na década de 1930, o que acarretou a supressão de diversas simbologias e imagens. Os homens de Vargas, diz Veríssimo, não são heróis da astúcia, nem da pilhéria, são homens investidos de fardas e se mostram quase sempre montados a cavalo, fazendo-se impor pelo heroísmo do bandoleiro, do caudilhismo. Honra e coragem são seus lemas³³³. Em vez do jabuti, eles assumem a austeridade da onça, animal a quem se deve o respeito, se não o medo. Por conta disso, “tudo é pretexto para manter um homem na cadeia. A terra do ‘não pode’. Tudo proibido. Dip. Deip. Dasp. Censura. Hora do Brasil. Polícia Especial. Fernando de Noronha”³³⁴.

A expressão de Veríssimo, ao lamentar a desconexão artificial da sociedade com seus heróis característicos no decorrer do governo de Getúlio Vargas, faz ecoar a afirmação de Gilberto Freyre, segundo a qual “os heróis autênticos para a gente do povo, no Brasil, os que se fixam como ídolos na consciência popular, são os que exprimem nas suas atitudes e nos seus gestos os traços mais fortemente antieuropeus do psiquismo brasileiro”³³⁵. Freyre fala ainda da relação dos heróis com a massa, cuja maior identificação ocorre à medida que os heróis trazem em si o máximo de gestos e sinais de virtudes ou grandeza da sociedade à qual pertencem. Assim, a sociedade, em contrapartida, tende a recuperar em seus heróis os traços que lhe sejam semelhantes, como faz o gato, que, ao roçar-se nas pernas do dono, não o faz com a intenção de carinho, mas de sentir o calor do próprio pêlo, diz Freyre³³⁶. Disso decorre o lamento de Veríssimo diante da impossibilidade, gerada por Vargas, de ver o brasileiro afagar sua própria formação psicológica, tendo por imagem seus heróis, como Malazartes e jabuti. Tanto isso se agrava, uma vez que a mudança visa a atender a um sistema ditatorial, de modo a censurar piadas e anedotas versando sobre o presidente Getúlio Vargas. Publicações nesse sentido, fossem em jornais, revistas ou peças teatrais, eram proibidas. Em suma, passaram do jabuti para as unhas da onça, diz Veríssimo³³⁷.

³³³ VERÍSSIMO, 1998a, p. 282.

³³⁴ Ibid., p. 41.

³³⁵ FREYRE, 2002, p. 681.

³³⁶ Ibid., p. 681.

³³⁷ Ao comentar a construção literária de Veríssimo, Joaquim Rodrigues Suro diz que o caráter desconfiante de Érico diante das mudanças operadas nas estruturas políticas do país no decorrer dos anos 30 também aparece em “Clarissa”. Na interpretação literária e sociológica que faz do país neste momento, Veríssimo encarrega seus personagens Clarissa e Amaro de evidenciar o seu sentimento pessimista e frustrado em relação ao Brasil. Amaro rememora seu passado e dá-se conta de nunca ter realizado seus sonhos. SURO, 1985, p. 41.

Se Veríssimo serviu-se da sutileza do jabuti, do espírito criativo de Pedro Malazartes para safar-se do desconforto de expressar um “não” junto ao garçom do trem, permitiu-se, ao mesmo tempo, recorrer a um dos aspectos da tessitura social brasileira, com o que Vianna Moog parece concordar.

Em *Bandeirantes e pioneiros*, Moog também aborda a simbologia de Malazartes³³⁸ ao mencionar seu heroísmo sem esforço e sem trabalho, o que faz compensar pela intriga e pela astúcia, como o homem que teria vencido a natureza tateando e contornando obstáculos na empresa de desbravamento do Brasil. Daí a possibilidade do jeito, do jeitinho brasileiro de fazer as coisas pela via da sutileza ou do menor esforço. De certa maneira, pode dizer-se que o jeito brasileiro é o jeito de Malazartes, o qual está associado à desenvoltura de Veríssimo no episódio do trem, uma vez que leva a efeito o contorno, a malícia e a eficiência da boa explicação. Segundo Vianna Moog³³⁹:

Daí o jeito, o célebre jeito brasileiro de fazer as coisas – vamos dar um jeito, é preciso encontrar um jeito – que o estrangeiro jamais acaba conseguindo compreender, sinal de que a palavra jeito, sem correspondente exato nas principais línguas ocidentais, preenche uma necessidade de expressão somente nossa e não dos demais povos. Daí também, em parte, o nosso maneirismo social, a nossa cortesia, as nossas hesitações, o nosso jeito, a nossa delicadeza, que é talvez um dos traços caracterológicos que mais nos correspondem. Tanto é assim que a delicadeza do brasileiro não é uniforme de Norte a Sul ou de Leste a Oeste. Ao contrário, de origem telúrica, varia segundo o maior ou menor domínio do homem sobre a natureza e esta teoricamente na razão direta do terror cósmico que esta lhe inspira.

Se, por um lado, Vianna Moog evidencia o nascimento do jeitinho brasileiro pela ação desbravadora do bandeirante no interior do território brasileiro, por outro, Roberto da Matta localiza seus efeitos no tecido da sociedade brasileira ao compará-lo com a formação norte-americana. Segundo Da Matta³⁴⁰, a diferença entre Brasil e Estados Unidos no sentido de viabilizar a formação do jeitinho e demais simbologias, como o jabuti e o Malazartes, reside no arcabouço legislativo. Nos Estados Unidos, a legislação é rígida, racista e dualística, definidora de espaços – de quem está fora e de quem está dentro. Há, portanto, um sentido de negação a toda forma intermediária. Daí a negatividade do mulato, do mestiço, do que se

³³⁸ MOOG, 1969, p. 244.

³³⁹ Ibid., p. 258.

³⁴⁰ MATTÁ, 2000, p. 43-46.

produz no “intre-lugar”³⁴¹. A formação relacional, nesse caso, não encontra espaços de sobrevivência, seja entre brancos e negros ou entre grupos sociais. Por extensão, as mesmas leis igualitárias³⁴² que não toleram a intermediação social ou étnica não permitem o mais-ou-menos, o jeitinho, a astúcia de Malazartes.

O contrário se dá no Brasil, cujas possibilidades de construção cultural da sociedade estão associadas ao princípio da miscigenação, a formação no não-lugar, ou no inter-lugar. Ao contrário do modelo norte-americano, cuja inclusão de uma parte implica exclusão de outra parte, a formação brasileira se encaminha pela dualidade. “Nós temos um conjunto infinito e variado de categorias intermediárias em que o mulato representa uma cristalização perfeita.”³⁴³ Ao jeitinho e mesmo à malandragem se aplica esse mesmo pensamento, uma vez que sua ação ocorre pela mediação entre a lei e a situação onde ela deva ser aplicada.

O contraponto do jeito, do jabuti, da astúcia de Malazartes se encontra no garçom que dialoga com Érico Veríssimo durante a viagem de trem. A enfática afirmação do empregado de que não serviria carne humana em observância à constituição de seu país indica o alinhamento entre o dispositivo legal³⁴⁴ e a ação da sociedade, reconhecida na afirmação do indivíduo. Roberto da Matta salienta que nos Estados Unidos “as leis e regulamentos, no seu ângulo impessoal e automático, servem para ordenar o mundo massificado do indivíduo, a quem elas se aplicam de modo integral e, para quem – afinal – foram feitas”³⁴⁵. Visto em ângulo maior, o arcabouço institucional do norte-americano está contido na fórmula da modernidade, cuja extensão compreende outros aspectos, como o desejo de progresso, desenvolvimento industrial, crescimento das cidades, integração nacional, assistência educacional e sanitária à sociedade, ascensão do comércio, centralização da instituição familiar e do próprio Estado³⁴⁶.

³⁴¹ BHABHA, 1998, p. 20.

³⁴² Érico Veríssimo exalta o sentido de igualdade presente na formação norte-americana, como demonstra o seguinte: “[...] de quando em quando arriscamos uma excursão ao carro-restaurante, e temos de esperar durante dez, quinze minutos na bicha. Essas bichas são um exemplo vivo da democracia norte-americana. Se o soldado chega antes do cabo, o cabo antes do sargento e o sargento antes do capitão, não há nenhuma lei capaz de alterar essa ordem. O oficial esperará a sua vez com a maior naturalidade, pois sabe que todos os cidadãos têm direito iguais perante a constituição dos Estados Unidos e não será pelo fato de serem soldados que eles deixarão de ser cidadãos...”. VERÍSSIMO, 1998a, p. 101.

³⁴³ MATTA, 2000, p. 41.

³⁴⁴ Ibid., p. 97.

³⁴⁵ Id., 1983, p. 183.

³⁴⁶ SOARES, 1999, p. 224.

Por conta dessa formação, cuja sinalização Veríssimo externa nas palavras do garçom, se ajustam outros indicativos da espiritualidade norte-americana de modo a torná-los quase opostos em relação ao Brasil. Nesse sentido, o romancista não visualiza Malazartes, mas a magia da palavra “sucesso”. Em nome do sucesso se acelera o bafejo de prosperidade, o “boom” das cidades, diz Veríssimo. Daí a afirmação de Vianna Moog acerca da projeção do pensamento prático orientado para obtenção de resultados seguros e com menor esforço. Segundo Moog, João Calvino desconfiava de que a elaboração subjetiva do filósofo, do artista no sentido da contemplação acarretaria a inação física³⁴⁷. Pela mesma razão, Érico Veríssimo salienta o mau gosto da literatura norte-americana – quase vulgar, segundo seu dizer³⁴⁸. A comparação com o Brasil lhe parece inescapável; mais do que a comparação, o romancista visualiza a positividade da tradição brasileira diante do pensamento moderno³⁴⁹,

Psicologicamente somos mais ricos que eles, e emocionalmente talvez mais adultos. Quando os escritores brasileiros dizem que os Estados Unidos oferecem campo mais vasto e variado para a literatura de ficção, eles naturalmente se referem às possibilidades de ação, a uma maior riqueza episódica resultante e maior variedade de tipos, profissões, interesses; dum ritmo de vida mais agitado, do progresso mecânico e de todos os problemas que a civilização cria para o homem moderno nas grandes metrópoles. Referem-se, em suma, a uma riqueza mais horizontal que vertical. Não é de admirar, portanto, que os romances de escritores do Sul que, como Ellen Glasgow e William Faulkner, contam histórias de sua região, a qual no clima, nos costumes e no caráter de seus habitantes se parece um pouco com o Norte brasileiro.

Dessa forma, Érico Veríssimo submeteu-se ao risco de não ser bem sucedido em sua primeira aula numa universidade dos Estados Unidos, quando assegurou aos assistentes que a melhor maneira de compreender uma nação era lendo seus autores. E que pouco estava sendo feito por parte da sociedade norte-americana no sentido de melhor conhecer o Brasil e o brasileiro em outros campos, além da esfera econômica³⁵⁰. Moog ressalta que, nos Estados

³⁴⁷ MOOG, 1969, p. 69.

³⁴⁸ Aléxis Tocqueville afirma: “Se a América não tem ainda grandes escritores, não devemos procurar noutra parte as razões disso: não existe gênio literário sem liberdade de espírito e não há liberdade de espírito na América. A Inquisição jamais pôde impedir que circulassem na Espanha livros contrários à religião da maioria. O império da maioria fez mais que isso nos Estados Unidos: acabou até com a idéia de publicá-los. Encontram-se incrédulos na América, mas a incredulidade, por assim dizer, não tem ali um órgão. Governos existem que se esforçam por proteger os costumes condenando os autores de livros licenciados. Nos Estados Unidos, ninguém é condenado por essa espécie de obras, mas ninguém é tentado a escrevê-las. Não quer isso dizer, todavia, que os cidadãos tenham costumes impuros, mas que a maioria é regular nos seus. Nestes casos, o uso do poder é, sem dúvida, bom: e na verdade, estou falando apenas do poder em si mesmo. Esse poder irresistível é um fato contínuo, e o seu bom emprego é apenas um acidente.” TOCQUEVILLE, 1987, p. 198.

³⁴⁹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 499.

³⁵⁰ *Ibid.*, 1998, p.137.

Unidos, “O que interessa é aquilo que conduz à acumulação de riqueza ou a resultados palpáveis”³⁵¹. Frente a essa atmosfera traduzida por Moog e Veríssimo, configura-se o modelo norte-americano, cujo espaço criativo parece reservado ao pensamento lógico e ao alinhamento da modernidade; daí a afirmação de Veríssimo acerca do caráter sisudo e objetivo do norte-americano em suas rodas de conversas.

3.4. Despindo-se de conceitos ao vestir a extravagância

Outra passagem de *A volta do gato preto* relatada por Érico Veríssimo acerca de suas andanças pelas cidades dos Estados Unidos menciona uma ocasião em que o autor caminhava com familiares pelas ruas de Nova York a fim de efetuar compras. Veríssimo diz que, ao observar a extravagância de uma vitrine decorada com uma calça masculina, estilo pantalona de cor amarela, com tecido algodado e estrias aveludadas, juntamente com uma jaquetão grosso de lã azul, decidiu-se pela aquisição e pelo uso imediato de tal combinação, cujo mau gosto lhe parecia inigualável.

Explica que vestir o estranho modelo e desfilar pelas ruas equivaleria a uma tomada de postura diante do sentido ordenado e formal da sociedade. Trata-se de uma mudança de personalidade frente ao olhar do outro, da possibilidade de visualizar a idéia que os outros fazem do sujeito que lhes parece estranho, em virtude de suas preferências aparentemente anormais, dizia o autor³⁵².

Ainda que as pessoas sejam reconhecidas por ostentarem inúmeras diferenças no interior do organismo social, tais diferenças não escapam ao círculo das convenções, de uma condição nomeadora da normalidade, como indica Veríssimo ao citar os diversos olhares que o definem;

³⁵¹ MOOG, 1969, p. 69.

³⁵² VERÍSSIMO, 1998a, p. 156.

Meus filhos, por exemplo, acham que sou um alegre companheiro. Para a maioria das outras pessoas sou um homem seco, sisudo, calado, incapaz duma palavra ou dum gesto espontâneo. Como escritor sou considerado em certos círculos apenas como um fabricante de histórias adocicadas para mocinhas sentimentais. Noutros setores, apareço como um indecente autor de livros imorais, dum realismo repugnante. Os católicos me classificam de herege. Os fascistas afirmam que sou vermelho. Os vermelhos murmuram sorrindo que sou apenas cor-de-rosa.³⁵³

O romancista assegura que é chegada a hora de extravasar seu grito de protesto às convenções e opiniões dos que o cercam. Pouco importa se o preço a pagar seja o de sair à rua vestido de forma detestável, de sorte que dificilmente alguém o identificaria como escritor, professor ou conferencista brasileiro contratado por instituições oficiais do país. É chegada a hora de pular fora dos “círculos de giz”³⁵⁴, conforme expressão do próprio Veríssimo.

Ao analisar o sentido dessa metáfora (círculos de giz), Maria Somerlate Barbosa³⁵⁵ assegura que Érico é um arguto observador do tecido social, suas normas, mudanças e transições socioculturais. Em razão disto, Veríssimo dá vida a seus personagens fazendo-os saltar fora dos círculos de giz, de convenções, de espaços limitadores de suas utopias sociais e aspirações pessoais. A intenção do romancista em romper as convenções sociais o aproxima do pensamento filosófico de Friedrich Nietzsche quando este trata da busca do “espírito livre”. Para Nietzsche, o sentido de liberdade passa pela necessidade de rebelar-se contra toda forma de convenções, conceitos preestabelecidos, sobretudo a idéia de verdade, “o dever de desfazer um velho e estúpido preconceito e mal-entendido que por demasiado tempo velou, como uma neblina o conceito de “espírito livre”³⁵⁶.

Assim, a pluralidade em Veríssimo aparece mais uma vez, haja vista a positividade que atribui aos conceitos modernos enquanto possibilidades de desenvolvimento e modernização da sociedade norte-americana, ao mesmo tempo em que se mostra inconformado com os aspectos afirmativos da mesma modernidade, caso das convenções sociais ou da intenção de verdade nelas presentes, como diz Nietzsche.

³⁵³ Ibid., p. 156 e 157.

³⁵⁴ “Círculo de giz” constitui-se em mais uma metáfora de Veríssimo: “Quando eu vivia no Brasil minha vida de sonhos insatisfeitos, comparava-me ao peru que, segundo se diz, metido no centro dum círculo de giz traçado no chão, se julga irremediavelmente prisioneiro dele. Um dia achei que devia correr para a liberdade, saltando o círculo de giz. Cortei as amarras que me prendiam a todas as convenções sociais e a esse manso comodismo de hábitos. Dei o salto... E agora, moendo e remoendo experiências recentes, comparando-as com as antigas, chego à conclusão de que a vida não passa de uma série de círculos de giz concêntricos. A gente salta por cima de um apenas para verificar depois que está prisioneiro de outro e assim por diante.” Citado por BARBOSA, 2005, p. 301.

³⁵⁵ Ibid., p. 302.

³⁵⁶ NIETZSCHE, 2002, p. 70.

A pluralidade de Érico configura uma ótica paradoxal em que um de seus extremos sinaliza para o rompimento dos círculos de giz (das convenções), em favor de um espírito livre, da tradição ibérica. A exemplo de Vianna Moog, que se deslumbrou pela cultura norte-americana, o que faz dele também um mazombo, Veríssimo assume a roupagem do bandeirante em sua errância, aventura, desconformidade com as convenções modernas. Neste caso, Érico Veríssimo parece reproduzir o bandeirante em seu desapego de uma lógica racional da vida, como sugere Sérgio Buarque de Holanda³⁵⁷.

A intenção de Veríssimo de reconhecer a brasilidade na formação comparativa dos dois países também ganhava forma no momento em que ele próprio buscava se libertar das convenções (conforme a simbologia da vestimenta extravagante) em nome de uma maior aproximação da informalidade ou das linhas mestras da tradição ibérica.

Por conta deste iberismo manifesto em Veríssimo, é possível observar que, enquanto a formação cultural norte-americana se mostra pontuada por diversos conceitos da modernidade, da fixação de lugares sociais e éticos, o mesmo não ocorre no Brasil. Ao contrário da dualidade estabelecida entre “nós e os outros”, no Brasil a afirmação se encaminha pela via da não diferenciação ou da sustentação do equilíbrio de antagonismo, de Gilberto Freyre. Por meio do equilíbrio, do “entre-lugar”, a formação brasileira permite visibilidade aos conceitos de modernidade em paralelo com os sinais da tradição. No dizer de Vianna Moog, “em tudo e por tudo as circunstâncias históricas favoreciam o natural processo de miscigenação no Brasil”³⁵⁸.

Nesse sentido, a ação ridícula assumida por Érico Veríssimo nos Estados Unidos, por certo, não teria a mesma repercussão se fosse repetida nas ruas de alguma cidade brasileira. Isso equivale a dizer que “os círculos de giz” não têm a mesma visibilidade no Brasil.

Por outro lado, a metáfora de Érico Veríssimo exalta as convenções, normas e características da modernidade, cuja intenção era construir a nacionalidade com suas identidades próprias, a exemplo do que ocorrera nos Estados Unidos³⁵⁹. A cultura nacional se constitui na principal fonte das identidades na medida em que define uma língua predominante, reconhece as identidades de gênero, classe, sexualidade, etnia e raça, ao

³⁵⁷ HOLANDA, 1992, p. 9.

³⁵⁸ MOOG, 1969, p. 74.

³⁵⁹ Segundo o dizer de Zigmunt Bauman: “O liberalismo acreditava que recusar liberdade aos inimigos da liberdade e deixar de tolerar os inimigos da tolerância bastariam para fazer com que a pura essência comum a todos os humanos surgisse das masmorras do paroquialismo e da tradição.” BAUMAN, 2003, p. 84 e 85.

mesmo tempo em que rejeita as identidades particulares, regionais ou diferenças de qualquer ordem³⁶⁰.

As divergências culturais ou identitárias, em que se ajusta a postura extravagante, logo, divergente de Veríssimo, eram concebidas como relíquias do passado, atraso, manifestações tribais que, como tais, deveriam ser monitoradas ou extintas. É sob esse contexto que as identidades culturais voltadas ao Estado-nação, ou seja, em alinhamento com a possibilidade de progresso, homogeneidade e elevação do nível de vida para todos, ganham significação no pensamento moderno³⁶¹.

O sucesso deste projeto correspondia à excelência dos níveis educacionais e formação social. Alain Touraine afirma que os valores da sociedade eram os valores do indivíduo. A educação deveria prover a disciplina e libertar a criança da irracionalidade. A escola, espacialidade em que se confere o saber, garantia a abertura para a racionalidade, organizava o progresso fundado numa sociedade de princípios também racionais. O professor, detentor do conhecimento douto, se punha como mediador entre os valores universais de verdade³⁶². Em última análise, a modernidade prima pela afirmação dos “círculos de giz”, os quais convergem em favor do desenvolvimento e modernização da sociedade ao estabelecer as “amarras” de tempo e espaço.

Por esta via também ocorre a definição da norma, a partir da fixação do anormal, “o outro”³⁶³. Ele constitui o componente negativo da relação, podendo ser o marginal, indigente, drogado, louco, homossexual, prostituta, estrangeiro, ou ainda, em nível menor, o que se veste maltrapilho. “Essas oposições binárias sugerem sempre o privilégio do primeiro termo e o

³⁶⁰ HALL, 2000, p. 9 e 47.

³⁶¹ BAUMAN, 2003, p. 85. Ver também Scarlett Marton ao analisar a obra de F. Nietzsche: “O Estado procura moldar todos que se acham sob sua tutela, inculcando-lhes o orgulho da pátria, o respeito à bandeira, a educação cívica. [...] os subversivos são condenados pelo Estado ao ostracismo, os dissidentes, expulsos do partido, os hereges, excomungados pela igreja. Assim como os pais não toleram que os filhos tenham idéias e preceitos diferentes dos seus, o Estado, o partido político e a igreja não admitem que os cidadãos, os partidários e os fiéis discordem de seus preceitos e idéias”. MARTON, 1999, p. 43.

³⁶² TOURAINE, 1994, p. 20.

³⁶³ Para Dufour: “O Outro consente a função simbólica, na medida em que fornece ponto de apoio ao sujeito para que os seus discursos repousem sobre um fundamento. Sem o Outro, o ser-si-mesmo fica em dificuldade. Não sabe mais, por assim dizer, a que santo voltar-se; e também o estar-juntos fica em perigo, pois só uma referência comum a um mesmo Outro consente aos diferentes indivíduos pertencerem à mesma comunidade. O Outro é a instância através da qual se estabelece para o sujeito uma anterioridade fundadora, a partir da qual se torna possível uma ordem temporal. É também um ‘lá’, exterioridade graças à qual pode fundar-se o ‘aqui’, a interioridade. Por outras palavras, para que eu esteja aqui, é necessário que o Outro esteja lá.” DUFOUR, *Os extravios do indivíduo-sujeito*.

outro, secundário nessa dependência hierárquica, não existe fora do primeiro, mas dentro dele, como imagem velada, como sua inversão negativa”³⁶⁴.

Isso parece explicar o estranhamento causado por Veríssimo ao desfilar pelas ruas com sua extravagante vestimenta. Diante da norma, representada pelas convenções, ele reafirma a imagem do outro, talvez um louco, indigente ou bárbaro, uma vez que “bárbaro é o outro, já que nós, nós somos civilizados, e o outro não se parece conosco”³⁶⁵.

A definição dos binarismos permite a constituição da alteridade, cuja função básica é definir o território em sua localidade e temporalidade, fazendo proibir formas híbridas de identidades, de troca. A permanência do outro no meio social, mesmo que oferecendo determinados riscos, permite visibilidade às instituições, às leis, às convenções³⁶⁶.

3.5 Duas histórias, dois destinos

Na via desse entendimento, há uma ilustração em *Bandeirantes e pioneiros* na qual Moog menciona dois comportamentos distintos do homem branco em relacionamentos com índias nos Estados Unidos e no Brasil, cujo desfecho expressa a diferença entre a formação brasileira e norte-americana em relação à aproximação e distanciamento de conceitos da modernidade.

No primeiro relato, o ensaísta assinala as aventuras de Diogo Álvares, que, após ter naufragado em costas brasileiras em 1510, acabou sendo resgatado e salvo pela índia Paraguaçu, que o transformou em seu prisioneiro. À medida que o tempo transcorria, Diogo foi conquistando a confiança e o amor de Paraguaçu, de modo que lhe foi permitido utilizar seu mosquete e pólvora na arte de capturar caças em tiros certos. Em virtude da fama adquirida, Diogo Álvares foi transformado de prisioneiro em herói, e Paraguaçu se faz sua

³⁶⁴ DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 123.

³⁶⁵ TODOROV, 1993, p. 56.

³⁶⁶ Segundo os autores: “A alteridade do outro permanece como reabsorvida em nossa identidade e a reforça ainda mais; torna-a, se possível, mais arrogante, mais segura e mais satisfeita de si mesma; a partir deste ponto de vista, o louco confirma nossa razão; a criança, nossa maturidade; o selvagem, nossa civilização; o marginalizado, nossa integração; o estrangeiro, nosso país, o deficiente, nossa normalidade.” Citado por DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 119-138 (p. 124).

companheira inseparável. Anos depois, o herói resolveu rever sua família na Europa e levou consigo a índia brasileira, onde foi batizada na religião católica e recebeu nome cristão. De volta ao Brasil, o casal se estabeleceu em vida patriarcal para longa e duradoura existência, diz Moog³⁶⁷.

A segunda aventura narrada pelo autor menciona o romance ocorrido no limiar da história norte-americana envolvendo o capitão John Smith e a índia Pocahontas. Em caso semelhante, Moog diz que, após cair prisioneiro de mãos indígenas em território americano, John Smith acabou tendo sua vida salva pela ação decisiva da índia que se interpôs a tudo e todos para conquistar a confiança e o amor do homem branco. Todavia, Smith e Pocahontas não se casam. A relação é interrompida em razão do retorno do ex-prisioneiro à Europa, diz Moog.

O autor nomeia outra diferença no desenrolar das duas histórias: Diogo e Paraguaçu não sofrem grande oposição em sua relação, ao passo que a relação de Smith e Pocahontas é recalcada à condição de mito e mantida no ostracismo, uma vez que a potencialização desse encontro poderia fragilizar aspectos basilares da formação norte-americana, como a atitude racial. Moog ainda acrescenta³⁶⁸:

Casamento de branco com índia, mestiça ou nativa como tal chegou a ser recomendado pela legislação portuguesa para o Brasil? Que horror! Hollywood e a Broadway que o digam. No fim das histórias exóticas para o êxito de bilheterias, ou a nativa se sacrifica jogando-se à cratera de um vulcão, ou o branco não se dá conta da paixão que desencadeou, como é o saco em *Madame Butterfly*. Casar o branco com a índia, deixando de seguir à risca o modelo legado por John Smith é que não pode ser, nem mesmo em ficção, que todos bem avaliam o que seja nos Estados Unidos afrontar a forma estabelecida pela comunidade.

O olhar do ensaísta em torno dessas ilustrações expõe as diferenças entre as duas formações culturais pela via da miscigenação ou sua negação. Nesse caso, a paixão de Pocahontas pelo capitão Smith é vista com naturalidade, pois deriva unicamente de uma reação romântica; logo, não configura uma tentativa de corromper a isenção do cruzamento étnico. Natural também lhes parece a dedicação e cuidado dispensado pela índia ao forasteiro americano, haja vista que tal atitude bem identifica um espírito racista. Não há nada de

³⁶⁷ MOOG, 1969, p. 76.

³⁶⁸ *Ibid.*, p. 78 e 79.

estranho em desejar favores e serviços da nativa; todavia, casar-se com ela e esperar disto uma união isenta de resistência era intolerável que ocorresse, salienta Moog. A desaprovação do norte-americano ao cruzamento de sua gente com os povos nativos da América ou com escravos africanos é condicionada pela convicção de que índios e negros descendem de povos condenados, cuja proteção e salvação deve ser delegada à fé religiosa. A divina providência se encarregaria de salvar os selvagens, sobretudo extirpá-los das terras destinadas aos cultivadores norte-americanos, assegura o autor³⁶⁹.

No olhar de Vianna Moog, a relação de Smith com Pocahontas localiza a identidade dita normal do norte-americano na medida em que se serve da alteridade de Pocahontas, pois visualizar a nativa como selvagem permite reforçar a condição de civilizado ao capitão Smith. Por outro lado, a interpretação acerca de Álvares e Paraguaçu visualiza o inverso, uma vez que a constituição da civilização brasileira em níveis de homogeneidade, cujo sentimento de família, ainda que submetida ao “ressentimento contido da mulher – mãe ou madrasta – e dos descabros do bandeirante, se arrolam pelo entendimento social em favor do humanístico contra o animalístico do predatório e do racismo”³⁷⁰.

Moog vai mais longe e assegura que a relativa ausência de preconceitos por parte do lusitano ao estabelecer uniões estáveis ou aventureiras pode ser medida na própria ausência, em linhas gerais, do casamento legal – de altar e igreja – nos primeiros tempos da formação brasileira.

A ilustração dos dois encontros mostrados por Vianna Moog sinaliza para a visualização dos dois brasis de Érico Veríssimo: o que se faz na positividade da tradição ibérica; o outro marcado pela negatividade do atraso e déficit em modernização.

Neste sentido, a disposição do casal Diogo e Paraguaçu de se unirem para o todo de suas vidas se alinha ao Brasil que se reconhece pela negação do racismo ou de quaisquer formas de sectarismo – pela face positiva. No dizer de Veríssimo, “reconheço que devemos aos portugueses um punhado de apreciáveis qualidades humanas – uma alma lírica, uma inclinação romântica, um certo espírito de tolerância e uma falta quase completa de preconceito de cor”³⁷¹.

³⁶⁹ MOOG, 1969, p. 79 e 80.

³⁷⁰ Ibid., p. 130.

³⁷¹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 497.

Vianna Moog também se vale do jogo de alteridade para mostrar a aceitação do Brasil por si mesmo. Em *Um rio imita o Reno*³⁷², Moog evidencia no personagem central do livro – Geraldo – o sentimento do cidadão Vianna Moog. O engenheiro Geraldo, que veio para Blumenau atravessando o Brasil e deixando sua Amazônia para trás, perfaz a linha de relações que Moog tinha construído com o norte do país, por ocasião em que lá residiu. Ao narrar sua viagem do Sul para o Norte, portanto, em sentido inverso de Geraldo, o autor induz o leitor a uma percepção relativizadora ao discutir a diversidade cultural brasileira por meio do que ele define por “arquipélago cultural, fragmentado em ilhas de subculturas autônomas e diferenciadas”³⁷³.

A circunstância relativizadora proposta por Moog ganha relevo na medida em que analisa a cultura amazônica estando inserida nela e permite o deslocamento do seu olhar alinhado com o do caboclo para a compreensão do Sul. Tem-se, portanto, o fechamento da abordagem antropológica de Vianna Moog: a relativização é marcada pelo encontro com o norte, e a alteridade é o reconhecimento de si perante a análise do amazonense.

Essa discussão presente no romance pode ser notada também nas perturbações de Geraldo em função do estranhamento a que foi submetido no Sul do Brasil. Não é menos correto afirmar que tais perturbações foram fortes em Vianna Moog quando esteve na Amazônia. Diante disso, parece visível no olhar de Moog o conhecimento de si, mediante o referencial presente no outro.

Um dos Brasis refletido por Érico Veríssimo também se faz presente na união do português Diogo Álvares com a índia brasileira Paraguaçu, pois há nessa união a possibilidade da tolerância, como sugerida por Veríssimo, embora haja, da mesma forma, a carência de um sentimento de responsabilidade social. Falta ao brasileiro uma fé no futuro, a mesma fé que vigora com abundância no anglo-americano³⁷⁴.

Esse Brasil em déficit de modernização é o que avaliza o lamento do romancista, de modo que ao se manter distante do pensamento moderno com seus conceitos e convenções, o país assume um estágio de inferioridade na comparação hierárquica com os Estados Unidos. Segundo Veríssimo, “nós temos um senso de destino, mas deixamo-nos levar por um

³⁷² Ver MOOG, 1973.

³⁷³ Id., 1969, p. 159.

³⁷⁴ VERÍSSIMO, op. cit., p. 497.

fatalismo que com relação às coisas imediatas pode ser pessimista, ao passo que com respeito a um futuro vago não deixa de ser otimista”³⁷⁵.

3.6 Seriam tristes o brasileiro e o norte-americano?

Na obra *Gato preto em campo de neve*, Érico Veríssimo descreve seu sentimento de frustração em relação às promessas não cumpridas pelos tempos de progresso, como se quisesse dizer que “o mundo era um mistério e uma promessa. Grandes tempos!”³⁷⁶

O autor menciona a falência dos sonhos, das falas enunciadas pelos pensamentos. A liberdade de pensar e sonhar foi compelida em nome dos ideais de modernização, levada a efeito pelo homem de ciências. A construção imagética é sobreposta pela sabedoria e a eficiência. Veríssimo exalta a infeliz contribuição do homem nesse arranjo:

Vocês homens chamados adultos tudo fazem para matar nossos melhores sonhos. De tão práticos tornaram-se amargos e ásperos. Assumem ares graves de sabedoria e eficiência. Julgam-se o sal da terra e vivem a falar em nome da experiência, da idade e não sei mais de quê...Mas no fim de contas a única coisa que fazem é matar a poesia, tornando a terra estéril de beleza e bondade. Ora...Vão para os diabos. [...] A terra está transformada num inferno inabitável. A vossa decantada sabedoria, o vosso endeusado progresso e as vossas orgulhosas máquinas criaram apenas isso... que é que vamos fazer? É o destino, a história com H maiúsculo. Ninguém tem culpa.³⁷⁷

O autor refere suas idéias a partir de um cenário de viagem marítima, cujo navio parece deslocar-se do Brasil para os Estados Unidos.

[...] sempre desejei esta viagem, este feriado. Poder entrar por alguns dias na vida fútil e superficial dum navio... Não pensar na hora escura que a humanidade está vivendo...Fugir de um mundo em que há miséria, sofrimento, ódio, carnes e almas dilaceradas...Não procurar a razão das coisas nem querer penetrar na alma das outras criaturas e muito menos na minha própria...Esquecer que existe um amanhã, e que cada partir pressupõe um chegar...Achar, por exemplo, que este oceano não é túmulo de cadáveres

³⁷⁵ VERÍSSIMO, 1998a, p. 497.

³⁷⁶ Id., 1998b, p.18-21.

³⁷⁷ Ibid., p. 18-21.

carcomidos nem esconderijo de submarinos traiçoeiros, mas sim o grande oceano de aventura, dos jogos de luz, das ilhas encantadas, dos iates de recreio...Poder ser por alguns dias quase como aquela bola vermelha que as mãos versáteis de duas raparigas jogam na piscina, duma para outra – leve, matinal, rútila e sem consciência.³⁷⁸

Sem mencionar a relação comparativa Brasil e Estados Unidos, Érico Veríssimo manifesta seu desencanto em relação ao pensamento moderno. A lógica de progresso, cujas conseqüências estão transformando a terra num inferno inabitável. Ao mesmo tempo, “a vossa decantada sabedoria, o vosso endeusado progresso” julgou desprezível a criação lúdica do homem ocidental.

A existência da tristeza e alegria parece comum na formação de qualquer povo ou dentro de cada pessoa. De outra forma, talvez possa ser dito que uma não serve de exclusão a outra, uma vez que a alegria e a tristeza existem em dimensão planetária. A variável nessa leitura reside na forma de manifestação e formação da alegria e da tristeza, sua localização no tempo e no espaço de determinada pessoa ou sociedade. Nesse caso, a ótica acerca da alegria ou tristeza brasileira e norte-americana corresponde à formação histórica de suas sociedades, notadamente em seus avanços e recuos em relação aos conceitos da modernidade e da tradição.

Nesse sentido, a expressão angustiada de Veríssimo diante dos ideais progressistas, nomeadamente aqueles que visualiza nos Estados Unidos, em detrimento da possibilidade artística, sinaliza para a exaltação da tristeza que se apodera dele. Se Veríssimo se deixa conduzir pela angústia e tristeza face à ausência de uma consciência poética entre os anglo-americanos, localiza, em certo sentido, a convicção de que as linhas mestras da formação cultural norte-americana, como a negação da miscigenação étnica, o olhar fixado para a geração de riquezas, a lógica do trabalho orgânico, não se fazem suficientes para recalcar “a hora escura que a humanidade está vivendo” ou mesmo para “fugir de um mundo em que há miséria, sofrimento, ódio, carnes e almas dilaceradas”³⁷⁹.

A superação ou negação da tristeza, no entanto, ocorre no interior da sociedade brasileira, assegura Vianna Moog. Em seu olhar, somente um enfoque de causa e efeito pode afirmar que o brasileiro se faz triste em razão de sua descendência entre negros, índios e

³⁷⁸ Ibid., p. 18-21.

³⁷⁹ VERÍSSIMO, 1998b, p.18-21.

portugueses em solo da América³⁸⁰. Em termos de história, a tristeza do brasileiro não encontra amparo, uma vez que não há prova da tristeza do índio e mesmo do negro, ressalta Moog. O mais correto, diz o ensaísta, é ajustar o brasileiro à condição de vitimizado, embora não isento de responsabilidades, das circunstâncias em que se deu a formação e miscigenação da sociedade.

Se Veríssimo expressa uma certa tristeza pela formação norte-americana, tal não ocorre no Brasil. Segundo Moog, no Brasil vigora o caráter descontraído, sadio e moralmente alegre do índio, pelo menos no século XVI. Para o autor, além do índio, ninguém foi tão hábil em conservar o segredo do riso e da alegria interior na América quanto o negro. O mais importante, segundo o autor, é reconhecer que o negro brasileiro tinha todas as razões para crescer em sua consciência e caráter tomado pela sensação de injustiça ou mesmo de ressentimento em virtude da escravatura. No entanto, é justamente o que não ocorre, pois no espírito do mestiço brasileiro não vigora a melancolia, ao contrário, o que se afirma é a expressão graciosa.

Não havendo prova da tristeza congênita no negro, no índio e tampouco no português, Moog ressalta que, depois do século XVI – a fase idílica dos primeiros encontros entre o nativo e o homem branco recém-chegado da Europa –, restaria ao índio toda sorte de calamidades e destruição que lhe seriam impostas nos séculos seguintes pelo colonizador. Em decorrência disso, a probabilidade do nativo submeter-se à violência da escravidão ou evitá-la por meio de fugas e combates contra o invasor faria dele um fragilizado cuja possibilidade de contágios – culturais ou fisiológicos – colocava em risco sua possibilidade de resistência e faria dele um entristecido, diz o ensaísta³⁸¹.

Em relação ao português migrado para o Brasil, Moog o identifica como tomado por determinado sentimento de tristeza, haja vista suas mudanças psicológicas. Assim, o português desembarcado no Brasil não é o mesmo da época anterior às descobertas marítimas. Segundo o autor, o envolvimento lusitano com as riquezas asiáticas residiria na origem da opulência, da desordem sexual, do abandono das formas de trabalho orgânico. Projetado para o além-mar, carregava consigo a consciência do pecado, do remorso, do complexo de culpa, face ao passado de conflitos contra a invasão dos mouros ou em função dos contatos com as

³⁸⁰ MOOG, 1969, p. 82.

³⁸¹ Ibid., p. 83.

Índias Orientais. Diante disso, não é demais assegurar que esse imigrante preserva em si traços de tristeza³⁸².

Redimir-se dessa tristeza seria seu ofício ao chegar ao Brasil, uma vez que parecia seguro de não rever antigos erros e fracassos encravados em seu conflito psicológico³⁸³. Entretanto, tais celebrações em favor da devoção ao catolicismo e a Deus iriam fragmentar-se na medida em que transcorriam os primeiros tempos da chegada. Com isso, a colônia, que antes acenava como uma espécie de salvo-conduto para sua consciência perturbada pelos remorsos do passado em solo europeu, “só faria agravar as transformações desastrosas dos lusitanos, a ponto de aprofundar seus pesadelos. Até mesmo os padres acabariam por amancebados com mulatas, nativas, caboclas, daí a decorrência da tristeza brasileira”³⁸⁴.

Para Moog, em vez da reconciliação com sua consciência, o invasor se deixa envolver pelas delícias do inusitado, do ilícito, como fez na ocasião em que misturou areia no açúcar provocando a elevação do peso do produto exportado. Assim também agiu provocando a elevação da pobreza na colônia, na geração de filhos sem pai e sem mãe, na aventura do apresamento de nativas, mulatas e caboclas para o coito, de homens para o escravismo, da exploração irracional de minas³⁸⁵.

Se o imigrante português sucumbe à tentação da carne e flexibiliza a miscigenação da sociedade brasileira, não a isenta, contudo, de uma expressão divergente – negativa – como faz também Paulo Prado na obra *Retrato do Brasil*³⁸⁶. Por meio desse ensaio publicado em 1928, Prado visualiza o caráter nacional brasileiro imerso na tristeza. Ao compreender o Brasil de maneira pessimista, o autor antecipa o pensamento de Moog, o qual fala dos dramas de consciência dos portugueses desembarcados na costa brasileira. Tais dramas, no dizer de Prado, são antiprogressistas, uma vez que marcado pela preguiça, pela apatia, pela tristeza³⁸⁷. Vale ressaltar que a reflexão de Prado em relação à tristeza brasileira coincide com o período marcado pelas novas análises acerca da formação cultural brasileira, somado às conturbações da República Velha em seus últimos anos.

³⁸² MOOG, 1969, p. 84.

³⁸³ TOCQUEVILLE, 1987, p. 224.

³⁸⁴ MOOG, op. cit., p. 86.

³⁸⁵ Ibid., p. 85 e 87.

³⁸⁶ Ver PRADO, 1997.

³⁸⁷ PRADO, 1997, p. 133.

O sentido hierárquico que Veríssimo parece visualizar na formação brasileira ao compara-la com a sociedade norte-americana, já era anunciada pelo autor de *Retrato do Brasil*. Paulo Prado assegura que a gente migrada para a América do Norte levou consigo o princípio formador de liberdade e rebeldia contra a mãe-pátria, que, somado à vontade de poder expressada no pioneiro, fariam dele homem de ação e próspero dono de pequenas fazendas. Para isso concorreu favoravelmente um claro sentido de formação unitária em seu espírito social, diz Prado³⁸⁸. Por outro lado, na ponta inferior dessa relação, o autor salienta a desventura do empreendimento colonizador português no Brasil – o centro gerador da tristeza brasileira³⁸⁹:

A nação portuguesa, corrompida pelo luxo e pela desmoralização dos costumes, perdia, pouco a pouco, a sua primitiva validade. Os governos, despóticos e incapazes, só conservavam a antiga energia para sustentar a inquisição. [...] a história do Brasil é o desenvolvimento desordenado dessas obsessões subjugando o espírito e o corpo de suas vítimas. Para o erotismo exagerado contribuíram como cúmplices – já dissemos – três fatores: o clima, a terra, a mulher indígena ou a escrava africana. Na terra virgem tudo incitava ao culto do vício sexual. [...] Desses excessos de vida sensual ficaram traços indeléveis no caráter brasileiro. [...] Na luta entre esses apetites – sem outro ideal, nem religioso, nem estético, sem nenhuma preocupação política, intelectual ou artística – criava-se pelo decurso dos séculos uma raça triste.

É na formação da sociedade brasileira por meio da miscigenação entre lusitanos, nativos e africanos que Sérgio Buarque de Holanda³⁹⁰ depara não com a tristeza, mas com a harmonia expressa pela cordialidade do homem brasileiro. Segundo Buarque, uma das maiores contribuições do brasileiro para a civilização reside nos gestos de tratamento e receptividade do caráter brasileiro em seus padrões de convívio, sobretudo na edificação da trama social. Haja vista que o homem cordial se reconhece pela supremacia dos laços em sociedade, da relação familiar ou de amizade, em detrimento da efetivação do indivíduo:

No homem cordial, a vida em sociedade e, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros que no brasileiro – como bom americano – tende a ser a que

³⁸⁸ Ibid., p. 133.

³⁸⁹ Ibid., p. 137-140.

³⁹⁰ HOLANDA, 1992, p. 107-109.

mais importa. Ela é antes um viver nos outros. Foi a esse tipo humano que se dirigiu Nietzsche, quando disse: “Vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativoiro”.³⁹¹

Sérgio Buarque Holanda reconhece no homem cordial, por extensão, a inconformidade de seu caráter com os interesses do Estado burocrático, cuja formação exige-lhe capacidade técnica própria e ajustamento racionalizado, conforme sucede com a supremacia do indivíduo, frente ao social³⁹².

O homem cordial de Sérgio Buarque Holanda somado à tristeza brasileira de Paulo Prado e Vianna Moog convergem no sentido da “falta”. Enquanto Moog e Prado indicam o português imerso em remorsos vinculados à tradição, logo em déficit – na falta de uma projeção psicológica moderna, Sérgio Buarque visualiza ausência de uma razão moderna, a “falta”.

Seja o brasileiro triste ou alegre em sua cordialidade, por certo, falta-lhe um espírito racional – uma formação alinhada com os valores da modernidade norte-americana ou mesmo européia. Segundo Buarque, “falta a tudo a ordenação impessoal que caracteriza a vida no Estado burocrático”³⁹³.

Em relação à argumentação de Vianna Moog, convém salientar que o autor publicou sua obra *Bandeirantes e pioneiros* numa época marcada pelo sentimento de frustração ou mesmo de tristeza da sociedade, em virtude de acontecimentos como a derrota da seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 e a morte do presidente Getúlio Vargas, quatro anos depois. Neste caso, a construção intelectual de Moog enfocada na formação cultural brasileira estaria sob os reflexos de seu tempo presente, tempo de frustrações, diz Lúcia Lippi de Oliveira³⁹⁴.

Em sentido diverso se encaminha o pensamento de Gilberto Freyre, cuja análise reverencia a alegria do brasileiro mestiço em oposição à afirmação de Paulo Prado e Moog acerca da tristeza. Freyre fala da alegria transparente na simpatia brasileira. Mesmo parecendo feio, o homem brasileiro, nomeadamente o mulato, se caracteriza pela feição simpática, pelo riso estampado, pela delicadeza de quem oferece ao estranho seus favores com a mesma presteza como se fosse uma xícara de café, a casa, um prato de comida. Salienta o autor que

³⁹¹ Ibid., p. 107-109.

³⁹² Ibid., p. 107-109.

³⁹³ Ibid., p. 106.

³⁹⁴ OLIVEIRA, 2000, p. 104.

os traços psicológicos localizados na formação do mulato derivam de sua passividade forjada no decorrer de séculos de escravidão³⁹⁵.

Na mesma época em que o português submergia na tristeza em vista de seus dramas de consciência e remorsos, conforme dizer de Paulo Prado e Moog, o mulato brasileiro temperava sua plasticidade facial num misto de riso abundante e extroversão africana, ainda que o peso do chicote lhe pisasse o corpo, e as condições sociais o aproximassem dos níveis mais desumanos, diz Freyre³⁹⁶. “Alegria é contágio. E a nossa alegria mestiça e informal espalha-se irresistivelmente por conta do gregarismo brasileiro. Incorrigivelmente gregários, inventamos todos os pretextos do mundo para propiciar a sua manifestação.”³⁹⁷ Nessa ordem de análise, Veríssimo fala do “gostoso costume das gentes das cidades sul-americanas: passear ao redor das praças principalmente nos dias de retreta. Na vida de café, onde pessoas que nunca têm pressa, ficam em torno duma mesa discutindo política, mulher, futebol.”³⁹⁸ Por esse enfoque, Érico Veríssimo transita por um de seus brasis, aquele que se forma na valorização da tradição, que é dotado de um sentimento de solidariedade e sentimento de humanismo, por decorrência, mais acessível ao vigor da alegria, de passear e conversar em volta de passeios públicos, segundo afirma.

O reconhecimento da alegria associada ao mulato brasileiro, como destaca Gilberto Freyre, atendia ao propósito da geração de 1930, uma vez que formula um novo projeto identitário para o Brasil. Conforme diz Sandra Pesavento³⁹⁹, a positividade do mestiço brasileiro, cuja alegria e beleza corporal se projetam como referencial, permitiu a coesão social e o repensar de um novo sentido para a formação brasileira – a que se afirma pelo otimismo⁴⁰⁰. Freyre remete o estudo ao passado colonial e imperial brasileiro de forma a projetar um caráter positivo no presente, distinto do pensamento em vigor até à véspera, cuja

³⁹⁵ FREYRE, 2002, p. 673.

³⁹⁶ Ibid., p. 673.

³⁹⁷ RISÉRIO, Cor, som e sexo.

³⁹⁸ VERÍSSIMO, 1998a, p. 180.

³⁹⁹ PESAVENTO, 2004, p. 179.

⁴⁰⁰ Esse novo propósito de pensar o Brasil incluía a valorização do folclore brasileiro, cujas primeiras pesquisas nesse sentido remontam ao final do século XIX. Segundo Maria Laura Viveiros, “Entre os pioneiros desse interesse estão Sílvio Romero (1851-1914), Amadeu Amaral (1875-1929) e Mário de Andrade (1893-1945). Sílvio Romero empreendeu importantes coletas de literatura oral; Amadeu Amaral empenhou-se pela atuação política em prol do folclore, visto como depositário da essência do ‘ser nacional’; Mário de Andrade procurou compreender o folclore em estreito diálogo com as ciências humanas e sociais então nascentes no país. Para ele, o folclore, expressão da nossa brasilidade, era decisivo no ideal de uma ‘cultura nacional’, permitindo ao país a construção de uma identidade diferenciada no contexto mundial. [...] Uma ampla movimentação em torno do folclore iniciou-se na década de 1950, reunindo nomes como Cecília Meireles, Câmara Cascudo, Gilberto Freire, Artur Ramos, Manuel Diegues Júnior, Renato Almeida entre tantos outros.” CASTRO, Superproduções populares.

afirmação da miscigenação brasileira reproduzia a perspectiva do atraso, da demência e da tristeza. Ao analisar Freyre, Sandra Pesavento diz que “negritude, mestiçagem, lusitanismo, constituem o tripé sobre o qual se apoiou o autor para ressignificar a alma da nação, [...] para os brasileiros e para o exterior”⁴⁰¹.

A manifestação de desagrado de Érico Veríssimo em relação às sociedades movidas pelos conceitos da modernidade, como a praticidade, o endeusamento do progresso e o orgulho pela máquina, em detrimento de um sentido mais humanizado, poético e artístico, caso dos Estados Unidos, permite-lhe assegurar a tristeza dessa sociedade. Ao passo que o Brasil, ao contrário, se mostra movido pela alegria, pela negação da tristeza, contudo, incapaz de absorver princípios de modernidade e progresso, uma vez que traz em sua base cultural a tradição ibérica. Tal incapacidade Érico Veríssimo demonstra, por exemplo, ao aludir às afirmações de Jesualdo e do velho Anélio, no conflito de seus demônios internos, de modo que não raras vezes o brasileiro se mostra um “vadio” ou condenado ao atraso, garantindo que “não tem jeito”, como se dissesse que os níveis de modernização e desenvolvimento fossem inatingíveis pela sociedade brasileira.

3.7. O simbolismo de Lincoln e Aleijadinho entre brasileiros e norte-americanos

Em suas obras comparativas, Vianna Moog e Érico Veríssimo centralizam dois personagens históricos do Brasil e Estados Unidos, Abraão Lincoln (presidente dos Estados Unidos durante a Guerra Civil) e Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa, escultor brasileiro do século XVIII) para discutir a formação cultural dos dois países. A presente análise tentará seguir a projeção desses personagens na comparação entre ambos, ou na aproximação direta ou inversa de suas imagens com a sociedade brasileira e norte-americana. Moog e Veríssimo se utilizam desses heróis para discutir questões como idealismo, ócio, apego às artes e sentimento mais humanizado que se contrapõe ao materialismo, racionalidade e ética para o trabalho, dentre outros.

⁴⁰¹ PESAVENTO, op. cit., p. 179.

Reverendo suas memórias de quando esteve nos Estados Unidos, no período de 1941 a 1945, Érico Veríssimo analisa a formação de Abraão Lincoln como parte da história norte-americana, especialmente, no que diz respeito ao expansionismo daquele país para o Oeste. Veríssimo visualiza a formação dos Estados Unidos em três segmentos: a expansão do pioneiro para o Oeste do país; o espaço político e econômico da aristocracia agrícola e escravista no Sul; e o desenvolvimento industrial e capitalista do ianque na costa atlântica dos Estados Unidos.

Embora Veríssimo falasse na formação norte-americana compartimentada em três blocos, é o avanço para o Oeste que lhe parece mais visível: “a história dos Estados Unidos é a história da conquista do Oeste.”⁴⁰² No estudo da expansão das fronteiras ocidentais, o autor encontra a explicação do caráter e da civilização americana. Isto se deve, segundo ele, à simbologia legada pelo pioneiro.

O romancista diz que o ícone dessa simbologia é Abraão Lincoln⁴⁰³. Filho de um pioneiro, nasceu e cresceu numa cabana típica da fronteira, onde aprendeu a trabalhar com o pai, cuja profissão era a de lenhador. De gosto simples e leitor da bíblia, Lincoln construiu sua imagem e sua carreira política ressaltando sua origem pobre e simples, mas, ao mesmo tempo, perseverante e consciente de suas possibilidades de superação e conquistas, como era a própria história dos Estados Unidos.

Veríssimo percebeu a compatibilidade do discurso de Lincoln com o sentido expansionista e formador de seu país. Quando candidato ao senado, mostrou-se preocupado com a união do país, diante da possibilidade de cisão do Sul e do Norte. Em função disso, ele afirmou: “Acredito que este governo não pode durar permanentemente metade escravo, metade livre. Não espero que a União seja dissolvida, não espero que a casa caia, mas espero, isto sim, que a divisão cesse. Ela terá de se tornar inteiramente uma coisa ou inteiramente outra.”⁴⁰⁴ Disto se pode constatar que a receptividade ao simbolismo de Lincoln reside, em boa parte, no sentido dessas afirmações, bem como das suas origens, nesse caso, do próprio Lincoln.

⁴⁰² VERÍSSIMO, 1998a, p. 433.

⁴⁰³ Vianna Moog salienta que “para esses americanos de extração recentes, que deram as costas à Europa e ao passado e cujas disponibilidades admirativas precisavam com urgência de novos heróis – mas de heróis que refletissem de algum modo a personalidade coletiva correspondente aos novos tempos – era necessário construir um novo símbolo e este símbolo já não podia evidentemente ser George Washington. Nem Washington, nem Jefferson, nem Hamilton, nem Madison, nem Adams, nem mesmo Jackson. Estes tinham sido originalmente ricos e aristocratas demais para não lhes serem suspeitos.” MOOG, 1968, p. 79.

⁴⁰⁴ Ibid., p. 442.

Para Veríssimo, Lincoln representa não só o jeito norte-americano de ser, mas a potencialidade de um país que se funda no expansionismo, na capacidade de manter sua integridade nacional após a Guerra de Secessão, além de conduzir o alinhamento com os propósitos de modernização e desenvolvimento apregoados pela modernidade. “Nos Estados Unidos, não resta dúvida, o importante é estar em dia com Lincoln”, salienta Moog.

Entre os brasileiros, por outro lado, a imagem reverenciada é a de Aleijadinho, provavelmente o maior escultor da arte barroca brasileira, que viveu no século XVIII em Minas Gerais. Consagrou-se pelas inúmeras peças produzidas, as quais lhe rendem admiração e atestam sua dedicação e capacidade para o trabalho, legado que o aproxima do pioneiro norte-americano, de Abraão Lincoln em sua face puritana, racional, modernizante. Ao mencionar a disposição de Aleijadinho para o trabalho orgânico, condição que o coloca na contramão da realidade brasileira, Moog e Veríssimo invocam uma problematização do trabalho, que remonta ao final do século XIX, especialmente a partir do fim do escravismo no Brasil⁴⁰⁵.

Com a intenção de salientar a imagem de Aleijadinho diante de um Brasil deficitário em sua possibilidade de trabalho orgânico, Vianna Moog o compara com artistas da Renascença européia. Enquanto os homens renascentistas encontraram condições ambientais favoráveis para o desempenho de suas criações, Aleijadinho deparou-se com inúmeros obstáculos, a começar pela deformação física, pelas circunstâncias sociais e históricas adversas da colônia brasileira, sem contar o preconceito de raça, de classe, de nacionalidade, o descaso das instituições – quase tudo lhe era adverso, diz Moog⁴⁰⁶.

Cioso da necessidade de pensar um projeto voltado a modernizar o Brasil, Moog ressalta esta preocupação presente no escultor e que poderia servir à sociedade brasileira. Aleijadinho pensa o Brasil, especialmente em suas possibilidades de desenvolvimento. Não bastaria transplantar os recursos científicos ou técnicos da Europa para o Brasil, ou manter uma cultura meramente humanística no país. A iniciativa produtiva e o trabalho deveriam empregar os recursos naturais do local, a exemplo do que fizera o norte-americano em seu país. Em suas estátuas, o artista se valeu de pedras e utensílios descobertos e colhidos no meio natural brasileiro. Em sentido contrário, Monteiro Lobato advogou a importação de cérebros

⁴⁰⁵ CHALHOUB, 2001, p. 66.

⁴⁰⁶ MOOG, 1969, p. 334.

como alternativa para pensar o Brasil, especialmente em questões como “a instrução, a riqueza, a defesa, a ordem, a lei, a polícia, a felicidade”⁴⁰⁷.

Enquanto o mazombo negava a terra brasileira em nome do encanto europeu, Antonio Francisco Lisboa olhava o Brasil por meio de seu trabalho, como fizera o anglo-americano ao dar as costas à Europa e voltar-se convictamente para a construção dos Estados Unidos na América.

Se, por um lado, os autores reconhecem a importância de Lincoln à formação cultural norte-americana e de Aleijadinho à sociedade brasileira, por outro, visualizam algumas características pessoais dos heróis que são dissonantes aos seus países de origem. Neste sentido, Vianna Moog localiza a inversão de identidades e a conseqüente aproximação de Lincoln com a formação brasileira e de Aleijadinho à cultura norte-americana. Moog nomeia alguns desses indicativos presentes em Lincoln, cujo alinhamento com a sociedade norte-americana parece frágil e que mais se parecem com o Brasil:

Lincoln é lento e repousado, como se tivesse um pacto secreto com a eternidade. Quanto ao trabalho, seu prazer reside na meditação e na produção intelectual. É um contemplativo. Lincoln é todo caridade. Não perde o sono por dinheiro. Não se impacienta em busca de trabalho, porém caminha léguas e léguas em busca de um livro. Oferece indenização aos fazendeiros do Sul pela perda dos seus escravos. Lincoln é um místico em permanente comunicação com Deus. Pensa em termos de universalidade. Lincoln não cessa de pensar no passado, em Shakespeare e Plutarco. Lincoln ama o diálogo⁴⁰⁸.

A exposição dos autores acerca da modernização impressa pela sociedade norte-americana, tendo em Lincoln sua maior expressão incentivadora, não traz em conta esse perfil descrito por Moog. Tais características do herói norte-americano lembram antes a formação cultural brasileira no arranjo dos dois brasis, no sentido proposto por Veríssimo⁴⁰⁹. Contudo, ambos os brasis decorrem da herança tradicional ibérica, cuja sinalização aparece na busca da riqueza extrativa, portanto isenta de esforço regular e empresarial; daí provém o preconceito contra o trabalho orgânico⁴¹⁰. Herança que, nesse caso, corresponde às características pessoais de Lincoln, (aquelas que são julgadas em desacerto com a formação moderna dos Estados

⁴⁰⁷ LOBATO, 1961, p. 88.

⁴⁰⁸ MOOG, 1969, p. 332.

⁴⁰⁹ VERÍSSIMO, 1998a, p. 147.

⁴¹⁰ MOOG, op. cit., p. 211.

Unidos). Deste modo, se vê refletido no ibérico, antes do norte-americano, a lentidão de Lincoln, sua tendência ao repouso e amor ao diálogo⁴¹¹. Por outro lado, Aleijadinho trabalhou de sol a sol e soube manter um espírito associativo entre seus colaboradores, como se tivesse firmado um pacto com a civilização norte-americana⁴¹².

3.8. No Brasil a cultura se faz no ócio e na arte

Em outro momento, Vianna Moog permite confrontar a formação cultural brasileira com o modelo norte-americano ao analisar a intelectualidade de Abraão Lincoln. O ensaísta se diz surpreso ao saber que Lincoln se tornou escritor com vinte e três anos e tendo como recurso intelectual nada mais do que a simples alfabetização⁴¹³. Diante disto, Moog nomeia algumas condições de que o escritor, intelectual ou artista não podem se furtar no ofício de produzir cultura.

De posse de tais condições, Moog encaminha sua investigação no sentido de compreender a chegada de Lincoln à condição de escritor em seu tempo. Segundo o autor, além de dominar a leitura e a escrita, o futuro escritor deve ter vocação, instrução, uma certa afluência econômica, disponibilidade mental e estímulos culturais⁴¹⁴.

A análise que Vianna Moog faz acerca da passagem de Lincoln, do homem simples à condição de simples escritor, passa pela mesma via que conduziu o ex-presidente ao status de herói e político símbolo da sociedade norte-americana. O enfoque neste sentido, diz Moog, descarta qualquer dedução que possa sustentar o irreal, como se a formação intelectual de Lincoln decorresse de uma ação milagrosa ou que fosse possível se concretizar em apenas um ano de estudos, mesmo sendo ele um autodidata. Em vez disto, a análise só pode reconhecer

⁴¹¹ Vianna Moog refere como a sociedade norte-americana qualificava Lincoln em razão de seu espírito dissonante: “Enquanto viveu, não houve presidente dos Estados Unidos que tivesse sido tão negado, tão criticado, tão injuriado, tão injustiçado, tão maltratado quanto Lincoln. Não o poupavam. Metade da imprensa o atacava pela lentidão em tomar decisões. A outra metade o criticava pela precipitação e inconsciência com que agia. ‘Trapaceiro’, ‘Déspota’, ‘Sanguinário’, ‘A besta do Kentucky’ ou ‘O gorila do Illinois’ eram os epítetos com que o distinguiam. Os mais comuns eram os que ressaltavam o seu atraso mental, a sua lorpa ignorância de lenhador, a sua falta de estatura intelectual e moral para o cargo.” Id., 1968, p. 75.

⁴¹² Ibid., p. 332 e 333.

⁴¹³ MOOG, 1968, p. 60.

⁴¹⁴ Ibid., p. 63.

aspectos factíveis, caso da instrução, da disponibilidade econômica, do ócio e do ambiente favorável.

Moog acaba por evocar, desta forma, sinais vitais para a formação cultural de Lincoln, os quais remetem ao reconhecimento da sociedade norte-americana, bem como à formação brasileira, na medida em que o autor trabalha na ótica comparativa.

Vianna Moog reconhece que não faltou preparação educativa e afluência econômica ao ex-presidente norte-americano. Em Lincoln convergiu o conhecimento, a vocação ou talento e a disponibilidade econômica. Estes fatores são indispensáveis na exaltação do escritor Lincoln e na promoção da cultura, diz Moog⁴¹⁵.

Diante deste olhar, portanto, não seria demais assegurar que os Estados Unidos estariam se projetando entre as nações mais bem preparadas para produzir cultura, uma vez que a vocação ao desenvolvimento, a riqueza econômica e o sistema educacional moderno são características reconhecidas em seu meio social. Todavia, falta-lhe um fator decisivo, diz Moog, que é a disponibilidade mental, a qual identifica o ócio. Segundo o autor, o ócio se caracteriza por ser “a hora do devaneio, da disponibilidade mental, a hora contemplativa em que o indivíduo aceita a si mesmo em plenitude, e através desta aceitação se sente identificado com o mundo que o cerca, eis o momento seminal das grandes criações”⁴¹⁶.

Este só existe entre uma pequena parcela da sociedade norte-americana, uma vez que a grande maioria se ocupa do trabalho produtivo, do estudo, da modernização e desenvolvimento, o que os mantém em coerência com o homem moderno. Isto não significa dizer que a ordem produtiva e o trabalho orgânico não sejam necessários à geração de cultura; significa dizer que a estes aspectos deve se somar o ócio, assegura Moog⁴¹⁷.

Em sua análise acerca da sociedade norte-americana, Veríssimo sinaliza para a ausência de um sentido ocioso naquela sociedade. “Como quase toda a gente neste mundo, os

⁴¹⁵ Segundo Vianna Moog, atualmente “sabe-se que o que cria cultura e promove cultura é a afluência, a prosperidade, o bem-estar. Os grandes séculos culturais da História Universal não foram certamente os de depressão econômica e sim os de prosperidade: o século de Péricles, o séculos de Luís XIX, a era dos Augustos em Roma, a dos Médici em Florença. E os grandes criadores nunca foram propriamente pobres ou esfomeados. [...] a objeção que me vão fazer, já sei, é que os grandes talentos do Brasil vêm da região mais pobre do país, do nordeste, da Bahia e não do Sul. Resposta: todos eles, porém, vêm de famílias prósperas, e se não prósperas desafogadas. Viram ou vêm a miséria como espectadores, nunca ou raramente como atores. E, como autores, são todos produtos ainda da prosperidade remanescente do segundo Império e o resultado exclusivo da pobreza resultante da desagregação do sistema durante a República.” MOOG, 1968, p. 64.

⁴¹⁶ Ibid., p. 65.

⁴¹⁷ Ibid., p. 65.

americanos desejam ser felizes. Procuram tornar a vida agradável, fácil, divertida e confortável. Ora, para obter conforto e divertimento, precisam de dinheiro. Para conseguir dinheiro, têm de trabalhar. [...] Tempo é dinheiro.”⁴¹⁸ Veríssimo lembra ainda que o norte-americano é um dos povos menos criativos, embora seja um dos mais inventivos. Daí seu gosto por tudo que seja científico e técnico, o que remete ao ensino universitário de base utilitária. Não há entre eles, diz o romancista, uma insistência nas teorias, no mundo da filosofia e da literatura.

Logo, tanto Moog quanto Veríssimo parecem advogar o equilíbrio entre o trabalho produtivo e a disponibilidade ociosa como condição indispensável à geração de cultura no interior de uma sociedade. Se, por parte dos Estados Unidos, isso parece pouco visível, uma vez que a produção utilitária parece dominar a preferência naquela sociedade, muito diferente não estaria ocorrendo, em face do oposto, da ausência de um sentido moderno de produção e desenvolvimento do país. Visto de outra forma, pode-se dizer que entre os norte-americanos falta o ócio, já entre os brasileiros o que sobra é o ócio. Em suma, nem um nem outro alcançou o equilíbrio.

O autor acrescenta dizendo que, no mundo moderno, até mesmo a atividade intelectual passou a ser denominada de trabalho intelectual. Por esta via, Moog remete a compreensão para a divisão entre os dias úteis e não úteis – o final de semana, dias de ócio. Para a tradição ibérica católica, o dia de final de semana, especialmente o domingo, é reservado à contemplação, a uma atitude mental, a que remete à ação religiosa em que as pessoas buscam a igreja para cultivar a relação com Deus e expressar sua reverência por ele. Isto lembra culto (daí a palavra cultura). Logo, cultura corresponde a ócio no Brasil, já que é praticada no espaço reservado à contemplação e nos dias de ócio.

Em função disto, podem-se compreender as razões que levam o brasileiro a gostar tanto de práticas associadas ao lazer e à recreação, casos da música, festas, carnaval, futebol. Sua maior projeção cultural tende a ocorrer nestas atividades vivenciadas, em geral, em finais de semana.

⁴¹⁸ VERÍSSIMO, 1998b, p. 550.

3.9. As lições e exemplos de Aleijadinho e Lincoln

A função dos heróis tomados por Veríssimo e Moog parece cumprir a tarefa de simplificar, ao mesmo tempo, a formação de uma sociedade equilibrada entre o ócio e o trabalho (Dionísio e Apolo) e o desejo dos autores de contribuir na construção desta sociedade, como bem convinha à produção intelectual dos anos 1930-40. Daí a elaboração e projeção do discurso acerca das lições dos heróis pelos autores. Neste sentido, Vianna Moog apresenta Aleijadinho em dois momentos significativos de sua vida. O primeiro momento é marcado pela devassidão, pois nascera filho de mãe escrava, enfrentou dificuldades de formação e estudos ao longo da juventude e adolescência. Seu destino não poderia ser outro, ser senão o caminho da aventura, da desvalia, do desapego aos valores éticos e morais. Antônio Francisco Lisboa era, a exemplo do mestiço brasileiro, um condenado à irregularidade da vida, pois tudo que ganhava se esgotava em noitadas, luxúria, farras, festas. O segundo momento da vida do herói ocorreu quando Antônio Lisboa desapareceu em nome do surgimento do escultor “Aleijadinho”, o criador, o artista de raro talento. O boêmio promíscuo saiu de cena no instante em que a doença tomou seu corpo por inteiro. Segundo Moog, as circunstâncias em que ocorre a afirmação da genialidade artística do herói Aleijadinho não são de gozo da vida, ao contrário, são de sofrimento, de dores físicas, de corpo retorcido⁴¹⁹. O autor ressalta de forma pormenorizada as enfermidades do artista, com a intenção, talvez, de ressaltar o heroísmo do artista, pois reconhece que a doença exerce um certo fascínio no brasileiro⁴²⁰.

Dessa forma, a mensagem do autor mostra a reverência à vida por parte de Aleijadinho na medida em que o artista transita do corpo sadio e da imoralidade para a desintegração do corpo e o enrijecimento do espírito. Aleijadinho não teria mais vida mundana, mas o desejo de trabalhar, de produzir, de gerar riquezas, de se fazer apaixonado pela vida, ainda que ela lhe esvaziasse a cada dia⁴²¹.

⁴¹⁹ MOOG, 1969, p. 136 e 137.

⁴²⁰ Moog assegura que este tema, a doença, é um dos que mais prende a atenção e a curiosidade do brasileiro, sobretudo em rodas de conversas. “Mais animado fica o debate quanto mais o paciente apareça no fundo de uma cama, debatendo-se entre a vida e a morte. [...] Quanto mais ele tiver recorrido a médicos, mais se tiver submetido a exames de laboratórios, mais velas acendido a Santo Antonio, [...] tanto melhor.” Ibid., p. 239.

⁴²¹ Ibid., p. 337.

Moog e Veríssimo interpretam a formação de Abraão Lincoln na mesma via da história de Aleijadinho. O herói norte-americano também teve sua passagem de sofrimento, igualmente na adolescência, embora não tenha padecido as enfermidades do herói brasileiro. O que parece incomum aos dois heróis é a lição da passagem da vida de sofrimento, de desvalor moral, de fraqueza ao tempo de criação, de crença nas virtudes orgânicas do homem.

O percurso seguido pelos heróis em suas vidas pessoais reproduz um pouco da história de seus países. No Brasil, é o caráter de Malazartes e as aventuras do bandeirante pelo interior da colônia que seguem a imagem desafortunada de Aleijadinho no primeiro momento de sua vida. Para Moog, trata-se de uma busca cega de riquezas rápidas, cuja expressão lembra o jogo do bicho com sua gama de simbologias numéricas entre sonhos e pesadelos, de modo que pouco ou quase nada atua na raiz da maturidade brasileira, ao passo que, nos Estados Unidos, os primeiros tempos da vida de Lincoln correspondem ao início da caminhada do pioneiro em direção ao Oeste do país. Trata-se de um período assinalado pela escassez de recursos e pelo enfrentamento direto do homem com a natureza.

O segundo momento de Aleijadinho, aquele que consagra o herói, deveria corresponder à maturidade da sociedade brasileira, o que, no entanto, acaba não ocorrendo, uma vez que as lições do herói não são reproduzidas pelo meio social. Mesmo assim, Vianna Moog relata a passagem do primeiro para o segundo momento na vida de Aleijadinho como se resultasse de uma retomada de consciência, de reformas, as mesmas reformas que o autor advoga para a formação cultural brasileira. Se o catolicismo e a tradição ibérica atuavam como obstáculos aos ideais de desenvolvimento e modernização, Aleijadinho, entretanto, mantinha-se fiel à religião católica, especialmente a São Francisco de Assis, sem que isso o impedisse de buscar novos rumos para sua vida ou desacreditasse suas idéias de prosperidade, de trabalho, de geração de riqueza. Neste sentido de reforma do espírito, Moog cita João Calvino, para quem “a reforma reabilitaria o comércio e o *turpe lucrum*, colocando-os no mesmo nível de respeitabilidade do salário do trabalhador e da renda do proprietário territorial”⁴²².

Neste sentido, os exemplos de Lincoln e Aleijadinho se completam, pois são analisados de maneira a evitar os fatores determinantes ou unilaterais de causa e efeito, como as questões econômicas, geográficas, étnicas ou biológicas; antes disso, Moog os interpreta no contexto dos acontecimentos históricos, dos fatos sociais. Daí a flexibilidade de visualizar a relação dos dois heróis e suas lições com a formação cultural de Brasil e Estados Unidos. Moog vai mais

⁴²² MOOG, 1969, p. 67.

adiante ao afirmar que tais lições são fontes de inspirações suficientes para a retificação das linhas mestras da cultura em ambas as nações.

Ao analisar a relação de Lincoln com a sociedade norte-americana, Moog diz que “ele é que detém o segredo das coisas que a ela lhe faltam”⁴²³. Ao discutir a relação “materialismo e idealismo”, Veríssimo diz que a sociedade brasileira alimenta preocupações com outras coisas que não o dinheiro e o lucro, casos da literatura e das artes, como se estivesse tomando de empréstimos algumas virtudes de Lincoln⁴²⁴. Moog ressalta que o ex-presidente não perde o sono por falta de dinheiro ou por falta de trabalho, porém, caminha léguas em busca de um livro. Por outro lado, a civilização norte-americana cultua o trabalho, de preferência o trabalho manual e material, o que corresponde à dedicação impiedosa de Aleijadinho, que realizou obras perdendo pedaços das mãos em razão de sua enfermidade⁴²⁵.

Ao atribuir algumas características de Lincoln ao Brasil e de Aleijadinho aos Estados Unidos, Veríssimo e Moog demonstram que tanto a sociedade brasileira quanto a norte-americana assumem, em muitos casos, uma postura contrária aos ensinamentos de seus próprios heróis. O desapontamento dos autores acerca dessa realidade, especialmente quanto ao Brasil, remete a uma das preocupações inerentes à geração de 1930-40, que fora o de projetar novas possibilidades de reconhecimento e desenvolvimento para o país. Ao constatar a oposição entre os rumos da sociedade brasileira nos últimos tempos e o espírito virtuoso de Aleijadinho, os autores percebem, em última análise, o desacerto do Brasil com os propósitos da modernidade. Isto parece mais claro no momento em que Moog analisa a formação cultural brasileira sob o espelho de Lincoln em sua face contemplativa e compassada, logo, mais próximo da tradição ibérica. No mesmo sentido, Veríssimo ressalta um diálogo que tivera certa ocasião nos Estados Unidos: “O que pretendo com essa história é dar aos americanos uma idéia da vida brasileira ou, antes, do Rio. Uma oportunidade para mostrar através de algumas cenas o humor carioca, a sua boemia e despreocupada filosofia da vida”⁴²⁶.

De certa forma, o não alinhamento do Brasil com as lições empreendedoras de Aleijadinho e mesmo de Lincoln, no que diz respeito aos ideais de modernização, permite compreender o dilema de Vianna Moog acerca do desenvolvimento brasileiro em níveis de

⁴²³ MOOG, 1969, p. 333.

⁴²⁴ VERÍSSIMO, 1998a, p. 474.

⁴²⁵ O americano só gosta de atividade em que o suor das mãos se imponha, pois até no seu esporte preferido, o baseball, o uso das mãos é imperioso. MOOG, op. cit., p. 148 e 333.

⁴²⁶ VERÍSSIMO, 1998b, p. 463.

“progressão aritmética” contra o desenvolvimento em “progressão geométrica” dos Estados Unidos.

Enunciar as lições e exemplos de Lincoln e Aleijadinho, como fazem Veríssimo e Moog, constitui um exercício de ligação da sociedade com indicadores de desenvolvimento, de moralidade, de virtudes intelectuais e éticas. “Falta-nos a destinação social do dinheiro? Ele [Aleijadinho] tem as mancheias.”⁴²⁷ Neste sentido, o herói brasileiro parece assumir o papel do norte-americano de modo que ratifica o pensamento moderno⁴²⁸.

Por outro lado, o desejo de fazer do trabalho a ocupação quase obsessiva e permanente demonstra que a sociedade norte-americana carece da atitude lenta e compassada de Lincoln. As conseqüências desse descompasso podem acarretar sérios riscos àquela sociedade. “Muitos americanos passam a vida correndo atrás do sucesso e duma carreira, multiplicando empresas e lucros, mas multiplicando ao mesmo tempo preocupações e problemas.”⁴²⁹

A análise comparativa de Moog e Veríssimo entre Brasil e Estados Unidos parece sugerir a existência de dois espelhos que servem de referência à sociedade brasileira: no caso do espelho que reflete a civilização norte-americana, a lente parece mais ampla e talvez mais distante da percepção; mas há também uma projeção simplificada dessa imagem que pode ser vista por meio do herói – em Aleijadinho ou Lincoln.

No decorrer de *Bandeirantes e pioneiros*, Moog constrói outras imagens que, em linhas gerais, seguem o mesmo sentido atribuído a Lincoln e Aleijadinho. É o caso do diálogo que manteve com um imigrante norte-americano remanescente do fracassado projeto da Ford instalada na Amazônia brasileira em 1928. Enquanto a grande maioria de operários e administradores voltou para os Estados Unidos logo após o encerramento das atividades do empreendimento na região, alguns trabalhadores demitidos pela empresa optaram em permanecer residindo na Amazônia.

Moog diz que seu interlocutor é um desses ex-operários que se ajustou à cultura amazônica, pois casou e constituiu família com uma cabocla da região. Adotou a produção extrativista local, ao invés do sistema produtivo regular e progressista dos Estados Unidos, de

⁴²⁷ MOOG, 1969, p. 333.

⁴²⁸ Ibid., p. 132.

⁴²⁹ VERÍSSIMO, 1998b, p. 478.

modo que parece assumir os ensinamentos de Abraão Lincoln em sua disposição para a lentidão e o repouso.

Moog ressalta, nas palavras do próprio ex-operário, a presença do sentido contemplativo de Lincoln: “Estou contente de ter ficado. Deus tem sido bom para comigo. Meus filhos são bons filhos, minhas filhas são boas filhas. Minha mulher é boa e leal. Não nos falta nada que devêssemos ter. Quantos podem dizer o mesmo?”⁴³⁰ Trata-se de uma atitude de resignação de quem, a exemplo de Lincoln, parece não estar disposto a perder o sono por dinheiro ou trabalho. Se a atitude do ex-operário, segundo o discurso de Moog, segue as lições do herói norte-americano, por outro lado, traduz a incapacidade para o trabalho, própria da tradição ibérica e de Aleijadinho na fase inicial de sua vida, quando o desejo de aventura tomava seu tempo e sua ocupação. Essa aventura se refletiu, mais uma vez, de forma negativa, segundo Moog, uma vez que se fez incompatível com o projeto Ford, um dos símbolos mais vivos de desenvolvimento norte-americano e que sucumbiu à errância do extrativismo amazônico, à não-ordem da produção, produção, bem sinalizada nestas palavras do ex-operário: “Não nos falta nada que devêssemos ter”.

Mantendo o diálogo de Vianna Moog com o ex-operário da Ford na Amazônia sob a imagem de Lincoln e Aleijadinho, é possível visualizar a face brasileira assinalada pela inferioridade, pelo déficit, conforme Veríssimo. Assim, o ex-operário se deixou contagiar pela alienação ao trabalho produtivo e sua regularidade diária ao aderir ao sistema eventual de coleta extrativa. Com isto ele nega as principais lições do herói Aleijadinho e faz refletir algumas linhas mestras da formação cultural brasileira, como a indiscriminação racial e o preconceito contra o trabalho orgânico⁴³¹.

Assim, ao analisar as imagens de Lincoln e Aleijadinho, Vianna Moog e Érico Veríssimo cumprem o desejo de tomá-los como espelhos à sociedade brasileira e norte-americana. O sentido repousado de Lincoln e a obstinação para o trabalho de Aleijadinho, “cultuando ao mesmo tempo Apolo e Dionísio”⁴³², expressam o discurso em busca da sociedade equilibrada, embora tal equilíbrio lhes pareça distante.

⁴³⁰ MOOG, 1969, p. 40.

⁴³¹ Ibid., p. 211.

⁴³² MOOG, 1969, p. 330.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez seja presunçoso tentar fechar as questões propostas nesta pesquisa, uma vez que a intenção original visa a ampliar a discussão acerca da formação cultural brasileira, segundo a ótica de Vianna Moog e Érico Veríssimo, dois intérpretes do Brasil, contemporâneos da geração de 1930-40.

A possibilidade de fechamento, enquanto “vontade de verdade”, conforme indica Nietzsche⁴³³, parece inviável, pois prevalece nos autores uma vontade criativa traduzida em seus discursos literários: “É ainda com os instrumentos da ficção que estou procurando examinar esse problema da realidade”⁴³⁴, diz Veríssimo. Ao anunciar a natureza ficcional de seu enfoque, o autor vai ao encontro do estilo ensaístico de Moog e, por extensão, da negação ao pensamento dogmático ou dos sistemas de explicação de causa e efeito da natureza e da vida. Daí a aproximação da narrativa literária em suas figuras de linguagem, composições, fábulas, poéticas, com o discurso da história daquela época. Com efeito, Veríssimo e Moog parecem antecipar o pensamento de Homi Bhabha: “O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de alteridade.”⁴³⁵

⁴³³ NIETZSCHE, 2001, p. 14 e 15.

⁴³⁴ VERÍSSIMO, 1998a, p. 434.

⁴³⁵ BHABHA, 2003, p. 33.

Por esta via é compreensível que os autores investiguem a formação cultural brasileira e tematizem a brasilidade por meio de uma lente fragmentada, caso de Veríssimo e seu olhar caleidoscópico, em que vê o Brasil em dupla face, ou formando uma colcha de retalhos. Em Moog, esta possibilidade assinala a existência de “concausas” e passado na interpretação da História, ao contrário da unilateralidade de causas como desejam as interpretações mecanicistas. “Daí porque nunca se compreenderão suficientemente os fatos sociais, as ações e as reações humanas, sem recorrer aos seus antecedentes históricos.”⁴³⁶

Dessa forma, a análise de Moog e Veríssimo parece não alcançar uma verdade determinada em relação à formação cultural brasileira. Tal verdade se mostra flexível, ora indica o Brasil inferiorizado em relação aos Estados Unidos, ora visualiza na mesma inferioridade a positividade brasileira, como se afirmasse que a tradição ibérica faz o brasileiro munido de uma sensibilidade, solidariedade e capacidade de assimilação, conforme anunciaram Érico Veríssimo e Richard Morse. Todavia, falta-lhe um espírito minimamente capaz de incorporar as instituições e valores das sociedades ocidentais modernas, a exemplo da norte-americana, contrapôs Simon Schwartzman⁴³⁷.

A discussão entre os valores da modernidade e da tradição ibérica levada a efeito por Morse e Schwartzman parece constituir a linha condutora de boa parte dos ensaístas e romancistas sociais dos anos de 1930-40, entre os quais Moog e Veríssimo. Também não lhes foi indiferente o emprego do recurso metafórico, como, aliás faz Richard Morse na obra *Espelho de Próspero*.

Com este título Morse lembra a peça *A tempestade* de William Shakespeare, cuja trama centraliza o personagem Próspero, personagem que subjuga os habitantes de uma ilha perdida como inferiores, pois lhe pareciam selvagens, incivilizados, que era o caso de Calibã. Para Morse, o estranhamento entre Próspero e Calibã simboliza o enfrentamento entre modernos e iberistas, o que faz configurar a metáfora, uma vez que Próspero assume a roupagem da moderna sociedade norte-americana.

Moog e Veríssimo reproduzem essa perspectiva em sentido oposto, pois ambos se investem de Calibã – de inferioridade – e se deslumbram diante da ostentação de Próspero (Estados Unidos). Como vimos no segundo capítulo, mais do que ir ao encontro de Próspero,

⁴³⁶ Moog diz que “onde há vida não há propriamente esgotar o conhecimento e as suas causas”. MOOG, 1969, p. 63.

⁴³⁷ Citado por OLIVEIRA, 2000, p. 61.

Calibã (Moog e Veríssimo) reconhece na formação cultural norte-americana um modelo ajustado às proposições da modernidade. Próspero se mostra alinhado com a religião protestante calvinista, com o pensamento ocidental desapegado da tradição medieval, que ressalta o trabalho orgânico e gerador de riquezas. Daí o caráter expansionista assumido pelo pioneiro norte-americano, cuja simbologia serviria de âncora ao anseio de modernização e desenvolvimento dos Estados Unidos. Disso resulta a sugestão dos autores em fazer dos Estados Unidos um espelho à sociedade brasileira, haja vista que na terra de Calibã (Brasil) é o déficit na expectativa de modernização, desenvolvimento e justiça social que se faz visível. Para Moog e Veríssimo não poderia ser diferente, em face do alinhamento da formação brasileira com a tradição cultural ibérica, sobretudo a orientação católica.

Se, por um lado, Shakespeare descreve sua trama num patamar hierárquico entre Próspero e Calibã, de modo que o segundo mais parece um bárbaro aos olhos do primeiro, no mesmo sentido, Veríssimo e Moog nomeiam, em suas metáforas do terceiro capítulo, algumas simbologias brasileiras que lembram Calibã, que é o caso de Pedro Malazartes, o mazombo, o jabuti, dentre outros. A pilhéria, o jeitinho, a malandragem, a esperteza são os principais atributos dessas simbologias quando se trata de pensar as principais questões do país. O que faz aproximar estes heróis populares de Calibã é o distanciamento que eles mantêm em relação aos valores da modernidade de Próspero. Em vez do trabalho orgânico gerador de riquezas e tributário dos valores éticos e morais, ou do ajustamento psicológico, como sugeriam os ensinamentos de Aleijadinho, a sociedade brasileira parece optar pelo caráter oportunista e sorrateiro de Malazartes e de jabuti, afirmam os autores. Todavia, é neste instante que Veríssimo, especialmente este, revela o reconhecimento da cultura brasileira ao se familiarizar com a cultura norte-americana: “Jamais se está tão consciente de sua cultura quanto no estrangeiro.”⁴³⁸

Assim, Calibã celebra as virtudes da tradição ibérica, como a miscigenação, o amor ao ócio, o desamor ao utilitarismo, a bondade essencial, o horror à violência. Há no brasileiro, ainda, uma disposição à informalidade, ao não convencional, ao improvisado.

Isso talvez permita compreender melhor a reação de Érico Veríssimo diante do universo de normas e convenções em que a sociedade norte-americana se mostra investida. Se o norte-americano (Próspero) se ajusta à modernidade por meio da consciência normatizadora, não é difícil imaginar seu desapontamento frente ao que lhe parece inusitado, anormal, a exemplo

⁴³⁸ TODOROV, 1993, p. 88.

do cardápio à base de carne humana, solicitado por Veríssimo ao garçom do trem. Tal desapontamento também foi causado no episódio do passeio de Veríssimo com vestimentas extravagantes pelas ruas de Nova York.

Dessa forma, reconhecer a brasilidade como desejavam Moog e Veríssimo no decorrer das décadas posteriores à Semana de Arte Moderna e ao centenário de independência do país, talvez corresponda a uma verdade situada entre o moderno e tradição, no “entre-lugar”⁴³⁹. Neste espaço intermediário, prevalece a cultura brasileira com sua tradição ibérica, negadora da modernidade, todavia farta em sua bondade essencial, diz Veríssimo. Para Moog, o entre-lugar comporta ainda uma certa evolução do iberismo em direção ao pensamento moderno, caso de uma nova ética do trabalho trazida ao Brasil pela imigração alemã e italiana. Acrescente-se a isto o maior reconhecimento do Brasil no cenário internacional em razão de sua produção intelectual e artística das primeiras décadas do século XX, que era uma produção inovadora, uma vez que acolhia o Brasil em suas cores, jeitos, em seu “mulatismo”, em que a afirmação do indivíduo ocorre em paralelo às relações sociais de intimidade e compadrio.

Assim, o “entre-lugar”, em certo sentido, assemelha-se ao olhar “caleidoscópico” ou da “colcha de retalhos” de Veríssimo. Este cerca a verdade a respeito da brasilidade, sem no entanto defini-la, como quisesse dizer que Calibã se mostra seduzido, ao mesmo tempo, pelas virtudes que herdara da tradição ibérica e pela modernidade de Próspero, o que acaba caracterizando uma certa conformidade, como na peça *A tempestade*, cuja trama final revela a conciliação e aceitação entre os diferentes, o rei Próspero e Calibã.

⁴³⁹ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 2003, p. 20.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.
<http://www.academia.org.br/imortais/frame4.htm>. Acessado em: 28 ago. 2005.
- ALMEIDA, Paulo Roberto. Os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 31-61, 2001.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ARGUELLO, Katie. “O mundo perfeito: nem possível, nem desejável”. In: SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o protestante*. Brasília, DF: UNB, 1999. p. 137 – 170.
- ATHAYDE, Tristão. “Érico Veríssimo e o antimachismo”, (1972). In: BORDINI, Maria da G. (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 79 – 98.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. “Saltando os círculos de giz: as personagens femininas e a dinâmica de gênero em romances de Érico Veríssimo”. In: BORDINI, Maria da G. (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 301 – 334.
- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____ . *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: L&P/EDIPUCRS, 1995.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio. “Érico Veríssimo de 1930 a 1970”. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 65 – 78.
- _____ . *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Superstição no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros de. Superproduções populares. <http://www.minc.gov.br/textos/olhar/superproducoes.htm>.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, bar e botequim*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2001.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- _____ . O narrador como testemunha da História. In: BORDINI, Maria da G. (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 227 – 242.
- COUTO, José Geraldo. Uma “ética da revolta”. *Folha de S. Paulo*, 13 dez. 1998. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/jgcouto.html#etica>. Acessado em: 26 ago. 2005.
- DADOS bibliográficos de Érico Veríssimo. Disponível em: <http://www.nilc.icmsc.sc.usp.br/literatura/ericoverissimo.htm>. Acessado em: 5 set. 2005.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os extravios do indivíduo-sujeito*. Texto traduzido por Selvino José Assmann da Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Filosofia. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/dufour.htm>. Acessado em: 4 jun. 2005.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DUSCHATZKY, Sílvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-138.
- FENTRES; WICKHAM. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992. p. 07-58.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 12. ed. Brasília: UNB, 1963.
- _____ . Vianna Moog, ensaísta literário e sociológico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 abr. 1955. http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos/imprensa/vianna_moog.htm.
- GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- ISAÍÁ, Artur César. “A hierarquia católica brasileira e o passado português”. In: SZESZ, Christiane Marques, etc e tal (orgs.). *Portugal-Brasil no século XX*. Bauru: EDUSC, 2003. p. 233-254.
- LIMA, Manuel de Oliveira. *América latina e América inglesa*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1984.
- LOBATO, Monteiro. *MR Slang e o Brasil e o problema vital*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: uma filosofia a marteladas*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____ . *Explorações*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- _____ . *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo de Saquarema*. Rio de Janeiro: ACCESS, 1994.
- MELLO, Antônio Silva. *Estados Unidos: prós e contras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MOOG, Vianna. *Em busca de Lincoln*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____ . *Bandeirantes e pioneiros*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- _____ . *Obras de Vianna Moog*. Rio de Janeiro: Delta, 1966.
- _____ . *Um rio imita o Reno*. 8. ed. Porto Alegre: Globo,
- _____ . *Uma interpretação da literatura brasileira e outros escritos*. Rio de Janeiro: Delta, 1966. v. X.
- MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- MOSCATELI, Renato. Um redescobrimento historiográfico do Brasil. *Revista de História Regional*, v. 5, n. 1, verão 2000: <http://www.rhr.uepg.br/v5n1/renato.htm>.
- MOTA, Loureiro Dantas (org.). *Um banquete no trópico*. São Paulo: SENAC, 2001.
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

- NAPOLITANO, Marcos. “Cultura, modernidade e brasilidade (1922-1979)”. In: SZESZ, Christiane Marques, etc tal (orgs.). *Portugal-Brasil no século XX*. Bauru: EDUSC, 2003. p. 295-308.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____ . *Para além do bem e do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “A ilusão americana”. In: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Um banquete no trópico*. São Paulo: Senac, 2001. p. 134-150.
- _____ . *Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- PAIVA, Ângela Randolpho. “Luzes weberianas na comparação entre as esferas religiosas do Brasil e dos Estados Unidos”. In: SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o protestante*. Brasília, DF: UNB, 1999. p. 257-264.
- PESAVENTO, Sandra Jatay. Cruzamento de leituras: José Lins do Rego e Cyro Martins sob o olhar da História. São Paulo: Xamã, 1997. p. 249-254.
- _____ . Negritude, mestiçagem e lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (orgs.). *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p. 177 – 191.
- PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- _____ . *História e teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- RIBEIRO, Renato Janine. Pensar o Brasil. Disponível em: <http://www.renatojanine.pro.br/Divulgacao/pensar.html>. Também publicado em Portugal: revista *O Mundo em Português*, n. 41, fev. 2003.
- RISÉRIO, Antônio. Cor, som e sexo: nota sobre a bunda e a alegria brasileira. Revista online: *Bravo*. Disponível em: <http://www.bravonline.com.br/impressa.php?edit=en&numEd=88&abrparc=uol>. Acessado em: 20 jun. 2005.

- RODEGHERO, Carla Simone. A dinâmica da diferença: uma análise do olhar norte-americano sobre o Brasil no início da década de 1960. *História: Debates e tendências*, Passo Fundo, UPF, v. 4, n. 1, p. 124 - 132, jul. 2003.
- SCHWARTZMAN, Simon. O espelho de Morse. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 22, p. 185-192, out. 1988.
- SHAKESPEARE, William. *A tempestade e A comédia dos erros*. São Paulo: Tecnoprint, 1992. (Coleção Universidade).
- SILVA, Mozart Linhares. *Aquém e além da modernidade: aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre*. Portugal: Sociedade Portuguesa de Antropologia, 2003. (Trabalhos de Antropologia e Etnologia).
- SILVA, Sérgio Seligmann. *História, memória, literatura*. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SKIDMORE, Thomas. *O Brasil visto de fora*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- SOARES, Luiz E. “A duplicidade da cultura brasileira”. In: SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o protestante*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999, p. 223-235.
- SOARES, Maria de Lourdes. O ensaísmo de Eduardo Lourenço: a inquieta e luminosa experimentação do (im)possível. *Revista Literatura e Cultura*. Disponível em: http://www.lettas.ufrj.br/litcult/revista_litcult/volume1/ler.php?id=12. Acessado em: 20 set. 2005.
- SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o protestante*. Brasília, DF: UNB, 1999.
- SURO Joaquim Rodrigues. *Érico Veríssimo: história e literatura*. Porto Alegre: Luzzatto, 1985.
- TOCQUEVILLE, Aléxis. *A democracia americana*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TOURAINÉ, Alain. *A crítica da modernidade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.
- TRILLO, Maurício Tenório. Diálogo com Thomas Bender e David Thelen. Caminhando para a desestadunização da história dos Estados Unidos: um diálogo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27.
- Uma Entrevista com Richard Morse. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-93, 1989.

- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: histórica tropical e polêmicas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. 18. ed. São Paulo: Globo, 1998a.
- _____ . *Gato preto em campo de neve*. 23. ed. São Paulo: Globo, 1998b.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a História*. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.
- VIANNA MOOG, ensaísta literário e sociológico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 abr. 1955. Disponível em: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos/imprensa/vianna_moog.htm. Acessado em: 15 maio 2005.
- VIEIRA, Nelson H. “Um caçador de almas no país do s ianques: Érico Veríssimo e a América caleidoscópica”. In: BORDINI, Maria da G. (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 183 – 206.
- WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 14, n. 2. Apr./June 2000. Scielo. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200006&script=sci_arttext&tlng=pt. p. 38. Acessado em: 10 abr. 2005.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.
- WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7 – 72.